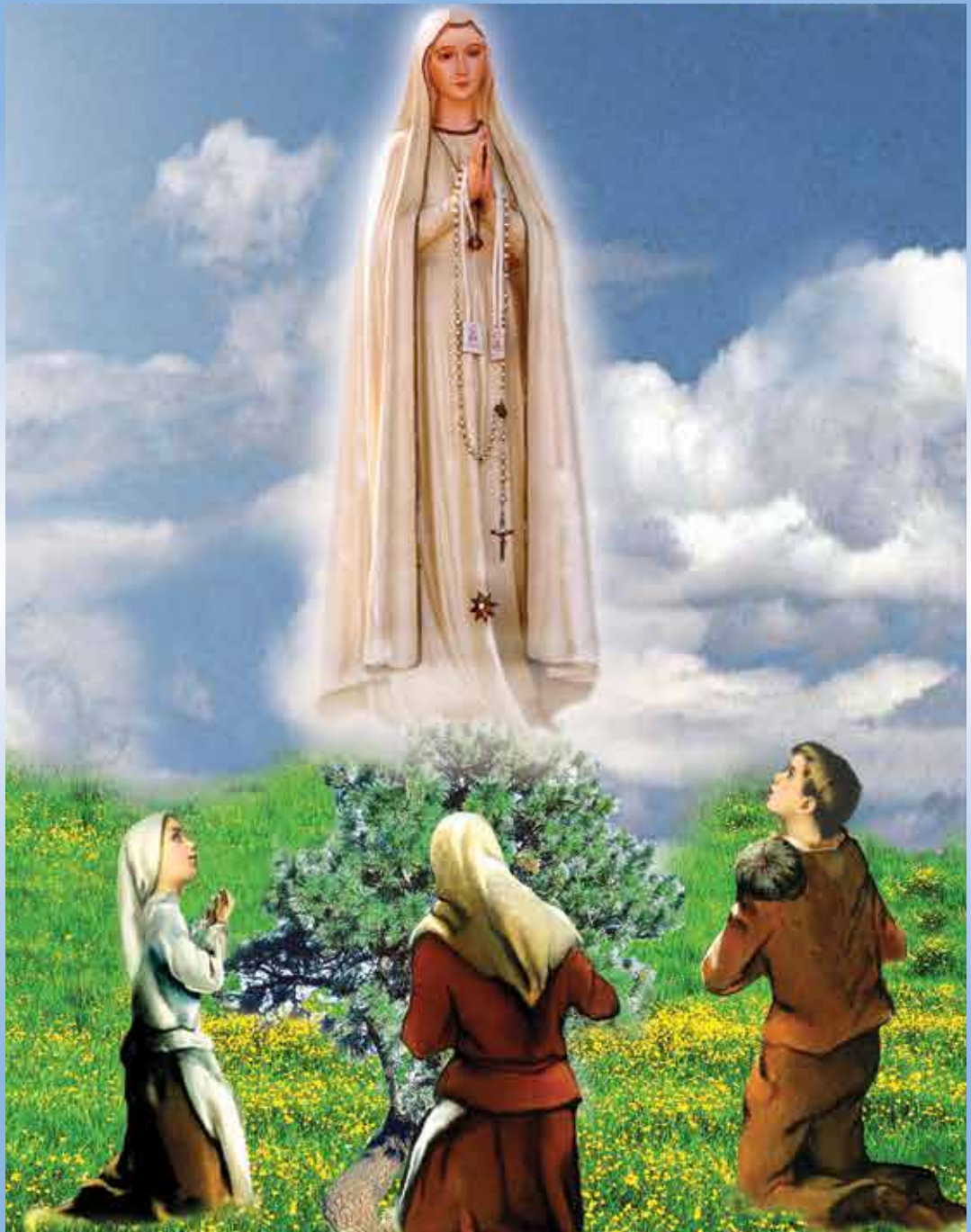


A VERDADEIRA HISTÓRIA DE FÁTIMA



**Uma narração completa das
Aparições de Fátima**



Jesus e Maria visitam a Irmã Lúcia de Fátima no convento de Pontevedra, a 10 de Dezembro de 1925

Lúcia, falando de si própria na terceira pessoa, dá o relato da visita de Nossa Senhora: “No dia 10 de Dezembro de 1925, apareceu-lhe a Virgem Santíssima e, a Seu lado, suspenso em uma nuvem luminosa, o Menino Jesus. Pousando-lhe a mão sobre o ombro, a Virgem Santíssima mostrou-lhe, ao mesmo tempo, um coração que tinha na outra mão, cercado de espinhos. Ao mesmo tempo, disse o Menino:

“-Tem pena do Coração de tua Mãe Santíssima que está coberto de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos Lhe cravam sem haver quem faça um acto de reparação para os tirar’.

“Em seguida, disse à Irmã Lúcia a Santíssima Virgem:

(veja-se o resto da descrição na página 89)

A Verdadeira História de Fátima

Uma narração completa das Aparições de Fátima

Pelo Padre João de Marchi, I.M.C.

Copyright ©2017 The Fatima Center

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, guardada em sistema informático, ou transmitida de qualquer forma ou por meios eletrônicos, mecânicos, por fotocópia, ou por gravação, ou por outro meio, exceto para inclusão de citações breves numa recensão, sem a autorização prévia, dada por escrito pelos editores

Dirigir toda a correspondência a:

CRUZADA INTERNACIONAL DO ROSÁRIO DE FÁTIMA
Associação Cultural
Apartado 4032
3030-901 Coimbra, PORTUGAL

Não é para venda. Apenas para distribuição gratuita.

A publicação deste livro foi possível graças às oferendas de boa vontade de muitos milhares de Católicos em todo o mundo, que, unidos como membros do Corpo Místico de Cristo na Igreja Militante na terra, desejam ver triunfar a mensagem de esperança e de amor de Nossa Senhora de Fátima. Para esse fim, sacrificaram-se e rezaram, e assim fizeram com que este livro fosse uma realidade.

“O que se tem passado em Portugal proclama o milagre. É o prenúncio do
que o Imaculado Coração prepara para o mundo.”

...Sua Eminência, o Cardeal Patriarca de Lisboa

UMA HISTÓRIA VERDADEIRA de como tudo aconteceu. Foi recolhida diretamente
das Memórias da Irmã Lúcia e comprovada por ela pessoalmente.

MAIS DE 3 MILHÕES DE EXEMPLARES IMPRESSOS.

-Ajude a dar a conhecer a Mensagem de Nossa Senhora, emprestando este livro a
outras pessoas.

Índice

Capítulo I O Anjo	7
Capítulo II Os Pastorinhos de Fátima	11
Capítulo III A Primeira Aparição	15
Capítulo IV A Segunda Aparição	21
Capítulo V A Terceira Aparição	28
Capítulo VI A Sacrifícios e Sofrimentos	32
Capítulo VII A Quarta Aparição	36
O Administrador	36
O “Embuste”	38
A Provação	40
O Segredo	41
No dia 19 de Agosto.....	42
Capítulo VIII A Quinta Aparição.....	45
Capítulo IX A Sexta Aparição	50
Capítulo X A Sexta Aparição (continuação)	55
Capítulo XI O Francisco Vai à Frente.....	61
Capítulo XII A Morte da Jacinta	67
Capítulo XIII A Capela na Cova da Iria.....	77
Capítulo XIV A Missão da Lúcia	79
Apêndice I Os Cinco Primeiros Sábados de Reparação.....	89
Apêndice II: A Consagração da Rússia não foi realizada	93
Apêndice III Compromisso para pedir a Paz.....	99
Palavras de Nossa Senhora de Fátima sobre o Santíssimo Rosário	99
Acto de Consagração ao Imaculado Coração de Maria	100
A Irmã Lúcia fala sobre o Terço.....	100
As Sete Orações de Fátima.....	100



A Irmã Lúcia voltou pela primeira vez a Fátima numa breve peregrinação, em Maio de 1946. Vemo-la nesta foto com o hábito de Religiosa Doroteia – ela só entrou na Ordem Carmelita em 1948.

Vemos junto dela, aqui em Fátima, o Padre João de Marchi – Autor deste livro – e também duas das sobrinhas da Irmã Lúcia. .

Fátima e a Igreja Católica: Algumas Notas Pertinentes

Em Fátima, o Padre de Marchi dedicou horas e dias de pesquisa *in loco*, para redigir este livro. Falou longamente com muitas testemunhas, entre elas o Ti Marto, pai de Jacinta e Francisco, e a Maria Carreira, uma das testemunhas mais importantes que primeiro veio à Cova da Iria para assistir à Aparição de 13 de Junho de 1917. A maior parte das testemunhas que entrevistou, agora já faleceram. Este livro é um clássico da literatura sobre Fátima. Só em língua inglesa e desde a data em que foi escrito, imprimiram-se mais de três milhões de exemplares.

Desde 1947, ano da primeira edição deste livro do Padre de Marchi, depois de ele ter passado três anos e meio na aldeia de Fátima e seus arredores, aconteceram muitas coisas que dão ainda mais ênfase à autenticidade e à importância de Fátima.

A Igreja Católica Romana aprovou e promoveu amplamente as Aparições de Fátima como sendo dignas de Fé. Sete papas sucessivos ratificaram as Aparições e a Mensagem de Fátima. E vários Papas ali foram em peregrinação.

O Papa Paulo VI foi peregrino de Fátima em 13 de Maio de 1967. O Papa João Paulo II foi a Fátima três vezes. A primeira vez foi a 13 de Maio de 1982, para agradecer a Nossa Senhora de Fátima ter-lhe salvado a vida no ano anterior. Voltou lá outra vez a 13 de Maio de 1991, e de novo a 13 de Maio de 2000.

O Papa João Paulo II proclamou a milhões de almas que a Igreja se sente interpelada pela Mensagem de Fátima. Ele instituiu oficialmente o dia 13 de Maio como a Festa de Nossa Senhora de Fátima e colocou-a no Missal Romano, o livro de oração oficial da Igreja Católica.

O Papa Bento XVI afirmou que a Mensagem de Fátima é a advertência mais profética do Século XX.

A Jacinta Marto e o seu irmão Francisco Marto foram beatificados pelo Papa João Paulo II em Fátima, no dia 13 de Maio de 2000, perante um milhão de peregrinos. Assim a Igreja reconheceu a santidade heróica dos Pastorinhos que viram Nossa Senhora de Fátima.

A sua prima, a Irmã Lúcia de Fátima, faleceu a 13 de Fevereiro de 2005, com a idade de 97 anos. A sua causa de beatificação foi formalmente aberta a 13 de Fevereiro de 2008.

Capítulo I

O Anjo

Fátima é uma aldeia situada no centro de Portugal, a uns 100 quilómetros a norte de Lisboa. É formada por numerosos lugares escondidos na elevação conhecida como Serra de Aire. Um desses lugares chama-se Aljustrel; e é aqui, e mais precisamente nos pastos rochosos circundantes, que se centra a nossa história.

Num dia do ano de 1915, data que não ficou especificada em qualquer registo histórico, quatro meninas andavam a brincar nos campos. A Lúcia de Jesus dos Santos, nessa altura com oito anos, era uma delas. Quando o sol lhes indicou que tinha chegado o meio-dia, sentaram-se para comer a sua merenda e, uma vez terminada, começaram a rezar o Terço como era seu costume, apesar da sua pouca idade. Enquanto rezavam o Terço, todas quatro repararam no repentino aparecimento duma nuvem com forma humana a flutuar sobre o arvoredado do vale.

“Como uma nuvem mais branca que a neve, algo transparente, com forma humana” – era a descrição de Lúcia.

As crianças surpreenderam-se e ficaram cheias de admiração. Não podiam compreender o que seria aquilo. E ainda mais se admiraram quando a estranha figura branca lhes apareceu mais duas vezes. Não lhes fazia apenas uma visita de passagem. E por isso deixou no espírito das pequenitas, especialmente no da Lúcia, uma impressão inexplicável. Embora tal impressão permanecesse longamente, ia-se todavia desvanecendo com a passagem do tempo. Talvez até a tivessem esquecido por completo, se não fossem os factos que depois se lhe seguiram.

Passou um ano. A Lúcia, como de costume, estava fora nos campos com as ovelhas. Desta vez, eram os seus priminhos, a Jacinta e o Francisco, a acompanhá-la, sendo agora também pastorinhos e companheiros de recreio.

“Fomos com as nossas ovelhinhas para uma propriedade de meus pais, que fica ao fundo do Cabeço”¹, lembra a Lúcia, dando-nos de cor os pormenores precisos. “Essa propriedade chamava-se Casa Velha. Aí pelo meio da manhã, começou a cair uma chuva miudinha, pouco mais que orvalho. Subimos a encosta do monte, seguidos das nossas ovelhinhas, à procura de um rochedo que nos servisse de abrigo. Foi então que pela primeira vez entrámos nessa loca abençoada. Fica no meio dum olival pertencente a meu padrinho Anastácio. Avista-se dali a pequena aldeia onde nasci, a casa de meus pais, os lugares da Casa Velha e Eira da Pedra. O olival, pertencente a vários donos, continua até se confundir com estes pequenos lugares.

“Aí passámos o dia” – continuou a Lúcia – “apesar da chuva haver passado e do sol se haver descoberto lindo e claro. Comemos a merenda e rezámos o Terço. Terminada a reza, começámos a jogar às pedrinhas.

“Alguns momentos havia que jogávamos, e eis que um vento forte sacode as árvores e faz-nos levantar a vista para ver o que se passava, pois o dia estava sereno; e eis que começámos a ver, a alguma distância, sobre as árvores que se estendiam em direção ao Nascente, uma luz mais branca que a neve, com a forma dum jovem transparente, mais brilhante que um cristal atravessado pelos raios do sol.” Lúcia tentou descrever cada pormenor da sua aparência. “À medida que se aproximava, íamos-lhe distinguindo as feições. Estávamos surpreendidos e meio absortos, e não dizíamos palavra. Ao chegar junto de nós, disse:

“-Não temais! Sou o Anjo da Paz. Orai comigo!”

E ajoelhando em terra, o Anjo curvou a frente até ao chão. Levados por um movimento

¹ O Cabeço, uma elevação rochosa com uns 30 metros de altura.



Os Três Pastorinhos de Fátima: Lúcia dos Santos (à direita) e os seus dois primos, Jacinta e Francisco Marto

sobrenatural, os Pastorinhos imitaram-no e repetiram as palavras que lhe ouviram pronunciar:

“Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam! Depois de repetir isto três vezes, ergueu-se e disse:

“-Orai assim. Os Corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas.”

O Anjo desapareceu e a atmosfera de sobrenatural que os envolvia era tão intensa que quase não se davam conta da própria existência. Permaneceram por um grande espaço de tempo na posição em que o Anjo os tinha deixado, repetindo sempre a mesma oração.

“A presença de Deus sentia-se tão intensa e íntima que nem mesmo entre nós nos atrevíamos a falar. No dia seguinte sentíamos o espírito ainda envolvido por essa atmosfera, que só muito lentamente foi desaparecendo. Nenhum de nós pensou em falar desta aparição nem em recomendar segredo. Ela de si o impôs. Era tão íntima, que não era fácil pronunciar sobre ela a menor palavra. Fez-nos talvez também maior

impressão, por ser a primeira assim manifesta.”

Como crianças que eram, o fervor especial diminuiu e não passou muito tempo até que as brincadeiras, os jogos, as cantigas e as danças recomeçassem com o mesmo vigor. Permaneceu, no entanto, um efeito notável que parece em harmonia com os acontecimentos que se seguiriam. Os três priminhos ficavam contentes de passarem todo o tempo juntos.

Quando chegou o Verão, abrasador na aridez da serra, os pequenitos acordavam ao amanhecer para levarem as suas ovelhas aos campos, para elas encontrarem a erva orvalhada na frescura da manhã. Quando o orvalho se tinha evaporado e o calor lhes tirava o apetite, reconduziam-nas ao aprisco, para voltarem a sair ao fim da tarde, quando outra vez as conduziam aos campos. Todo esse tempo era então aproveitado pelos pastorinhos para o repouso e os folguedos, à sombra acolhedora das figueiras. Quando estavam cansados, relaxavam junto do poço, sob a copa arrendada das oliveiras e amendoeiras. Foi neste local, enquanto eles estavam ali a descansar, que o Anjo se lhes mostrou outra vez. Lúcia diz-nos o que aconteceu:

“-Que fazeis?” De repente o Anjo apareceu junto deles.

“-Orai, orai muito! Os Corações Santíssimos de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Ofereci constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios.”

“-Como nos havemos de sacrificar?” – perguntou a Lúcia.

“-De tudo o que puderdes, ofereci um sacrifício ao Senhor em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores. Atraí assim, sobre a vossa Pátria, a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai, com submissão, o sofrimento que o Senhor vos enviar.”

Somente a Lúcia e a Jacinta ouviam as palavras do Anjo. O Francisco apenas via o Anjo e sabia que ele estava a falar com as meninas. Cheio de curiosidade, ele queria saber o que o Anjo lhes dissera.

“-Jacinta, diz-me tu o que o Anjo disse!”

“-Amanhã de manhã to digo. Hoje não posso falar.” – a pequenita sentia-se tão esgotada que lhe faltavam as forças para falar.

Ao outro dia e logo que se levantou, o Francisco perguntou à Jacinta:

“-Conseguiste dormir esta noite? Eu estive sempre a pensar no Anjo e no que ele te teria dito.”

E a Lúcia contou-lhe tudo o que o Anjo dissera. O pequenito não compreendia o significado das palavras do Anjo, e interrompia-a frequentemente:

“-Que é o Altíssimo?... Que quer dizer ‘os Corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas?...’”

E, recebida a resposta, ficava pensativo” – conta a Lúcia – “para depois recomeçar com outras perguntas. Mas o meu espírito não estava de todo livre, e por isso disse-lhe que esperasse até ao dia seguinte.”

Esperou, satisfeito, durante um bocado, mas não deixou perder a primeira ocasião para fazer novas perguntas, o que fez a Jacinta levantar a voz: “-Tem cuidado; nestas coisas fala-se pouco!”

“Quando falávamos do Anjo” – diz a Lúcia – “não sei o que sentíamos. A Jacinta até costumava dizer:

‘-Não sei o que me acontece, que não posso falar nem brincar nem cantar, e não tenho forças para nada.’

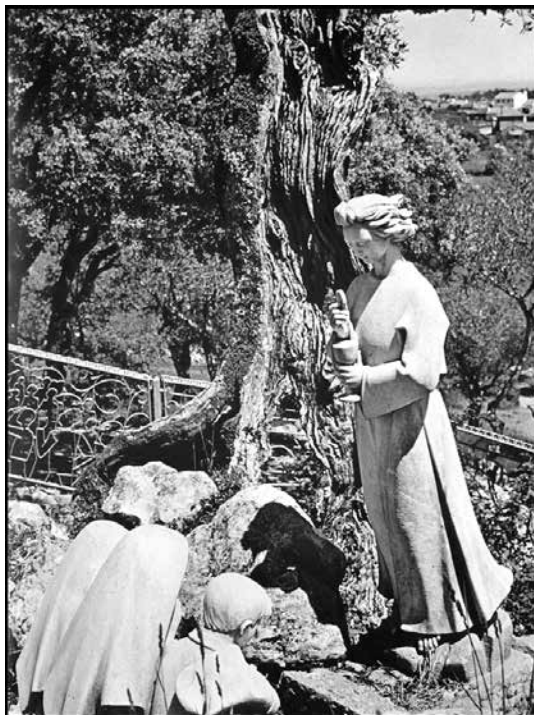
‘-Eu também não’ – respondia o Francisco – ‘-Mas que importa? O Anjo é mais importante que tudo isso. Pensemos nele!’”

Anos mais tarde, a Lúcia revelou: “Aquelas palavras do Anjo eram como uma luz que nos fazia compreender quem era Deus, como nos amava e queria ser amado, o valor do sacrifício e como ele Lhe era agradável, e como, por atenção a ele, convertia os pecadores. Por isso, desde esse momento, começámos a oferecer ao Senhor tudo o que nos mortificava, mas sem discorrermos a procurar outras mortificações ou penitências, excepto a de passarmos horas seguidas prostrados por terra, repetindo a oração que o Anjo nos tinha ensinado.”

Aproxima-se o Outono. Os pastorinhos saíram aos campos com as ovelhas para passar todo o dia. Estava-lhes destinada outra visita de surpresa.

“Passámos da Pregueira para a Lapa, dando a volta à encosta do monte pelo lado de Aljustrel e da Casa Velha.” – continua a Lúcia na sua narração – “Rezámos aí o nosso Terço e a oração que, na primeira aparição, o Anjo nos tinha ensinado. Estando, pois, aí, apareceu-nos o Anjo pela terceira vez, trazendo na mão um Cálice e, sobre ele, uma Hóstia da qual caíam algumas gotas de sangue dentro do Cálice. Deixando o Cálice e a Hóstia suspensos no ar, prostrou-se em terra e repetiu três vezes a oração:

“Santíssima Trindade, Padre, Filho, e Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os Sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com



Este conjunto de estátuas situa-se no lugar onde os três Pastorinhos viram o Anjo e receberam dele a Sagrada Comunhão

que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.”

Depois o Anjo, levantando-se, tomou de novo o Cálice e a Hóstia e deu-me a Hóstia a mim e o que continha o Cálice deu-o a beber à Jacinta e ao Francisco, dizendo ao mesmo tempo:

“-Tomai e bebei o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus.”

De novo se prostrou em terra e repetiu connosco mais três vezes a mesma oração: Santíssima Trindade...” e desapareceu.

O significado completo desta visão ia-se revelando lenta e assombrosamente aos seus espíritos jovens. Tornavam-se absortos, em todo o seu ser, por este sentimento novo, estranho e ao mesmo tempo feliz, da presença interior de Deus. Guardaram silêncio por algum tempo. O Francisco foi o primeiro a quebrá-lo. Não tinha ouvido o Anjo e estava ansioso por saber tudo.

“-Ó Lúcia” – disse ele – “o Anjo deu-te a Sagrada Comunhão; mas a mim e à Jacinta, o que é que nos deu?”

E a Jacinta, pronta, transbordando de incontida alegria, respondeu: “-Foi o mesmo, a Sagrada Comunhão: não viste que era o Sangue que gotejava da Hóstia?”

“-Eu sentia que Deus estava em mim” – concordou ele – “mas não sabia de que maneira.”

E, ajoelhados no chão, os três ficaram longo tempo, de coração cheio de ânimo, repetindo sempre a inspirada oração do Anjo.



O Poço no jardim da Lúcia onde o Anjo apareceu pela segunda vez.

Capítulo II

Os Pastorinhos de Fátima



Jacinta Marto (sete anos), Lúcia dos Santos (dez anos) e Francisco Marto (nove anos), os três videntes a quem Nossa Senhora apareceu em Fátima em 1917.

A mais velha dos três Pastorinhos a quem Nossa Senhora ia aparecer em Fátima era a Lúcia de Jesus dos Santos. Nascera em 22 de Março de 1907, e era a última dos sete filhos do Senhor António dos Santos e da sua mulher Maria Rosa que moravam em Aljustrel, lugar que viceja como um oásis na aridez pedregosa da Serra de Aire e que fazia parte da aldeia de Fátima. O Sr. Santos era um agricultor cujas pequenas terras se situavam nos campos da vizinhança.

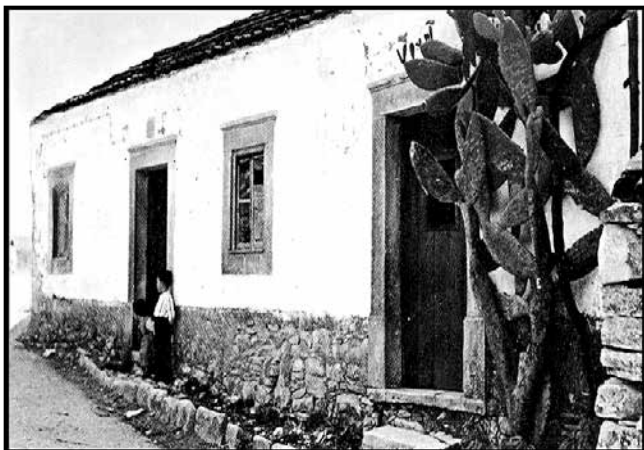
A Lúcia foi sempre sã e robusta, mas não era de feições delicadas. O nariz um pouco achatado, os lábios grossos e a boca larga: qualquer fisionomista lhe teria certamente atribuído um carácter antipático. No entanto, o seu temperamento de ânimo particularmente feliz e o seu génio excelente faziam-lhe a cara atrativa, e esta formosura transparecia dos seus grandes olhos pretos que brilhavam sob espessas sobrancelhas. Era especialmente carinhosa para com as crianças e desde muito jovemzinha, começou a mostrar as suas qualidades na ajuda que dava às mães no cuidado dos seus pequenitos. Era dotada de uma maneira singular, pelo seu afeto e desenvoltura, de captar a atenção das

outras crianças. Também era conhecida por gostar de se vestir bem. Nas numerosas festas religiosas era sempre a mais pitoresca entre todas as meninas. Além disso, ela gostava muito destas ocasiões festivas por serem alegres, e especialmente pela dança.

O pai da Lúcia era como muitos homens do seu estrato social. Fazia o seu trabalho, cumpria os seus deveres religiosos, e passava o tempo livre com os amigos na taberna, deixando os filhos inteiramente ao cuidado da mulher. E ela era muito capaz de fazer esse trabalho, embora fosse talvez um pouco rigorosa demais na sua disciplina.

Devotamente religiosa, a Sr.^a Maria Rosa era mais sensata que muitos outros e, ao contrário da maioria dos seus vizinhos, sabia ler. Por isso podia ensinar o Catecismo quer aos seus filhos quer às crianças vizinhas. Ao fim da tarde lia-lhes passagens da Bíblia ou de outros livros piedosos, e recordava-lhes com diligência as suas orações, insistindo em particular na reza do Terço, a devoção tradicionalmente preferida do povo português. Não deve surpreender-nos, portanto, que a Lúcia estivesse apta a receber a Primeira Comunhão aos seis anos de idade em vez de ser aos dez, como era costume nessa altura.

O Francisco e a Jacinta, os outros dois protagonistas desta história, eram primos direitos da Lúcia e eram, respectivamente, o oitavo e o nono dos filhos do casamento entre o Sr. Manuel Marto e a Sr.^a Olímpia de Jesus dos Santos, que contraíra segundas núpcias por ter falecido o seu primeiro marido que lhe dera dois filhos. A Sr.^a Olímpia era irmã do Sr. António dos Santos, pai da Lúcia.



Exterior e interior da casa onde o Francisco e a Jacinta nasceram.



A casa onde a Lúcia nasceu.

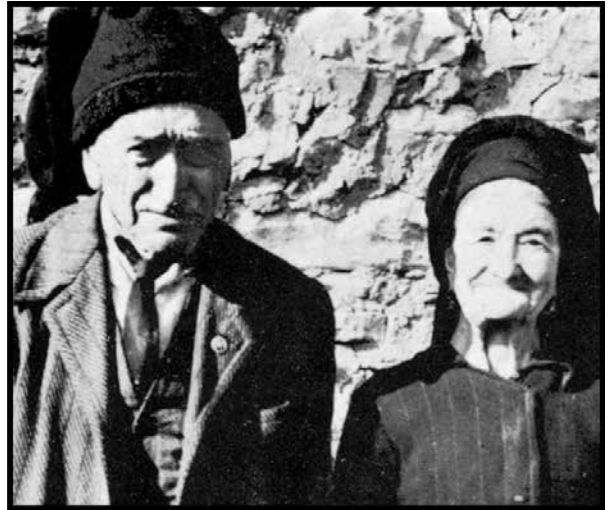
O Francisco, o mais novo dos rapazes, nascera em 11 de Junho de 1908. Veio a ser um menino muito bonito, de temperamento semelhante ao do pai – o Ti Marto, como era geralmente conhecido. A Lúcia lembra que “Ao contrário da Jacinta, às vezes caprichosa e vivaz, ele era duma natureza pacífica e condescendente.” Embora gostasse muito de entrar em jogos, pouco lhe importava se ganhava ou perdia. Efetivamente, havia alturas em que, como a Lúcia nos diz, “Eu mesma simpatizava pouco com ele porque o seu temperamento pacífico excitava até os nervos da minha excessiva vivacidade. Às vezes, pegava-lhe num braço e fazia-o sentar no chão ou numa pedra e ordenava-lhe que estivesse quieto... Depois pesavame de ter feito isso e ia buscá-lo e, tomando-o pela mão, trazia-o comigo com a mesma boa disposição como se nada tivesse acontecido.”

E contudo, lembra seu pai, “era às vezes mais intempestivo, mais desinquieto que a irmãzinha. Por qualquer coisa perdia a paciência, por qualquer coisa se agitava, que até parecia um bezerro. Não era nada medroso. Ia de noite sozinho a qualquer sítio escuro sem mostrar receio nem sequer contrariedade. Brincava com os lagartos e as cobras que encontrava; fazia-os enrolar em volta do seu pau e dava-lhes a beber nos buracos das pedras o leite das ovelhas.”

O Ti Marto, embora analfabeto, era um homem de verdadeira sabedoria e prudência. Tinha um sentido de valores que era excepcional, e deveria ter instilado no espírito e no coração do Francisco uma profunda apreciação da natural formosura da vida. Já em pequenino ele gostava de contemplar

o mundo que o rodeava: a vastidão dos céus, a maravilha das estrelas, e as numerosas belezas da natureza ao amanhecer e ao pôr-do-sol. O Francisco também gostava de música e trazia consigo um píforo de cana com que acompanharia a Lúcia, sua prima, e a Jacinta, sua irmã, suas companheiras ambas, que cantavam e dançavam.

A Jacinta nasceu a 11 de Março, e era quase dois anos mais nova do que o irmão. De carácter sensivelmente diverso do dele, assemelhava-se-lhe muito no aspeto exterior. Como o Francisco, tinha o rosto redondo e feições duma regularidade perfeita; boca pequena, lábios finos, corpinho bem proporcionado, mas não era tão robusta como o Francisco. Uma bebé quieta e bem-comportada que veio a ser uma menina amorosa, embora tivesse uma tendência precoce para ser egoísta. Era facilmente piedosa, mas igualmente dada a divertir-se. Com efeito, parece ter sido ideia sua, algum tempo antes das aparições, reduzir o Terço diário a uma repetição só das duas primeiras palavras da *Avé Maria*, uma prática que, evidentemente, logo abandonaram depois.



O Ti Marto e a Sr.ª Olímpia Marto, os pais de Francisco e Jacinta.

A Jacinta tinha uma grande admiração pela Lúcia e quando a Lúcia começou a ter a tarefa de levar as ovelhas a pastar nos campos, a Jacinta não se calou até que a mãe lhe desse também umas ovelhas para ela poder acompanhar a prima. Todas as manhãs, antes do sol nascer, a Sr.ª Olímpia acordaria o Francisco e a Jacinta, que se benzeriam ao levantar, e rezariam uma breve oração. A mãe, tendo preparado o pequeno-almoço, geralmente um bocado de pão e uma tigela de sopa, iria depois ao curral soltar as ovelhas e, voltando a casa, arranjaria um almoço com o que tivesse à mão, geralmente pão com azeitonas, bacalhau ou sardinhas. Terminado isto, os dois irmãos estariam prontos para ir ter com a Lúcia, com o seu rebanho de ovelhas. Antes das aparições, costumavam juntar-se com as outras crianças, mas depois das aparições do Anjo ficavam em geral os três juntos, afastados dos outros.

A Lúcia escolheria o lugar para o pastoreio do dia. Por regra geral iam aos campos montanhosos, onde o Sr. Santos tinha algumas terras. Às vezes ela levava-os aos campos abertos em redor de Fátima. No entanto, um dos lugares preferidos no Verão era o Cabeço, uma colina herbosa que oferecia a sombra de árvores – oliveiras, pinheiros e azinheiras – assim como da loca (pequena gruta). Estava mais próximo da sua casa que as outras pastagens, e os Pastorinhos achavam-na melhor para se divertirem.

Uma das anteriores companheiras da Lúcia recorda: “A Lúcia era divertida e nós gostávamos de estar com ela porque também era muito simpática. Fazíamos qualquer coisa que ela nos dissesse para fazer! Era muito sensata, e sabia cantar e dançar muito bem; e com ela podíamos passar todo o dia a cantar e a dançar...”

E Lúcia recorda, até hoje, todas as suas canções simples e belas. Quando ouviam o toque dos sinos, ou quando a altura do sol lhes dizia que era meio-dia, paravam com o jogo e com a dança para rezarem o *Angelus*. Depois de comerem o seu almoço rezariam o seu Terço, e depois é que continuava a brincadeira. Voltariam para casa ao fim da tarde para jantar e, depois das orações da noite, é que se iriam deitar.



A casa de Artur Santos, Administrador do Concelho de Ourém, para onde os Três Pastorinhos foram levados no dia 13 de Agosto de 1917, depois de terem sido sequestrados (ver capítulo VII, a começar na página 36).



João Marto, irmão do Francisco e da Jacinta, em Aljustrel (foto de 1966). Ao fundo, a casa da Lúcia.

Capítulo III

A Primeira Aparição

Era o mês de Maio, mês das flores, depois das longas chuvas de Abril que lavam a cara à Terra depois do seu longo sono invernal. É nessa altura que Deus cobre o mundo com jóias mais belas que pedras preciosas. O que há de mais belo do que as primorosas e frescas flores de Maio?

Foi num lindo Domingo, dia treze de Maio do ano de 1917, em plena Primeira Grande Guerra, que Deus enviou à Terra a mais radiosa Flor do Céu, a Sua Mãe Toda Formosa, Maria Santíssima, a Quem passaríamos a dedicar todo o mês de Maio. Nesse dia os Pastorinhos foram cedo a Missa. “Deus nos livre” – diz a Sr.^a Olímpia Marto – “de deixar passar um Domingo sem Missa! Ainda que fosse preciso irmos a Boleiros, à Atouguia, ou até a Santa Catarina, que são quase 9 quilómetros, chovesse ou trovejasse, nunca me lembro de ter faltado à Missa, mesmo quando tinha filhos pequeninos. Levantava-me, então, cedo e deixava tudo à conta do meu homem que ia à Missa do dia. Com cachopicos é que nunca íamos para a igreja. Nem a gente ouve Missa, nem a deixa ouvir aos outros. A gente a pensar que leva ali um anjinho, e leva mas é um diabinho!” Acabada a Missa, a mãe preparou a merenda para os Pastorinhos e lá foram eles com as ovelhas.

Nesse dia, a Lúcia e os seus priminhos encontraram-se, como quase sempre, no Barreiro, terreno alagado fora da aldeia no caminho para Gouveia, de onde depois atravessavam a charneca para a Cova da Iria. Devagarinho, que a dificuldade do piso pedregoso e por vezes eriçado de tojos alongava sensivelmente o caminho, de maneira que só perto do meio-dia chegaram com o rebanho ao referido local. Quando ouviram repicar os sinos na igreja de Fátima chamando para a última Missa, é que deram conta de que era quase meio-dia. Abriram então os farnéis e comeram, guardando, todavia, uns restos para mais tarde. Terminada a merenda, apressaram a reza do Terço e, a seguir, enxotaram as ovelhas mais para o alto. Hoje a brincadeira era a construção, fazendo castelos com as pedras. O Francisco era o arquiteto e o pedreiro; a Lúcia e a Jacinta, as serventes que iam arranjar as pedras.

Enquanto estão assim ocupados, eis que o reflexo vivíssimo de uma luz – a que os Pastorinhos, na falta de outro termo mais apropriado, chamaram relâmpago ¹ – atravessa o ar e vem estorvar as suas construções. Assustados ², deixam as suas pedras, olham primeiro uns para os outros e depois para o céu, e não há a mais ténue nuvem a empanar a imensidade do firmamento; não sopra a mais leve aragem, nem há o mínimo indício de temporal. Mas resolvem que é melhor voltarem para casa antes que chova. Reúnem rapidamente as ovelhas e começam a descer a colina. A meio da descida, no momento em que estão a passar por uma alta azinheira, outro clarão mais forte, mais intenso, lhes tolhe os movimentos. Avançam uns passos e, movidos sem saberem porquê, espontânea e simultaneamente, voltam-se para a direita, e ali sobre a copa de uma

1 Os relâmpagos também não eram propriamente relâmpagos, mas sim o reflexo de uma luz que se aproximava. Por vermos esta luz, é que dizíamos, às vezes, que víamos vir Nossa Senhora; mas, propriamente, Nossa Senhora só A distinguíamos nessa luz, quando já estava sobre a azinheira. O não sabermos explicar e querer evitar perguntas foi que deu lugar a que umas vezes disséssemos que A víamos vir, outras que não. Quando dizíamos que sim, que A víamos vir, referíamos-nos a que víamos aproximar essa luz que, afinal, era Ela. E quando dizíamos que A não víamos vir, referíamos-nos a que, propriamente Nossa Senhora, só A víamos quando já estava sobre a azinheira. (*As Memórias da Irmã Lúcia*)

2 O medo que sentimos não foi propriamente de Nossa Senhora, mas sim da trovoada que supúnhamos lá vir; e dela, da trovoada, é que queríamos fugir. As aparições de Nossa Senhora não infundem medo ou temor, mas sim surpresa. (*As Memórias da Irmã Lúcia*)

pequena carrasqueira ³, vêem uma Senhora formosíssima.

“Era uma Senhora vestida de branco” – assim no-la descreve a Lúcia – “mais brilhante que o sol. Espargindo luz mais clara e intensa que um copo de cristal cheio de água cristalina, atravessado pelos raios mais ardentes do sol.”

- *Não tenhais medo!* – diz a Senhora – *Eu não vos faço mal.*

- *De onde é Vossemecê?* – pergunta-lhe a Lúcia.

- *Sou do Céu* – respondeu a linda Senhora, erguendo a mão em direção ao horizonte distante.

- *E que é que Vossemecê me quer?* – pergunta humildemente a Lúcia.

- *Vim para vos pedir que venhais aqui seis meses seguidos, no dia 13, a esta mesma hora. Depois vos direi quem sou e o que quero. Depois voltarei aqui ainda uma sétima vez.*

- *E eu também vou para o Céu?* – pergunta a Lúcia.

- *Sim, vais.* – assegura-lhe a Senhora.

- *E a Jacinta?*

- *Também.*

- *E o Francisco?*

- *Também, mas tem que rezar muitos Terços* – responde a Senhora.

E a Lúcia faz mais perguntas. Tinham falecido há pouco duas raparigas de Aljustrel que frequentavam a sua casa, e a quem as suas irmãs ensinavam a coser e a tecer.

- *E a Maria do Rosário, filha do José das Neves, está no Céu?*

- *Sim, está.* – responde a Senhora.

- *E a Amélia?*

- *Ainda está no Purgatório.*

Os olhos da Lúcia enchiam-se de lágrimas. Que pena, que a sua amiga Amélia estivesse a sofrer no fogo do Purgatório! Depois a Senhora diz aos Pastorinhos:

- *Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?*

A Lúcia respondeu em nome de todos, com decidida singeleza:

- *Sim, queremos!*

- *Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto* – prometeu a Senhora.

“Foi ao pronunciar estas palavras,” – comenta Lúcia – que Ela “abriu as mãos, comunicando-nos uma luz muito intensa, como um reflexo que delas expedia, que nos penetrava no peito e no mais íntimo da alma fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz, mais claramente do que nos vemos num espelho. Então, por um impulso íntimo também comunicado, caímos de joelhos e repetimos intimamente:

‘Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro... Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento!’”

A Senhora acrescentou ainda:

- *Rezai o Terço todos os dias para alcançar a paz para o mundo e o fim da guerra.*

“Começou então” – continua a Lúcia – “a elevar-se serenamente, subindo em direção ao Nascente, até desaparecer na imensidade do espaço, circundada de uma viva luz que ia como que abrindo caminho no cerrado dos astros”.

Os pequenitos permaneceram ainda algum tempo encantados, de olhar cravado no

³ Há duas espécies de carvalho em Portugal: a azinheira e a carrasqueira. A azinheira é o *Quercus ilex*, famoso na literatura clássica. É um dos carvalhos mais ornamentais, de forma compacta e regular, imponente na sua folhagem lustrosa e perene. As suas bolotas são de um tipo europeu que é comestível. A carrasqueira é o *Quercus coccifera*. É um arbusto de folha perene e cerca de um metro de altura, com folhagem lustrosa e cortante, e que não dá bolotas. Foi em cima de uma carrasqueira que Nossa Senhora apareceu em Fátima.

Céu, no ponto em que Nossa Senhora se sumira. Quando gradualmente voltaram a si e olharam em volta à procura das ovelhas, viram-nas a pastar à sombra das azinheiras. Repararam que elas nem tinham tocado nas verduras do plantio. Qual não foi a sua alegria e gratidão por a Senhora lhes ter guardado as ovelhas! Elas apenas tinham aproveitado, tranquilamente, das ervinhas crescidas entre o tojo, poupando-os assim a um castigo ao chegarem a casa. A sua alegria era imensa e para lá de toda a descrição possível, por terem visto a beleza inigualável da Mãe de Deus. -Era uma Senhora tão linda, tão encantadora! Os Pastorinhos sentiam agora a mesma alegria íntima, a mesma paz e felicidade de quando o Anjo os visitara; mas, na altura em que o Anjo aparecera, era uma espécie de aniquilamento que sentiam na sua presença; enquanto que com Nossa Senhora receberam fortaleza e ânimo. “Em vez desse abatimento físico [sentíamos] uma certa agilidade expansiva”. E a Lúcia descreve a sua reação: “Em vez desse aniquilamento na Divina Presença, um exultar de alegria; em vez dessa dificuldade no falar, um certo entusiasmo comunicativo.”

Os Pastorinhos passaram o resto da tarde naquela Cova abençoada, relembando e saboreando os mínimos pormenores do extraordinário acontecimento. Sentiam-se tão sumamente alegres, embora à mistura com uma profunda preocupação!... É que Nossa Senhora parecia estar triste com alguma coisa, e eles tentavam compreender o significado profundo de cada uma das Suas palavras. Ao mesmo tempo, o Francisco insistia com as meninas, perguntando, para saber tudo o que a Senhora dissera. E elas contaram-lhe tudo. Quando lhe disseram que Nossa Senhora prometera que ele iria para o Céu, o Francisco, exuberante de alegria, cruzou as mãos sobre o peito e exclamou em voz alta: “-Oh minha Senhora, Terços rezo quantos Vós quiserdes!”

A Lúcia achou que era mais prudente eles guardarem segredo da visão. Ela já tinha idade para saber como as pessoas são incrédulas sobre estas coisas; além disso, ela já o experimentara amargamente, quando as meninas que com ela tinham visto o Anjo anteriormente espalharam a novidade pela aldeia. Tanto o Francisco como a Jacinta concordaram com a sugestão da Lúcia. Mas na voz da Jacinta, extraordinariamente expansiva, já se poderia ler quanto devia ser frágil o seu propósito. A carita brilhava-lhe de alegria e dizia muitas vezes:

- *Ai que Senhora tão bonita!*
- *Sei que vais dizer a toda a gente...* – disse a Lúcia, admoestando a Jacinta.
- *Não, não vou dizer a ninguém!* – garantiu-lhe a Jacinta. E mais uma vez a Lúcia, levando o dedo aos lábios, repetiu:
 - *Pschiu!* – mesmo com a mãe!
 - *Pois sim!* – assegurava-lhe novamente a Jacinta.
 - *Vamos guardar isto em segredo!* – concordam todos.

Mas como é que a Jacintinha podia guardar segredo, se tinha visto uma Senhora tão linda?

Quando a Lúcia chegou a casa, não disse nem uma palavra a ninguém sobre a Celeste Visitante. Depois do jantar e das orações, ouviu a leitura do Novo Testamento e deitou-se logo a seguir. Que diferente era a situação em casa dos seus primos! Os Martos tinham ido nesse dia ao mercado comprar uma porquinha. Não estavam em casa quando o Francisco e a Jacinta voltaram dos campos. Nesse meio tempo, o Francisco entretinha-se no quintal, mas a Jacinta pôs-se à porta, à espera que os pais chegassem. Parecia mesmo que já se tinha esquecido por completo da advertência solene da Lúcia: “-Pschiu! – mesmo com a mãe!” A Jacinta nunca tinha segredos para a mãe, e logo hoje que lhe tinha acontecido a coisa mais maravilhosa do mundo, como poderia ela não a contar à mãe?

Finalmente, chegavam os pais: a mãe caminhando adiante, o pai atrás, tocando a porquinha. “A pequena correu ao meu encontro” – conta a mãe – “e agarrou-se-me às

pernas, como nunca tinha feito antes. ‘-Ó mãe’ – gritou-me ela, toda alvoroçada – ‘Vi hoje Nossa Senhora na Cova da Iria.’ ‘-Credo, filha! És uma boa santa para veres Nossa Senhora!’ – respondi-lhe eu.

“A pequena ficou triste, desconsolada, e acompanhando-me para dentro de casa, ia repetindo: ‘-Mas eu vi-A!’ E começou a contar-me o que tinha acontecido. Falou-me do relâmpago... do medo que tiveram... da luz... da Senhora, tão linda, tão bonita!... da Senhora em tanta luz que nem se podia olhar, que cegava a gente... do Terço que é preciso rezar todos os dias.

Mas eu não dava valor às palavras da cachopica, nem lhe dava atenção. ‘-És bem doidinha!’ – dizia-lhe eu – ‘Nem que Nossa Senhora te fosse aparecer a ti!’”

“Fui então preparar um pouco de comida para a porquinha. O meu homem ficara mesmo, naquela altura, no curral a reparar se ela se dava com os outros animais. Repartida a comida pelo gado, e visto que tudo estava bem, retirámos para casa. O meu Manuel sentou-se à lareira e pegou de comer a ceia. Estava cá, também, o António da Silva, cunhado dele, e mais os meus filhos todos, penso, que eram oito. Perguntei então, a meia regra, à Jacinta: ‘-Ó Jacinta, conta lá como foi isso de Nossa Senhora na Cova da Iria!’ E ela prantou-se a contar as coisas com a maior simplicidade deste mundo:

“-Era uma Senhora tão linda, tão bonita!...Tinha um vestido branco, e um cordão de oiro ao pescoço até ao peito... A cabeça estava coberta por um manto branco, também, muito branco. Não sei, mas mais branco que o leite...e tapava-a até aos pés... Era todo bordado de oiro... -Ai que bonito!... Tinha as mãos juntas, assim’ – e a pequena levantava-se do banquito, e juntava as mãos à altura do peito a imitar a Visão. ‘Entre os dedos tinha as contas. -Ai que lindo Terceiro que Ela tinha!... todo de oiro, brilhante, como as estrelas da noite, e um Crucifixo que luzia...que luzia... -Ai que linda Senhora!... Falou muito com a Lúcia, mas nunca falou comigo, nem com o Francisco...Eu ouvia tudo o que elas diziam... -Ó mãe, é preciso rezar o terço todos os dias!... A Senhora disse isso à Lúcia. E disse também que nos levava todos três para o Céu, a Lúcia, o Francisco e mais eu... E mais outras coisas disse que eu não sei, mas que a Lúcia sabe... Quando Ela entrou pelo Céu dentro, parece que as portas se fecharam com tanta pressa que até os pés iam ficando de fora, entalados.”

O Francisco confirmava as declarações da Jacinta. As irmãs ouviam com interesse, mas os irmãos troçavam, fazendo-se eco das palavras da mãe. “És uma boa santinha para que Nossa Senhora te apareça!” O António da Silva tentou dar a sua explicação: “-Se os cachopos viram uma mulher vestida de branco... quem poderia ser senão Nossa Senhora?”

O pai, no entanto, ia ruminando o caso no seu espirito, tentando ligar os princípios religiosos que estavam implicados. Por fim, disse: “Desde o princípio do mundo, Nossa Senhora tem aparecido muitas vezes, de diversas maneiras... E é o que vale... Se o mundo está mau, se não se tivessem dado muitos casos assim, pior estava... O poder de Deus é grande! Não sabemos o que é, mas alguma coisa será... Seja o que Deus quiser!” Mais tarde confessou: “Logo a caminho fiz juízo que era verdade o que os pequenos diziam... Sim, logo acreditei. Pensava que os pequenos não tinham instrução nenhuma, o mínimo de coisa nenhuma. Se não tivesse sido o auxílio da Providência, eles não teriam afirmado isso... Os cachopos mentir?... -Ai, Jesus, o Francisco e mais a Jacinta eram tão contrários a isso!” Mais tarde, na altura em que o Sr. Bispo de Leiria publicou a sua decisão oficial sobre o assunto, outra coisa não faria senão desenvolver os mesmos argumentos que o Ti Marto tinha feito, terminada a sua panela de couves. Finalmente, todos se deitaram, tomando sobre o assunto o conselho do pai: de que deveriam encomendá-lo às mãos de Deus.

Despontou o novo dia e a mãe da Jacinta, sorrindo, contou às vizinhas as confidências da filha. O facto era tão sensacional que em breve, de boca em boca, ficou espalhado por

todo o lugarejo, e acabou por chegar aos ouvidos da família da Lúcia.

A Maria dos Anjos foi a primeira a ouvir a novidade. “-Ó Lúcia,” – disse-lhe a irmã – “ouvi dizer que viste Nossa Senhora na Cova da Iria. É verdade?”

“-Quem é que to disse?” – a Lúcia ficou tão espantada que a novidade se tornasse pública que, depois de se deter um bocado a pensar, gaguejou:

“-E tanto eu lhe pedi que o não dissesse a ninguém!”

“-Porquê?”

“-Porque não sei se era Nossa Senhora. Era uma mulherzinha muito bonita!”

“-E o que é que essa mulherzinha vos disse?”

“-Que queria que fôssemos seis meses a fio à Cova da Iria, e que depois então é que havia de dizer quem era e o que queria.”

“-Não lhe perguntaste quem ela era?”

“-Perguntei-lhe donde era e Ela então disse-me assim: ‘-Sou do Céu.’”

E a Lúcia ficou-se, calada. Parecia que não queria dizer mais; mas a Maria dos Anjos tanto a apertou que lhe contou tudo.

A Lúcia estava muito triste. Chegou então o Francisco e confirmou a suspeita que ela tinha: que foi a Jacinta que tinha sido lingüeira. A princípio, a Sr.^a Maria Rosa riu-se de tudo aquilo. Mas quando a filha mais velha lhe disse o que a Lúcia tinha contado, deu-se conta de que alguma coisa séria estava a acontecer. Chamando a Lúcia logo a seguir, fê-la repetir toda a história. O rumor estava certo! Desde então uma terrível dúvida começou a atormentar a Sr.^a Maria Rosa, dúvida que em breve se transformaria numa certeza: a filha tornara-se uma mentirosa!

Na tarde do dia catorze, como de costume, os Pastorinhos saíram com os seus rebanhos. A Lúcia, assustada pela incredulidade da mãe, conservava-se silenciosa. A Jacinta, por sua vez, ia também pensativa, envergonhada por ter quebrado a sua promessa à Lúcia. A alegria que a Visão lhes tinha causado estava a receber um rude golpe pela irrisão e incredulidade perante a sincera descrição deles. Finalmente, chegados à Cova da Iria, a Jacinta sentou-se numa pedra, caladinha e muito triste. À Lúcia fazia-lhe pena esta desusada atitude da prima, e por isso aproximou-se dela e disse-lhe com um sorriso forçado:

“-Jacinta, anda brincar!”

“-Hoje não quero brincar.”

“-Porquê?”

“-Porque estou a pensar que aquela Senhora nos disse para rezarmos o Terço e fazermos sacrifícios pela conversão dos pecadores; agora, quando rezarmos o Terço, temos de rezar as Avé-Marias e o Padre-Nosso inteiros.”

“-Sim.” – concordou a Lúcia – “E os sacrifícios, como os havemos de fazer?”

“- Podemos dar a nossa merenda às ovelhas.” – sugeriu o Francisco.

A proposta foi aceite. E ao meio-dia os pequenos, embora fosse difícil, por terem o estômago já apertado pela fome, davam às suas ovelhas o pão e o queijo que as mães lhes tinham preparado. À medida que os dias passavam, eles acharam que, em vez de dar o almoço às ovelhas, seria mais do agrado de Nossa Senhora remediar a fome a umas crianças pobres. Quando ao fim do dia a fome se fazia sentir ainda mais, o Francisco subia a umas azinheiras para colher bolotas, apesar de ainda verdes. Mas para a Jacinta, isto não era um sacrifício suficiente. Pensava que seria melhor comer das dos carvalhos, porque eram mais amargas.

“E naquela primeira tarde” – lembra a Lúcia – “saboreámos essa deliciosa refeição. Outras vezes o nosso sustento eram pinhões, raízes de campainhas (florinhas amarelas que têm na raiz uma bolinha do tamanho duma azeitona) amoras, cogumelos e umas coisas que colhíamos nas raízes dos pinheiros, que não me lembro como se chamam; ou fruta, se a havia perto, nalguma propriedade pertencente aos nossos pais”.

Aqueles dias custavam mais a passar do que os outros, porque faltavam os cantares e o ânimo despreocupado que até então lhes aligeirava as horas. Os sofrimentos maiores, todavia, emanariam da parte das próprias famílias. À Lúcia, sobretudo, aguardava-a um verdadeiro martírio. Vizinhas e amigas, mãe e irmãs, tudo contribuiria para a martirizar. O único que não se importava muito com isso era o pai. Encolhendo os ombros, dizia apenas: “histórias de mulheres!” Não obstante, embora ele fosse indiferente, a mãe da Lúcia preocupava-se muito com o assunto. “-Logo era eu que estava guardada para estas coisas! Faltava-me ainda esta para o resto da minha vida! – dizia ela – “Eu que andava sempre com cuidados que não me dissessem mentiras, e agora aquela aparece-me com uma mentira destas!”

E a Sr.^a Maria Rosa não se contentava apenas com lamentos. Chegava à prática, para tentar deter este mau comportamento de sua filha. “Um dia” – comenta a Lúcia – “antes que saísse com o rebanho, quis obrigar-me a confessar que tinha mentido. Não poupou para isso carinhos, ameaças, nem sequer o cabo da vassoura. Em resposta obteve apenas um mudo silêncio ou a confirmação do que já tinha dito. Mandou-me abrir o rebanho e que pensasse bem, durante o dia, que, se nunca tinha consentido uma mentira nos seus filhos, muito menos consentia uma daquela espécie; que, à noite, me obrigaria a ir junto daquelas pessoas a quem tinha enganado, confessar que tinha mentido e pedir perdão. Lá fui com as minhas ovelhinhas, e, nesse dia, já os meus companheiros me esperavam; ao verem-me a chorar, correram a perguntar-me a causa. Contei-lhes o que se tinha passado e acrescentei:

‘-Agora digam-me: que hei-de fazer? Minha mãe quer, a todo o custo, que diga que menti; e como hei-de dizê-lo?’”

Então o Francisco diz para a Jacinta: “-Vês? Tu é que tens a culpa! Para que foste dizer?”

A Jacinta, chorando, põe-se de joelhos, com as mãos erguidas, a pedir-nos perdão.

“-Fiz mal! – dizia ela – Mas eu nunca mais digo nada a ninguém!”

No fim da tarde, a mãe da Lúcia, vendo-se incapaz de arrancar dos lábios da filha a tão desejada confissão, resolveu recorrer ao Pároco. “Quando lá chegares, pões-te de joelhos e dizes-lhe que mentiste e pedes-lhe perdão, ouviste? Dá-lhe as voltas que quiseres; ou tu desenganas essa gente, confessando que mentiste, ou te fecho num quarto onde não possas ver mais a luz do sol. Sempre consegui que os meus filhos dissessem a verdade e agora hei-de deixar passar uma coisa destas na mais nova? Ainda se fosse uma coisa mais pequena!” Mas como podia a Lúcia dizer que não tinha visto aquilo que ela, na verdade, viu? Estavam a verificar-se à letra as palavras da Senhora: “-Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto!”



Artur de Oliveira Santos, Administrador de Ourém, que foi o responsável pelo sequestro dos videntes de Fátima e que os encarcerou em Agosto de 1917, ameaçando os Pastorinhos com a morte se não revelassem o Segredo que a Virgem Maria lhes confiara. Mas eles recusaram render-se à ameaça e, finalmente, foram libertados. (Veja-se o capítulo VII que começa na p. 36)

Capítulo IV

A Segunda Aparição

Aproximava-se já o dia 13 de Junho, dia marcado pela Senhora do Céu para a Sua segunda visita aos Pastorinhos. A notícia da aparição tinha alastrado por toda a parte e provocado as impressões mais diversas. Alguns acreditavam, mas a maioria não. De facto, tanto os Pastorinhos como os pais eram ridicularizados pelos seus vizinhos. Havia ásperas censuras à fraqueza dos pais ou à sua incapacidade de darem aos filhos a educação e até o corretivo que tais circunstâncias exigiam. “- Se fosse minha filha!...” – dizia um, amarfanhando nas mãos o barrete. E outro ainda, brandindo o varapau: “-Uma boa sova acabava-lhes logo com as visões!” Mesmo os outros miúdos riam e troçavam deles, quando acontecia passar a Lúcia ou os primos.

Entretanto, a mãe da Lúcia, na sua boa fé, foi pedir a opinião ao Pároco da aldeia, o Rev.^{do} Padre Manuel Marques Ferreira. Depois de ter ouvido a sua versão da história, ele sugeriu que deixassem os Pastorinhos voltar à Cova da Iria naquele dia 13 e que lhos levassem depois. Ele os interrogaria, cada um por sua vez. Ao voltar para casa, a Senhora Maria Rosa encontrou o Ti Marto e contou-lhe o que o Pároco tinha aconselhado. Julgou ele sensato ir também e falar com o Pároco. Quando chegou à reitoria, e o convidaram a entrar, disse: “-Senhor Prior, a minha cunhada acaba de me dizer que o Senhor quer que eu venha aqui com os pequenos depois da próxima aparição, cada um separadamente. Venho agora para saber o que é o melhor para nós fazermos”.

“-Pois é, tanta trapalhada!” – disse o Prior. “- Umas vezes é branco, outras vezes é preto!”

“-O Sr. Prior acredita mais nas mentiras que nas verdades.” – respondeu o Ti Marto com toda a calma.

“-Eu nunca ouvi dizer coisas destas senão agora!” – respondeu o Pároco, visivelmente irritado com todo aquele assunto – “Os outros sabem as coisas primeiro que eu! Se quiser trazê-los, traga-os; se não quiser, não os traga.”

“-Ó Sr. Prior, para bem e em bem, eu venho.”

Então oTi Marto levantou-se, dirigiu-se à varanda e tratou de se ir embora, mas quando ia ao meio da escada, o Sr. Prior disse-lhe de novo:

“-Ó Ti Marto, isso fica à sua responsabilidade. Se quiser trazê-los, traga-os; se não quiser, não os traga.”

“-Ó Sr. Padre, em bem e para bem, venho cá. Para desarmonia, não!”

Entre aqueles poucos que acreditavam, há uma que merece menção especial: a Sr.^a Maria dos Santos Carreira que mais tarde ficou a ser conhecida como a Sr.^a Maria da Capelinha. No quarto onde vivia nos baixos do Hospital do Santuário de Fátima, contou ao autor tudo quanto sabia acerca dos factos extraordinários da Cova da Iria que ela, quase desde o princípio, teve a dita de presenciar. “Sempre fui doente” – disse ela – “e havia sete anos antes das aparições que estava mesmo desenganada dos médicos: pouco tempo me davam de vida. Tinham passado dois ou três dias depois da primeira aparição, o meu homem, que tinha ido trabalhar com o pai da Lúcia contou-me o que se dizia sobre a filha dele.”

Essa noite, o Sr. Manuel Carreira disse à mulher: “Olha, Maria, o António dos Santos contou-me que Nossa Senhora apareceu na Cova da Iria a uma das cachopas, a mais nova, e mais a dois filhos da irmã, a Olímpia, a que está casada com o Ti Marto. Nossa Senhora falou com eles e prometeu-lhes voltar ali todos os meses até Outubro.”

Despertou-se a curiosidade da Maria da Capelinha. “-Pois eu hei-de saber se isso é certo ou não. E se for, também eu quero lá ir. Onde é a Cova da Iria?”

O marido disse-lho, e embora estivesse a uns dez minutos a pé da sua casa, ela nunca lá tinha ido. Nunca antes falara do lugar. O senhor Carreira tentou dissuadi-la.

“- Queres lá ir? És bem doida! Pensas tu que A vê?”

“-Sei bem que A não vejo, mas se nos dissessem que o rei ia lá, ninguém ficava em casa a ver se o via; dizem que vêem Nossa Senhora e não havemos de fazer por A ir ver?” Mais tarde esta Senhora viria a ser uma grande consolação para os Pastorinhos, pela sua bondosa compreensão e assistência auxiliadora.

A grande festa de Santo António aproximava-se. A emoção era evidente na paróquia; tanto velhos como novos, todos se preparavam para participar na festa, que também é no dia 13 de Junho. Enquanto os sinos repicavam, carros de bois enfeitados com ramos de árvores, flores, bandeirolas e colchas, carregados com quinhentas merendeiras, davam umas tantas voltas à Igreja e iam parar diante da varanda do Sr. Prior, que benzia aquilo tudo. A Sr.^a Maria Rosa sabia como a Lúcia gostava de festas, e esperava que esta festa a fizesse esquecer a Cova da Iria. “-Ainda bem que amanhã temos festa grande!” – disse ela às outras filhas – “Não lhe vamos falar mais da Cova da Iria, só lhe falamos da festa. A gente é que tem culpa, que anda sempre a lembrar a Lúcia.”

A família tentou evitar o problema da aparição. Quando a Lúcia falava nela, mudavam de assunto para lhe desviarem o espírito e fazer-lhe esquecer os seus planos. A Lúcia interpretou isso como desdém e desprezo por parte da família; sentia que eles a tinham abandonado. Solitária e triste, pôs-se muito calada, mas às vezes soltava: “-Mas eu amanhã vou à Cova da Iria. É isso que a Senhora quer!”

Apesar do conselho do Pároco de que deixassem os Pastorinhos ir à Cova da Iria no dia 13 de Junho, ambas as mães o queriam impedir. A Jacinta também queria que a mãe participasse de tal felicidade e, na sua ingénua singeleza, não podia compreender que a mãe fosse tão contrária em admitir o que para a pequenita era tão evidente. Cheia de entusiasmo por causa de Nossa Senhora, a Jacinta suplicou: “-Ó minha mãe, venha connosco amanhã à Cova da Iria para ver Nossa Senhora!”

“-Qual Nossa Senhora! Tontinha! Amanhã vamos a Santo António. Então não queres a tua merendeira? E depois vem tanta música... há tantos foguetes... um sermão muito lindo!” A mãe achava que a menção da banda e da merendeira faria certamente a menina esquecer-se da Cova. Mal sabia ela que havia já um mês que a sua pequenina, mortificando-se pelos pecadores, renunciava aos cantares, às danças e até ao seu frugal almoço.

“-Ó mãe, mas na Cova da Iria aparece Nossa Senhora!”

“-É bem escusado lá ires. Nossa Senhora não te aparece.” – disse a senhora Olímpia contradizendo a filha.

“-Nossa Senhora disse que aparecia, por isso, aparece com toda a certeza!” – replicou a Jacinta.

“-Não queres ir então a Santo António?” – a senhora Marto tentava mudar de assunto.

“-Santo António não é bonito!”

“-Porquê?”

“-Porque aquela Senhora é muito, mas muito mais bonita. Eu vou à Cova da Iria. Se aquela Senhora disser para irmos a Santo António, então vamos.”

O senhor Marto, pai da Jacinta, estava na mesma dificuldade. Não sabia o que fazer no dia da festa. “O que hei-de fazer? Ir à Cova da Iria com os cachopos?... e se não aparecesse nada?” Não lhe pareceu bem ir à festa na igreja e deixá-los ir para a Cova da Iria sozinhos. Por fim, e porque havia feira na Pedreira, decidiu lá ir para comprar os bois que queria e, quando voltasse, tudo se teria solucionado. Sim, é isso, iria à feira. Isso poupá-lo-ia a compromissos. E ele queria dormir em paz.

Ao amanhecer, mal abriu os olhos, a Jacinta saltou da cama e correu ao quarto da mãe para a convidar mais uma vez a ir à Cova assistir à visita da Senhora; mas qual não foi o seu espanto ao ver a cama vazia. “-E a mãe que não vê Nossa Senhora!” – disse ela com os seus botões. Mas a seguir foi quase com júbilo que pensou: “-Ao menos podemos ir descansados.” Correu então a acordar o irmãozito e, enquanto este se ia vestindo, foi abrir

o gado. Logo que o Francisco ficou pronto, foram pressurosos ter com a Lúcia, mordiscando pelo caminho um bocado de pão e queijo.

A Lúcia já estava à espera deles junto do Barreiro. Sentia tanta amargura perante a falta de compreensão e a cruel oposição da mãe e das irmãs que só queria estar sozinha com os primos. Só com eles se sentia alegre, porque compreendiam e acreditavam nela tal como ela os compreendia e acreditava neles. Nas suas Memórias, escreve a Irmã Lúcia: “Lembrava-me, então, dos tempos atrasados e perguntava-me a mim mesma: “Onde está o carinho que, há tão pouco ainda, a minha família me tinha?”

Mas a Senhora estava para chegar e não havia tempo a perder. Deviam ver se chegavam a tempo à Cova da Iria. “-Hoje, vamos aos Valinhos” – decidiu a Lúcia – “Não falta lá erva, e assim a gente despacha depressa as ovelhas. Podemos voltar para casa e ataviar-nos com os fatos domingueiros. Eu não espero por vocês. Vou indo para a Fátima, que quero lá falar com umas cachopas, das que fizeram a Primeira Comunhão comigo.”

Mais tarde, enquanto a mãe a observava com atenção a vestir-se, esfregava as mãos de contente, pensando que Santo António lhe fizera o milagre de a Lúcia esquecer todo aquele assunto. “-A gente logo vê” – dizia a Sr.^a Maria Rosa à filha mais velha – “se ela volta para a Fátima ou se segue para a Cova da Iria.” Combinou-se então que, se os pequenos fossem para a Cova, a mãe seguia-os; e aí, escondida, observava-os, que queria ver se a filha estava a mentir. Também queria estar presente para impedir que alguém tentasse fazer mal aos pequenos. Não deixaria que alguém fizesse mal à sua Lúcia, tal como não deixaria que a Lúcia caísse no vício de mentir.

E a Sr.^a Maria Rosa saiu sozinha, preocupada e triste, decidindo que primeiro deveria ir à igreja. A meio do caminho encontrou umas cinco ou seis pessoas de fora, que ela supôs virem à festa do Santo Padroeiro. E disse-lhes:

“-Olhem que os Senhores vão errados. A Fátima não é para aí.”

“-Da Fátima vimos nós; o que queremos é ir a casa dos pequenos que viram Nossa Senhora.”

“-E de onde são os Senhores?” – balbuciou ela.

“-Somos de Carrascos. E onde estão os pequenos?”

“-Estão em Aljustrel; mas daqui a pouco vêm também para a festa de Santo António.”

Entretanto, a Lúcia foi à igreja e ali viu as suas amigas. Ela convidou-as a irem com ela à Cova da Iria. Juntaram-se ali umas catorze meninas, todas da Primeira Comunhão daquele ano, e resolveram acompanhar a Lúcia à Cova da Iria. Como de costume, quando a Lúcia propunha uma coisa às amigas, ninguém se escusava. Iam já todas de ranchada, quando apareceu o António, irmão dela, e lhe disse: “-Não vás à Cova da Iria... Para quê?... Não vás, que eu dou-te um vintém.” E ela respondeu: “-Não me importo do vintém; o que eu quero é lá ir.” Seguiram uns cem metros da Igreja e o rapaz sempre atrás, a querer fazê-las desistir. Mas a elas pouco se lhes dava.

As catorze meninas não estavam sozinhas na Cova da Iria. Pelo caminho, outras pessoas se juntaram ao rancho das pequenas e, quando chegaram onde é agora a entrada do Santuário, deram com um grupo de mulheres que estava à espera dos videntes. Lá se via também, acompanhada do filho João, rapaz de 17 anos, aleijadinho, a Sr.^a Maria da Capelinha, que já conhecemos e a quem damos novamente a palavra:

“-Como já tinha decidido, por nada deste mundo eu queria faltar no dia 13 de Junho à Cova da Iria. Foi assim que, na véspera, à noite, eu disse para as minhas filhas:

‘-E se fôssemos à Cova da Iria, antes que a Santo António?’

‘-À Cova da Iria a fazer o quê?’ – diziam elas – ‘Não, mais vale ir à festa.’

“Então, voltei-me para o meu aleijadinho, o meu João:

‘-E tu também queres ir à festa ou vir comigo?’

‘-Pois vou consigo.’

“No dia seguinte, antes mesmo do resto da família ir lá para a festa” – continua a Maria

da Capelinha – “vim eu para aqui (para a Cova da Iria) mais o meu João, arrumado a um pauzinho. Não se via viva alma. Seguimos então para a beirinha da estrada por onde deviam vir os pequenos. Ali nos sentámos, até que veio uma mulherzinha da Loureira que se mostrou admirada de me ver ali, porque sabia que eu estava doente de cama.

‘-O que é que vossemecê está aqui a fazer?’ – perguntou-me ela.

“-O mesmo que vossemecê também cá vem fazer.” – respondi eu. Sem mais palavras, a mulher sentou-se ao pé de mim. Momentos depois, chegou um homenzito da Lomba da Égua e as falas que trocámos foram, a bem dizer, as mesmas. Em seguida, apareceram umas mulheres de Boleiros a quem eu perguntei se vinham a fugir da festa.

“-Não faltou quem se risse de nós” – disse uma – ‘mas à gente tanto se lhe dá. Já agora queremos ver o que acontece aqui, e se é deles ou de nós que se deve fazer troça.’

“Veio depois mais gente de terras tão distantes como Torres Novas, até que, pelas onze, aproximadamente, chegaram os Pastorinhos. Fomos atrás deles até que pararam ao pé duma pequena azinheira, e perguntei à Lúcia:

‘-Ó menina, qual é a azinheira onde Nossa Senhora apareceu?’

‘-Olhe, foi aqui que Ela poisou.’

“Era uma árvorezinha mais ou menos da altura de um metro, na força do crescimento; as ramas eram todas direitinhas, muito viçosas, muito bonitas. A Lúcia afastou-se um pouco e voltou-se de novo para as bandas de Fátima e depois seguiu para a sombra da azinheira grande. Estava muito quente esse dia. A Lúcia sentou-se junto do tronco; o Francisco e a Jacinta sentaram-se um de cada lado dela.

Com as outras crianças puseram-se a comer tremoços e a falar e brincar todas por igual. Mas à medida que o tempo ia passando a Lúcia ia ficando mais séria, mais apreensiva. Logo disse à Jacinta, que estava a brincar: “-Está quieta, Jacinta: Nossa Senhora está a chegar.”

Devia ser perto do meio-dia solar, e a Maria da Capelinha sentia muito fraqueza.

“-Nossa Senhora tardará muito tempo?” – perguntou ela.

“-Não senhora, não tarda muito.” – respondeu-lhe a Lúcia sem hesitar.

Rezaram então o Terço; e quando uma rapariga ia começar a Ladainha, a Lúcia interrompeu-a, dizendo que já não havia tempo. Imediatamente se pôs de pé e gritou:

“-Jacinta, lá vem Nossa Senhora, que já deu o relâmpago!”

Correram todos três para a azinheira, e os outros atrás deles; ajoelharam sobre as moitas e os tojos. A Lúcia levanta os olhos em direção aos céus, como em oração, e há quem a ouça dizer:

“-Vossemecê disse-me para vir aqui hoje. O que é que me quer?”

Os outros começaram a ouvir uma coisa, assim a modo duma voz muito fina, mas não se compreendia o que dizia. “-É como um leve zumbido duma abelha” – sussurrou a Maria da Capelinha.

Anos mais tarde, a Irmã Lúcia conta-nos como se segue:

-Quero que venhais aqui no dia treze do mês que vem, e que rezeis o Terço intercalando entre os Mistérios a jaculatória: ‘Ó Meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno; levai as alminhas todas para o Céu, principalmente as que mais precisarem.’ Quero que aprendais a ler; e depois direi mais o que quero.

A Lúcia pede a cura dum doente que lhe tinha sido recomendado, e a Senhora responde-lhe:

-Se se converter, curar-se-á durante o ano.

“-Querida pedir-Lhe para nos levar para o Céu!”

-Sim – responde a Virgem Santíssima – à Jacinta e ao Francisco levo-os em breve. Mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-Se de ti para Me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao Meu Imaculado Coração. A quem a abraçar, prometo a salvação, e serão queridas de Deus estas almas, como flores postas por Mim a

adornar o Seu trono.

“-Fico cá sozinha?” – pergunta a Lúcia com os olhos cheios de lágrimas, triste só com o pensamento de ficar no mundo sem a companhia dos seus amiguinhos.

- Não, filha. E tu sofres muito com isso? Eu nunca te deixarei. O Meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.

“Foi no momento em que disse estas últimas palavras” – continua a Irmã Lúcia – “que a Santíssima Virgem abriu as mãos e nos comunicou, pela segunda vez, o reflexo da luz imensa que A envolvia.

“Nela nos víamos como que submergidos em Deus. A Jacinta e o Francisco pareciam estar na parte que se elevava para o Céu e eu na que se espargia sobre a terra. À frente da palma da mão direita de Nossa Senhora estava um Coração cercado de espinhos que nele se cravavam. Compreendemos que era o Coração Imaculado de Maria, ultrajado pelos pecados da humanidade, que queria reparação”.

Todos puderam ver que agora a Lúcia se levantou muito depressa e, com o braço esticado, dizia: “-Olha, vai ali, vai ali!”

Conta a Maria da Capelinha que, quando Nossa Senhora se elevou da árvore, era como o assobio de um foguete ao longe. E continua: “Por nós, nada vimos; só uma nuvenzita, um palmo retirado da rama, que ia subindo devagarinho, caminhando para diante, para o Nascente, até que de todo se sumiu.”

Os pequenos estavam calados, sempre com a vista naquele ponto até que, um pedacinho depois, a Lúcia disse: “-Pronto! Agora já não se vê, já entrou para o Céu: já se fecharam as portas.”

A gente voltou-se então para a abençoada azinheira, e qual não foi a sua admiração ao ver que os rebentos de cima, que antes estavam todos de pé, estavam agora tombadinhos para o Nascente, como se tivessem sido pisados! As pessoas que viram aquilo começaram então a tirar raminhos e folhinhas da copa da azinheira, mas a Lúcia recomendava que tirassem de baixo, porque não tinham sido tocados por Nossa Senhora.

“-Rezemos o Terço” – disse alguém, vendo que a gente começava a abalar, cada um para o seu destino. Mas umas pessoas de mais longe disseram: “Rezemos só a Ladainha, e vamos a rezar o Terço no caminho para a Fátima.”

Acabada a Ladainha, toda aquela gente seguiu rezando para a Fátima, com os Pastorinhos, e chegaram lá quando a procissão em honra de Santo António ia na rua. Logo foi notado o povo que de cá vinha; e, a quem lhes perguntava de onde vinham, respondiam que da Cova da Iria e que estavam muito satisfeitos por lá terem ido. Muitos na aldeia tiveram pena de não terem feito o mesmo.”

A Maria da Capelinha lembra que as filhas, essa tarde, lhe fizeram muitas perguntas. “-Olhem, só vos digo que tive pena que vocês não fossem também.” – disse-lhes ela. “-Pois havemos de lá ir no Domingo.” – e, na verdade, foram lá todas. “Estávamos a rezar o Terço ao pé da azinheira, quando vimos passar duas pessoas dizendo: ‘-Olha, já lá está gente em baixo, onde apareceu Nossa Senhora!’ Escondemo-nos no mato a ver o que eles faziam. Traziam flores, puseram-nas nos ramos da azinheira e depois ajoelharam-se também a rezar o Terço. Desde então, eu nunca mais deixei de voltar à Cova da Iria. Em casa não tinha forças para nada; vinha até aqui todos os dias e, mal chegava, logo me sentia outra pessoa. Comecei a fazer ali em volta da azinheira uma limpeza, arrancando moitas e tojos. Tirava as pedras e atei uma fita de seda numa braça da azinheira, e fui eu que lhe pus as primeiras flores.”

Nem todos os que tinham estado na Cova da Iria saíram logo a seguir à Ladainha. Alguns poucos ficaram, para perguntar aos Pastorinhos os pormenores da aparição. Eles contaram o que lhes era permitido revelar, guardando o resto em segredo. Seriam quatro horas da tarde quando os três Pastorinhos retiraram para casa, seguidos por este pequeno grupo de devotos. Os transeuntes faziam pouco deles. Os Pastorinhos não lhes prestavam

atenção por si próprios, mas parecia-lhes que aquela gente estava a fazer pouco de Nossa Senhora.

“-Ó Lúcia, a tal mulherzinha também veio hoje passear por cima das azinheiras?”

“-Então, Jacinta, desta vez a Senhora não vos disse nada?”

“-Olhem lá... Então vocês ainda cá estão?... Ainda não foram para o Céu?”

Foi com um suspiro de alívio que a Jacinta atravessou o limiar da sua casa. Mas até ali as perguntas continuavam. As irmãs faziam-lhe toda a espécie de perguntas; mas a Jacinta, tendo aprendido com a experiência anterior, só respondia com muita cautela. Como desejava ela ir ter com a mãe e contar-lhe tudo, e que Nossa Senhora tinha prometido levá-la depressa para o Céu! Não obstante, havia uma força misteriosa que a fazia ficar calada. Todos três se sentiam impelidos a guardar segredo. Sobre um ponto, todavia, a Jacinta falava livremente: a beleza da Senhora, toda luz, mais que todo o ouro resplandecente.

“-Aquela Senhora era tão bonita como fulana?” – perguntavam-lhe as irmãs.

“-Muito, mas muito mais bonita!”

“-Como aquela santinha que está na igreja e que tem um manto com tantas estrelas?”

“-Não, muito, mas muito mais bonita!”

“-Como Nossa Senhora do Rosário?”

“-Muito mais ainda!”

E a mãe e as irmãs mostravam-lhe, como passando em revista, todos os santinhos que tinham na casa de fora. Mas a beleza da Senhora que a Jacinta tinha contemplado na Cova da Iria era infinitamente superior, não tinha comparação cá na terra.

“- Mas o que é que Ela vos disse desta vez?” – insistiam.

Então a Jacinta baixava a cabeça, repetia que era preciso rezar o Terço... que a Senhora voltaria... e que lhes tinha revelado um segredo, mas que o não podiam dizer.

Um segredo! Um segredo! Mas o que seria esse segredo? A partir deste momento, a Jacinta nunca mais teve paz. Todos, fora e dentro de casa, à exceção do pai, a perseguiram com perguntas para lhe arrancar o segredo. “Todas as mulheres queriam saber o que era” – diz-nos o Sr. Marto – “mas eu nunca lhe perguntei nada a esse respeito. O que é segredo é segredo, e é preciso guardá-lo. Lembro-me duma vez que vieram aqui ter umas senhoras todas carregadas de ouro.

‘-Gostas disto?’ – diziam à cachopita, mostrando-lhe os cordões e as pulseiras.

‘-Gosto’ – confessou ela.

‘-Então queres?’

‘-Quero.’

‘-Então diz o segredo!’ – E as senhoras faziam menção de tirar as joias. Mas a pequena, muito aflita, pôs-se a gritar: ‘-Deixem! Deixem lá isso, que eu não digo nada! Nem que me dessem o mundo todo eu dizia o segredo!’”

Noutro dia, veio a Sr.^a Maria Rosa das Neves com uma sobrinha, e a Jacinta estava sozinha em casa.

“-Olha, Jacinta” – disse-lhe a mulher – “diz-me o segredo e eu dou-te esta linda feira de contas de ouro.”

Com jeito travesso, respondeu a Jacinta:

“-Se vossemecê me dá aquela linda medalha, que está ali ao pescoço da sua sobrinha, então digo-lho.”

“-Ah, essa não ta posso dar porque é dela!”

“-Mas dou-ta eu!” – interpôs a sobrinha.

E a Jacinta, sempre com o mesmo sorriso travesso:

“-Descansa, que não a quero! Nem que me dessem o mundo todo eu dizia o segredo.”

Ao entardecer do dia da aparição, as irmãs da Lúcia instavam com ela, tentando conhecer os seus segredos. Desapontadas, ameaçaram-na com todo o tipo de coisas más. Falaram-lhe do interrogatório do Senhor Prior e do castigo se, mesmo com ele, ela insistisse

no seu silêncio. Assustada, a menina fugiu para a casa dos primos para os avisar.

“-Amanhã vamos a casa do Sr. Prior. Vou com a mãe. E as minhas irmãs estão a meter-me muito medo com isto.” – contou a Lúcia.

“-Nós também vamos.” – respondeu a Jacinta – “Mas a mãe não nos disse nada dessas coisas. -Paciência! Se nos baterem, sofremos por amor de Nosso Senhor e pelos pecadores.”

Contudo, na manhã seguinte, quando os Pastorinhos chegaram à reitoria, o Pároco e a irmã receberam-nos com toda a amabilidade. O Prior esperava solucionar as suas dúvidas. Achou que, se Nossa Senhora tivesse realmente aparecido, deveria ter-lhes confiado uma mensagem importante, e julgou que tinha o direito de a conhecer. A Jacinta foi a primeira a ser interrogada. Curvou a cabeça diante do sacerdote, num silêncio total. O Francisco disse apenas duas ou três palavras. Mas a Lúcia disse ao Pároco algo do que aconteceu.

“-Não é possível que Nossa Senhora viesse do Céu à terra só para dizer que rezassem o Terço todos os dias – costume, aliás, quase geral na freguesia!” – disse o Pároco. “Além disso, quando se dão coisas destas, de ordinário, Nosso Senhor manda a essas almas, a quem Se comunica, que dêem conta do que se passou aos seus confessores ou párocos; e esta pequena, pelo contrário, retrai-se quanto pode. Isto também pode ser um engano do demónio; vamos a ver: o futuro nos dirá o que havemos de pensar.”

A reticência dos Pastorinhos tinha impedido o Prior de se aperceber da importância universal das aparições. Talvez que o seu juízo tivesse sido diferente se a Lúcia se mostrasse mais aberta com ele e lhe tivesse referido qualquer coisa mais daquilo que a Santíssima Virgem lhe comunicara. Pelo menos teria solucionado as dúvidas do Pároco e recuperado a paz. Os meninos e o Pároco estavam como que presos num redemoinho de vento. A profecia de Nossa Senhora à Lúcia também se aplicava ao Pároco: “-Ides ter muito que sofrer!”

Quando a Lúcia saiu da reitoria, estava muito inquieta e preocupada. “-E se fosse verdade? Se o Sr. Prior tivesse razão?” – dizia consigo a Lúcia que ficara terrivelmente perturbada.

“Comecei então a duvidar se as manifestações seriam do demónio que procurava por este meio perder-me, e, como tinha ouvido dizer que o demónio trazia sempre a guerra e a desordem, comecei a pensar que, na verdade, desde que via essas coisas não havia mais alegria nem bem-estar em nossa casa. Que angústia eu sentia! Conte aos meus primos a minha dúvida; a Jacinta sossegou-me: ‘-Não é o demónio, não! O demónio, dizem que é muito feio e que está debaixo da terra no Inferno; e aquela Senhora é tão bonita e nós vimo-la subir ao Céu.’”

Coitadinha da Lúcia! Não conseguia solucionar as dúvidas que tinha. Tão agitada estava que chegou a pensar dizer que tinha sido tudo uma mentira. Mas a Jacinta e o Francisco, os seus anjos consoladores, diziam-lhe: “-Não faças isso! Não vês que agora é que tu vais mentir, e que mentir é pecado?”

E com estas palavras de ânimo, o espírito da Lúcia novamente serenava. Contudo, em breve voltaria a tempestade: obcecava-a a ideia de ser um brinquedo nas mãos do demónio. A confirmar-lhe este seu juízo e a aumentar-lhe as trevas do espírito, teve uma noite um sonho. “Vi o demónio que, rindo-se de me ter enganado, fazia esforços para me arrastar para o Inferno. Ao ver-me em suas garras, comecei a gritar de tal forma chamando por Nossa Senhora que acordei a minha mãe, que me chamou, aflita, a perguntar o que eu tinha. Não me lembro do que lhe respondi: do que me lembro é que, naquela noite, não pude mais dormir, pois fiquei tolhida de medo.”

Os únicos momentos de paz eram os que passava com os primos na Cova da Iria, ao pé da azinheira.

Capítulo V

A Terceira Aparição



Da esquerda para a direita: Jacinta Marto, Lúcia dos Santos, Francisco Marto.

Aproximava-se a data da próxima aparição, e uma profunda alegria animava o Francisco e a Jacinta; mas não era assim com a Lúcia. O seu coração estava cheio de tristeza e pessimismo, a tal ponto que quase se decidira a não voltar à Cova da Iria. A mãe tinha-lhe repetido tantas vezes as palavras do Pároco de que tudo aquilo era obra do demónio, que a perturbou.

Falando uma vez o Pároco com o Sr. José Alves, um dos primeiros a acreditar nas Aparições, disse-lhe: “-Isso é invenção do demónio.”

“-Não, Sr. Prior!” – opinou o Sr. Alves – “Na Cova da Iria reza-se, e o demónio não quer nada com rezas.”

“-O demónio até vai à mesa da Comunhão!” – replicou-lhe o sacerdote.

“-O Sr. Prior estudou, e eu cá não.” – o homem não iria discutir com o Pároco.

Ao entardecer do dia 12, a Lúcia foi ter com a Jacinta e o Francisco e contou-lhes a sua decisão de não ir daquela vez à Cova.

“-Nós vamos!” – responderam eles – “Aquela Senhora mandou-nos lá ir.”

“-Falo eu com Ela!” – declarou a Jacinta. Mas começou logo a chorar.

“-Porque choras?” – perguntou-lhe a Lúcia.

“-Por tu não querer ir.”

“-Não, eu não vou. Olha, se a Senhora perguntar por mim, diz-Lhe que eu não vou, porque tenho medo que Ela seja o demónio.” – e sem mais demora, a Lúcia fugiu, desconsolada. Estava já a chegar gente para a aparição daquele dia 13 e ela queria esconder-se deles. Pela noite, julgando a mãe que ela andara na brincadeira todo o santo dia, repreendeu-a: “-És uma santinha de pau carunchento! Todo o tempo que te sobra de andar com as ovelhas, tu passa-lo na brincadeira, e de tal forma que ninguém te encontra!”

Chegou a manhã do dia 13, e a Lúcia continuava ainda perturbada pela mesma dúvida e confusão. No entanto, perto da hora em que deviam partir para a Cova da Iria, uma força interior, que a pequena não sabia explicar, levou-a a pôr-se a caminho. O seu coração estava transformado: todos os terrores e dúvidas tinham desaparecido. Com alegria, passou por casa dos primos e espreitou a ver se ainda lá estavam. Estavam lá ambos, de joelhos ao pé da cama, debulhados em lágrimas.

“-Então vocês não vão?” – perguntou a Lúcia.

“-Sem ti, não nos atrevemos a ir!” – disseram eles. Mas dando conta de que a Lúcia tinha mudado de ideia, puseram-se logo de pé.

“-Vamos embora!” – disseram todos.

“-Já cá vou!” – respondeu a Lúcia. Assim saíram alegremente, os três, andando através

da multidão que enchia os caminhos até à Cova da Iria. Não podiam ir depressa, porque muitas pessoas os detinham, pedindo aos Pastorinhos para pedirem graças particulares a Nossa Senhora.

A mãe da Jacinta, vendo toda aquela gente que ia em direção à Cova, ficou com muito medo. Foi para a mãe da Lúcia. “-Ó comadre,¹” – disse-lhe toda assustada – “vamos nós lá também, que já não tornamos a ver os nossos filhos! Se lá os matam?”

“-Deixa lá!” – respondeu a Sr.^a Maria Rosa – “Se é certo que Nossa Senhora lhes aparece, Ela se encarregará de os defender; e se não for, então não sei o que há-de ser.” Lá foram as duas mães levando cada uma uma vela benta, escondida, para acenderem se por acaso houvesse ali alguma coisa má. Quando lá chegaram, enovelaram-se atrás de umas moitas e o coração batia-lhes na expectativa temerosa de lhes aparecer alguma coisa ruim.

O Ti Marto estava inteiramente convencido da veracidade das Aparições. Sabia bem que eram falsas as acusações que lhe faziam a ele, aos pais da Lúcia e aos sacerdotes. Os pequenos nunca se acostumaram a mentir e não receberam incentivos de ninguém. O Pároco até supôs que as visões eram obra do demónio. O Ti Marto determinara corajosamente seguir os filhos até à Cova da Iria. “E fabulando assim,” – confessou ele – “meti-me à estrada. O que já lá ia de povo! Eu nem avistava os pequenos, mas pelo jeito que via, de vez em quando, um magote de gente a parar no caminho, futurava que eles iam à frente. Num sentido, mais me convinha vir cá atrás, mas quando cheguei lá abaixo, não me pude ter; o que eu queria era ficar pertinho deles. Mas como? Nem se podia romper. A certa altura, dois fulanos, um da Ramila e o outro aqui da terra, que até teve cá o civil, fizeram uma roda à volta das crianças, para elas estarem mais à vontade e, ao darem ali comigo, puxam-me por um braço e dizem: ‘-Este é o pai. Entre cá para dentro!’ Fiquei mesmo rente com a minha Jacintica.

“A Lúcia, ajoelhada um pouco mais à frente, passava as contas do Terço e todos respondiam em voz alta. Acabado o Terço, levanta-se tão rápida que aquilo não era força dela. Olha assim para o Nascente e grita: ‘-Fechem os chapéus, fechem os chapéus, que já aí vem Nossa Senhora!’ Vi assim a modo uma nuvenzinha acinzentada que pairava sobre a azinheira. O sol enturviscou-se e começou a correr uma aragem tão fresquinha que consolava. Nem parecia estarmos no pino do Verão. O povo estava mudo que até metia impressão. E então comecei a ouvir um rumor, uma zoada, assim a modo como um moscardo dentro dum cântaro vazio. Mas de palavras, nada! Julgo que há-de ser assim uma coisa, como quando a gente fala ao “telefónio”... Que eu nunca falei! Tudo isso, para mim, foi uma grande aprovação do milagre.”

Muitos anos depois, a Lúcia contaria os pormenores desta extraordinária aparição. Com uma ternura infinita como a duma mãe inclinada sobre o filhinho doente, desejando fortalecer e consolar os Pastorinhos sobre a autenticidade das Aparições, a linda Senhora submergiu os três na Sua luz imensa e poisou o seu olhar amoroso sobre a Lúcia que, com tanta alegria, nem podia falar. Foi a Jacinta a despertá-la daquele enlevo, e que lhe disse:

“-Anda, fala-Lhe, que Nossa Senhora já está a falar!”

Então a Lúcia, olhando para a Virgem com os olhos cheios de devoção amorosa, perguntou:

“-Vossemecê que me quer?”

“- *Quero que voltem aqui no dia 13 do mês que vem, que continuem a rezar o Terço todos os dias em honra de Nossa Senhora do Rosário, para obter a paz do mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer.*”

1 Comadre: Forma de tratamento entre a mãe e a madrinha de uma criança.

E a Lúcia, a pensar na mãe e nas palavras do Pároco, e desejando solucionar as dúvidas do povo, perguntou outra vez no seu jeito infantil: “-Queria pedir-Lhe para nos dizer quem é; e para fazer um milagre com que todos acreditem que Vossemecê nos aparece.”

“-Continuem a vir aqui todos os meses. Em Outubro direi Quem sou, o que quero, e farei um milagre que todos hão-de ver, para acreditarem.”

A Lúcia começou a apresentar as necessidades e pedidos de cura que lhe tinham sido entregues. Nossa Senhora respondeu: *“-Curarei uns; outros não. Em quanto ao aleijadinho, não o curarei nem o tirarei da sua pobreza, mas ele que reze todos os dias o Terço em família, que Eu lhe darei os meios de ganhar a vida.”*

A Lúcia conta-Lhe sobre um doente que pedia para ir em breve para o Céu.

“-Que não tenha pressa; Eu bem sei quando o hei-de vir buscar.”

A Lúcia pediu a conversão de algumas pessoas. A resposta da Senhora foi, como para o rapaz inválido, que todos deviam rezar o Terço – que alcançariam essa graça durante o ano. Depois, para recordar aos Pastorinhos a sua vocação especial e inspirar-lhes um maior fervor e coragem para o futuro, a Senhora disse:

“-Sacrificai-vos pelos pecadores, e dissei muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: ‘Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.’

“-Ao dizer estas últimas palavras,” – e a Lúcia mais tarde descreve o que aconteceu – “abriu de novo as mãos, como nos dois meses passados. O reflexo pareceu penetrar a terra e vimos como que um mar de fogo. Mergulhados em esse fogo, os demónios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras ou bronzeadas, com forma humana, que flutuavam no incêndio, levadas pelas chamas que delas mesmas saíam juntamente com nuvens de fumo, caindo para todos os lados – semelhantes ao cair das faúlhas em os grandes incêndios – sem peso nem equilíbrio, entre gritos e gemidos de dor e desespero que horrorizava e fazia estremecer de pavor. Os demónios distinguíam-se por formas horríveis e asquerosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes como negros carvões em brasa.”

Assustados, pálidos e como que a pedir socorro, os pequenos levantaram a vista para Nossa Senhora, enquanto a Lúcia gritou: “-Ai, Nossa Senhora!”

A Virgem explicou: **“-Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores. Para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração.**

“Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar.

“Mas, se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra pior. Quando virdes uma noite alumiada por uma luz desconhecida, sabei que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre.

“-Para a impedir, virei pedir a Consagração da Rússia ao Meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos Primeiros Sábados.

“-Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará os seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados; o Santo Padre terá muito que sofrer; várias nações serão aniquiladas. Por fim, o Meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-Me-á a Rússia, que se converterá, e será concedido ao mundo algum tempo de paz.

“-Em Portugal se conservará sempre o dogma da Fé, etc.

“-Isto não o digais a ninguém. Ao Francisco, sim, podeis dizê-lo.”

A Lúcia, com coração dolorido e querendo fazer algo heróico por Nossa Senhora, uma vez mais Lhe diz com abandono infantil: “-Vossemecê não me quer mais nada?”

“-Não, hoje não te quero mais nada.”

Foi então que se ouviu uma espécie de trovão e o arquito, que lá tinham prantado para as duas lanternitas, todo ele estremeceu, como se houvesse um tremor de terra; a Lúcia levanta-se e volta-se tão rápida que até a saia lhe fazia um balão. E apontando para o Céu, grita: “-Lá vai, lá vai Ela!” – e depois duns instantes – “- Já não se vê!”

Desfeita a nuvenzita cinzenta que pairava sobre a carrasqueira, logo depois que recuperam da sua profunda emoção, cerca-os uma multidão implacável e inquisitiva de todos dizendo à mesma vez, “- Ó Lúcia, que disse Nossa Senhora que ficaste tão triste?”

“-É um segredo.” – responde ela.

“-E é coisa boa?”

“-Para uns é boa, para outros é má.”

“-E não o dizes?” – insistem.

“-Não, senhor, não o posso dizer!” – respondeu com determinação convincente.

E o povo apertava-os tanto que quase os sufocava. O pai da Jacinta, preocupado com a segurança dos filhos, a suar em bica, abriu passagem com os cotovelos, pegou na sua Jacinta e, com ela ao colo, tendo-lhe posto sobre a cabeça o chapéu dele para a furtar ao sol esbraseante do meio dia, subiu à estrada.

Ainda no seu esconderijo, as duas mães sentiam-se desfalecer. Quando viram a multidão apertando os seus filhos, a mãe da Jacinta gritou: “-Ai, comadre, que nos matam os nossos filhos!” Momentos depois, todavia, sentiram-se aliviadas ao ver a sua Jacinta nos braços do pai, o Francisco ao ombro de outro parente, e a Lúcia bem segura nos braços hercúleos doutro. Esse homem era tão grande que a mãe da Lúcia se distraiu da sua preocupação. “-Ai, comadre, que homem tamanho que ali está!” – gaguejou ela.



A paisagem perto de Fátima que se mostra na foto é exatamente como era em 1917.

Capítulo VI

Sacrifícios e Sofrimentos

Depois desta terceira aparição de Nossa Senhora, os três Pastorinhos desejavam cada vez mais que os deixassem ficar à parte, para rezarem e se sacrificarem por Ela; mas, quando eram descobertos na rua, o povo reunia-se à volta deles para lhes fazer todo o género de perguntas sobre as Aparições. Para evitar os interrogatórios, tinham de fugir por carreirinhos desconhecidos e trajetos abandonados para chegarem às suas pastagens. Tanto desejo tinham de agradar à Senhora que nada mais lhes importava, nem cantos ou bailes, nem sequer, para o pequeno Francisco, tocar o seu pífaro.

“-Em que estás a pensar, Jacinta?” – perguntava a Lúcia uma manhã, notando-lhe o rosto toldado de tristeza.

“-Penso no Inferno e nos pobres pecadores. Que pena eu tenho das almas que vão para o Inferno... as pessoas, lá vivas, a arder como lenha no fogo!... Ó Lúcia, porque será que Nossa Senhora não mostra o Inferno aos pecadores? Se eles o vissem, já não faziam mais pecados, para não irem para lá.”

A Lúcia quedava-se pesarosa, sem poder pensar como responder. Mas a Jacinta insistia: “-Ó Lúcia, porque não disseste a Nossa Senhora que mostrasse o Inferno àquela gente?”

“-Esqueci-me...” – respondia a Lúcia.

Então a Jacinta, ajoelhando no chão, juntava as mãozinhas, erguia-as ao Céu e repetia entre soluços as palavras que a Virgem lhes tinha ensinando: “-Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do Inferno, levai as alminhas todas para o Céu, principalmente as que mais precisarem.” Tanto a Lúcia como o Francisco se lhe seguiram, ajoelhando-se e repetindo a oração da Senhora. Dali a pouco, como quem desperta dum sonho e sem se dar conta de que já estavam a rezar com ela, a Jacinta perguntou-lhes: “-Ó Lúcia, ó Francisco, vocês estão a rezar comigo? É preciso rezar muito para livrar as almas do Inferno. Vão para lá tantas!”

A ideia do Inferno e das almas que sofriam no meio do fogo encheu de tal modo a mente da pequenita que ela se esforçava inutilmente por compreender a causa de tão terrível castigo. E lá ia ela direita à Lúcia com todos os seus problemas. “-Ó Lúcia, que pecados são os que essa gente faz para ir para o Inferno?”

“-Não sei! Talvez o pecado de não ir à Missa ao Domingo, de roubar, de dizer palavras feias, rogar pragas, jurar...”

“-E assim por uma palavra vão para o Inferno?”

“-Se essa palavra for um grande pecado...”

“-Que lhes custava estarem calados e irem à Missa? Que pena que eu tenho dos pecadores! Se eu pudesse mostrar-lhes o Inferno!”

Cansados e esgotados por estarem tanto tempo ajoelhados, levantavam-se do chão e, à sombra das azinheiras, continuavam a meditar nas palavras da sua Senhora. Desta vez era o Francisco a fazer perguntas: “-Porque é que Nossa Senhora estava com um coração na mão a espalhar sobre o mundo aquela luz tão grande que é Deus? Tu, Lúcia, estavas com Nossa Senhora na luz que descia para o mundo, e eu e a Jacinta naquela que subia para o Céu.”

“-É porque tu e a Jacinta ireis em breve para o Céu, e eu ainda tenho de ficar algum tempo na terra.”

“-Quantos anos?”

“-Não sei, muitos.”

“-Mas foi a Senhora que to disse?”

“-Não, mas eu vi-o naquela luz que nos metia no peito.”

“-É mesmo assim – interrompeu a Jacinta – eu também assim vi. Nós vamos para o Céu, mas tu ficas cá. Se Nossa Senhora te deixar, diz a toda a gente como é o Inferno, para que não façam mais pecados. Tanta gente a cair no Inferno, tanta gente...”

“-Não tenhas medo! – disse a Lúcia – Tu vais para o Céu.”

“-Pois vou, mas eu queria que toda aquela gente para lá fosse também.”

Às frescas horas da manhã sucediam-se as horas da calma sufocante, a sede começava a fazer-se sentir e não havia uma gota de água para beber. Em vez de se queixar, a Jacinta, que tinha apenas 7 anos, parecia feliz. “-Que bom! – dizia ela – Tenho tanta sede! Mas ofereço tudo pela conversão dos pecadores.”

A Lúcia, a mais velhinha dos três, lembrou-se de que devia tomar conta dos primitos e por isso foi pedir água a uma casita que havia ali perto. Quando voltou, ofereceu-a em primeiro lugar ao Francisco. Respondeu o menino de 9 anos:

“-Não quero beber. Quero oferecer o sacrifício pela conversão dos pecadores.”

“-Bebe tu, Jacinta!”

“-Também quero oferecer este sacrifício pelos pecadores.” Assim, a Lúcia deitou a água na concavidade duma pedra, para que as ovelhas a bebessem, e foi levar a infusa à dona.”

Mas a Jacinta começou a pôr-se muito fraca e parecia quase a desfalecer. O barulho rítmico das cigarras, dos grilos e das rãs, concertavam-se aos seus ouvidos como um alarido ensurdecido. Com a cabecinha dorida entre as mãos, a Jacinta não pôde mais e gritou: “-Dói-me tanto a cabeça!... Diz aos grilos e às rãs que se calem!”

“-Não queres sofrer isto pelos pecadores?” – perguntou o Francisco.

“-Sim, quero. Deixa-os cantar!”

“-Ó Lúcia – continuou a Jacinta – aquela Senhora disse que o Seu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá a Deus. Não gostas tanto? Eu gosto tanto do Seu Coração!”

“-Eu gostava também de ir com vocês para o Céu. – confessou a Lúcia, a pensar nas formosas alegrias celestiais.

“-Ó Lúcia, lembras-te? O Coração de Nossa Senhora cercado de espinhos a feri-lo?

Coitadinha de Nossa Senhora! Eu tenho tanta pena dela!... Ela pediu a Comunhão em reparação. Mas como hei-de fazer, se ainda não posso comungar?”

Preenchidos com tais pensamentos, os dias passavam depressa para os três Pastorinhos.

Numa dessas ocasiões em que se encontrava sozinha, sentada junto do poço, a Jacinta teve de repente uma visão sobre o Papa. Chamou a Lúcia que tinha ido com o Francisco procurar mel silvestre, não julgando possível ser ela favorecida com qualquer coisa de que a Lúcia e o Francisco não participassem, e pergunta-lhes: “-Lúcia! Francisco! Não vistes o Santo Padre?”

“-Não.”

“-Não sei como foi” – continuou a Jacinta. – “Vi o Santo Padre numa casa muito grande, de joelhos diante duma mesa com as mãos na cara a chorar. Fora da casa estava muita gente, uns atiravam-lhe pedras, e outros rogavam-lhe pragas e diziam-lhe muitas palavras feias. Coitadinho do Santo Padre! Temos de pedir muito por ele!”

Noutra ocasião, estavam na Loca do Cabeço a rezar a oração do Anjo. Subitamente, a Jacinta levantou-se, com os olhos cheios de lágrimas, e gritou:

“-Ó Lúcia, não vês tanta estrada, tantos caminhos e campos cheios de gente a chorar com fome e não têm nada para comer? E o Santo Padre numa igreja diante do Imaculado Coração de Maria a rezar? E tanta gente a rezar com ele?”

À medida que as notícias das Aparições se iam espalhando pela região, o número de visitantes a Fátima ia aumentando diariamente. Alguns eram devotos, outros apenas curiosos; mas todos queriam ver a Cova da Iria e falar com os três Pastorinhos. O pai da

Jacinta conta-o com as suas próprias palavras:

“Vinhm muitas senhoras muito bem vestidas. A gente andava cá nas nossas lidas, vestidos à semaneira, com roupas velhas, e até ficávamos às vezes envergonhados. Ui!... eram curiosas até mais não! E o que elas queriam era ver se apanhavam o Segredo! Sentavam a Jacinta nos joelhos e moíam a pequena com perguntas. Mas ela só respondia o que lhe convinha! Faziam-lhe mil mimos, ofertas, mas tanto valia. Era um segredo que não se lhe podia arrancar. Nem a saca-rolhas!

“Uns cavalheiros bem vestidos vinhm só para se rir e troçar de nós que nem letra redonda sabemos ler. Mas, bastas vezes, éramos nós que ficávamos a rir deles... Coitaditos, não tinham fé nenhuma. Como podiam eles acreditar em Nossa Senhora? Quando chegava gente desta qualidade, os pequenos parece que adivinhavam e sumiam-se cada qual por sua banda, num abrir e fechar de olhos.”

Duma vez, apareceu aí um carro e desceu dele uma grande família. Logo as três crianças se espalharam pela casa: a Lúcia meteu-se debaixo duma cama, o Francisco trepou para o sótão e a Jacinta, que não foi tão ligeira, foi apanhada. Quando tudo abalou, a Lúcia saiu de debaixo da cama e perguntou à Jacinta: “-Que é que respondeste, quando te perguntaram por mim?”

“-Calei-me bem caladinha! Porque eu sabia onde tu estavas e mentir é pecado.”

Pegaram ambas de rir com aquilo de jogarem ao ‘esconde-esconde’ com os visitantes. “E que perguntas eles lhes faziam! – continuou o Ti Marto – Se Nossa Senhora também tinha cabras e ovelhas... se comia batatas... Tantas tolices!”

O clero também não era menos inquisitivo. “-Interrogavam-nos – conta a Lúcia – e tornavam a interrogar-nos. Quando víamos um padre, sempre que podíamos, escapávamos. Quando nos víamos na presença dum sacerdote, já nos dispúnhamos para oferecer a Deus um dos nossos maiores sacrifícios.”

Havia, porém, exceções e a lembrança dalgum certo sacerdote era fonte de grande alegria e coragem para os Pastorinhos. “- Minha Menina, – disse-me um dia um padre – tem a obrigação de amar muito a Nosso Senhor por tantas graças e benefícios que lhe está concedendo.” Essas palavras, proferidas com tanta bondade, gravaram-se-me tão intimamente na alma que desde então adquiri o hábito de dizer constantemente a Nosso Senhor: “-Meu Deus, eu Vos amo em agradecimento pelas graças que me tendes concedido!”

Quando a Lúcia ensinou esta jaculatória aos primos, a Jacinta mostrou tanto gosto em a rezar que, às vezes, no meio das brincadeiras mais animadas, perguntava:

“-Vocês têm-se esquecido de dizer a Nosso Senhor que O amam pelas graças que nos tem concedido?”

Havia ainda outro sacerdote, idoso e santo – o Padre Cruz, que ainda é venerado por todo o povo – que os ajudou muito. Apareceu em Aljustrel certo dia e pediu aos Pastorinhos que lhe fossem mostrar o lugar onde Nossa Senhora aparecera. Montado num burrito, com uma das pequenas de cada lado, lá foi ele até à Cova da Iria. Pelo caminho ensinou-lhes jaculatórias, das quais a Jacinta fixou duas que repetia frequentemente: ‘-Ó meu Jesus, eu Vos amo!’ e ‘-Doce Coração de Maria, sede a minha salvação!’ Foram jaculatórias que a iriam consolar muito na sua doença. Explicando por que razão se lembrava destas orações, disse ela: “-Gosto tanto de dizer a Jesus que O amo!... Quando Lho digo muitas vezes, parece que tenho lume no peito. Gosto tanto de Nosso Senhor e de Nossa Senhora que nunca me canso de Lhes dizer que Os amo!”

A família Marto era muito mais compreensiva para com a Jacinta e o Francisco do que a família da Lúcia era para com ela. Interrogavam-na e ridicularizavam-na ainda mais do que a gente de fora.

Da parte da mãe, havia repreensões contínuas e até castigos. Se não podemos desculpar

a Senhora Maria Rosa, devemos tentar compreender as razões para tal acontecer. Era uma família de modestos recursos. Tinham apenas algumas cabeças de gado e umas terras pequenas na Cova da Iria, onde se criavam as suas hortaliças e mais alimentos, batatas, milho, feijões e azeitonas. Quando começaram as Aparições, veio tanta gente para visitar a Cova da Iria que as hortaliças ficaram espezinhadas e ficou tudo arruinado.

“Minha mãe, lamentando essa perda, não me poupava.” – conta a Lúcia. – “-Tu agora, quando quiseres comer, vai pedi-lo a essa Senhora! E as minhas irmãs: ‘-Tu agora, só havias de comer o que se cria na Cova da Iria!’”

Estas repreensões tornaram-se um tormento tão grande para a pobre Lúcia que até lhe custava pegar num bocado de pão para comer. Piorando ainda mais a situação, as irmãs mais velhas, que costumavam costurar e tecer para ajudar a sustentar a família, agora tinham de levar as ovelhas a pastar e perdiam tanto tempo com os visitantes que não podiam fazer o trabalho delas. Até que a família teve de vender as ovelhas.

A vida da Lúcia em casa tornava-se cada dia mais insuportável. As incompreensões e os mal-entendidos multiplicavam-se com o passar das horas. “Um dia, – conta-nos a Maria dos Anjos, a irmã mais velha – uma vizinha já de idade disse à mãe que já não se admirava que as pequenas dissessem que tinham visto Nossa Senhora, porque ela vira uma senhora dar cinco tostões à Lúcia. Sem mais, a mãe chama a cachopa e pergunta-lhe se isso era verdade. A Lúcia respondeu que não eram cinco tostões que aquela senhora lhe tinha dado, mas dois vinténs. A mãe teimou, usando contra ela a palavra da velhinha e acabou por lhe bater com o cabo da vassoura. E dizia-lhe assim: ‘-Quem mente no pouco, mente no muito!’ Dali a nada apareceu a Jacinta, e mostrou os cinco tostões que lhe tinham dado a ela, e não à prima. Mas a Lúcia já tinha a sova no corpo.”

Alguns vizinhos eram igualmente cruéis na sua incredulidade. Insultavam a pequena, que só tinha dez anos, chamando-lhe nomes feios e às vezes batendo-lhe. Com a Jacinta e o Francisco não se atreviam a tanto; mais do que nunca, o Sr. Marto andava vigilante sobre os filhos e ninguém se atrevia a pôr-lhes a mão. A Jacintinha, no seu entusiasmo de sofrer pelos pecadores, disse um dia à Lúcia: “-Quem me dera que os meus pais fossem como os teus, para que esta gente também me pudesse bater, porque assim tinha mais sacrifícios para oferecer a Nosso Senhor!”

Não é que, uma vez por outra, a Sr.^a Olímpia Marto não deixasse de agir amargamente, mas isso foi apenas ao princípio. “-Vocês apanham, – dizia-lhes ela – porque andam a enganar o povo. Muita gente vai à Cova da Iria por vossa causa.”

“-Nós não obrigamos ninguém a lá ir!” – respondia a Jacinta – “Quem quer vai e quem não quer, não vai. Quem não quer acreditar, receberá o castigo. E olhe que a mãe também, se não acreditar...”

Quanto ao pai da Jacinta, tinha paciência. Como Jacob perante as revelações de José e a incredulidade de seus irmãos, ele ponderava todas as coisas em silêncio, tentando chegar à verdade. O Ti Marto não queria julgar precipitadamente ou fazer qualquer coisa que fosse imprudente ou injusta: pensava e rezava, esperando que Deus o orientasse no decurso do seu pensamento e ação.

Os jornalistas não eram tão simpáticos. Deram a notícia das Aparições nos jornais; mas invertiam-se os factos, inventavam-se pormenores ridículos, troçava-se com desdém da “nova fábrica de milagres que os padres tencionavam abrir em Fátima”. Numa tentativa de as desacreditar, os relatórios acusavam os Pastorinhos e aqueles que lhes davam crédito. Invocava-se a epilepsia, o serem vítimas de fraude, a cupidez, ou a sugestão coletiva. O escárnio e as acusações dos jornais tanto serviram, por um lado, para dividir o povo provocando os inimigos da Igreja, como, por outro lado, para encorajar a fé dos crentes.

Capítulo VII

A Quarta Aparição

O Administrador

A aldeia de Fátima [que hoje é uma cidade] pertence ao Concelho de Ourém. Na altura das Aparições de Nossa Senhora, o Administrador do Concelho era Artur de Oliveira Santos, um homem de enorme poder político. Todo o poder administrativo, político e às vezes até o judicial estava concentrado nas suas mãos. Embora fosse pessoa de poucos estudos – era latoeiro de profissão – andava na política desde a sua juventude. Católico pelo Baptismo, tinha abandonado a Igreja e, com apenas vinte e seis anos de idade, inscrevera-se na Loja Maçónica de Leiria. Mais tarde ele haveria de fundar uma Loja em Vila Nova de Ourém, da qual era Presidente. O que lhe aumentava ainda mais o poder era o jornal local que ele publicava, e com o qual se propunha minar a fé do povo quanto à Igreja e aos padres.

Quando tomou conhecimento das Aparições de Fátima, deu-se conta dos efeitos que elas poderiam produzir no povo. Compreendeu também que, se ele deixasse que a Igreja ressuscitasse para uma nova vida no seu Concelho, seria posto a ridículo pelos seus amigos e irmãos da Maçonaria. Confiava no espírito medroso do povo e no seu imenso poder para destruir, desde o início, esta nova mania religiosa.

Embora não houvesse em todo o Concelho quem não receasse apresentar-se perante este Administrador todo poderoso, não obstante havia alguém que, quando o bem dos filhos e o bem da Igreja se vissem ameaçados, não tinha medo de nada. Enfrentaria corajosamente qualquer um, em prol da verdade e da justiça. Esse homem era o pai da Jacinta e do Francisco.

“O meu Compadre António tinha recebido a mesma ordem que eu, de se apresentar com a Lúcia na Câmara de Vila Nova de Ourém no dia 11 de Agosto, ao meio-dia em ponto.” – contou o Ti Marto – “Pai e filha, logo de manhã, me apareceram lá em casa. Terminado o meu pequeno almoço, a Lúcia entra a perguntar-me: ‘-A Jacinta e o Francisco não vão?’”

“-Que vão lá fazer umas crianças daquela idade?” – respondeu o Ti Marto – “Não! Vou eu e respondo por elas.”

A Lúcia correu ao quarto da Jacinta, para contar à prima a ordem que tinham recebido e como temia que a matassem. “-Se eles te matarem, diz-lhes que eu mais o Francisco somos como tu, e também queremos morrer!” – exclamou a Jacinta.

A Lúcia e o pai foram indo na frente e não esperaram pelo Ti Marto. O Senhor António dos Santos ia muito depressa, não querendo arriscar-se a chegar atrasado e assim fazer zangar o Administrador. A Lúcia ia montada numa burrica, e durante a viagem ia pensando como o pai dela era diferente, comparado com o Ti Marto e os seus outros tios. “Eles expõem-se ao perigo para defenderem os filhos, mas os meus pais entregam-me com a maior indiferença; e eles que me façam o que quiserem. -Mas paciência!” – consolava-se a Lúcia a si própria – “Espero ter de sofrer mais por Vosso amor, Meu Deus, e é pela conversão dos pecadores!”

O Ti Marto foi à Câmara sozinho. Quando lá chegou, encontrou a Lúcia e o pai à espera no largo em frente do edifício. “-Então, já está tudo averiguado?” –perguntou ele, a pensar que já tinham terminado a sua audiência com o Administrador.

“-Não. Estava a porta fechada e não estava lá ninguém.” Ainda passou algum tempo até perceberem que se tinham enganado no edifício. Finalmente, lá chegaram à presença do Administrador.

“-Então o pequeno?” – gritou ele logo ao Ti Marto.

“-Qual pequeno?” – disse-lhe o Ti Marto, que continua a contar-nos o que aconteceu – “Ele não sabia que as crianças eram três e, como me mandou levar uma, fiz eu de conta que não sabia qual é que ele queria. ‘-Demais a mais, Sr. Administrador – acrescentei eu – são três léguas daqui à nossa terra, e os pequenos a pé não aguentam o caminho e não se seguram na burra, porque não estão habituados (a Lúcia caiu três vezes dela abaixo durante a viagem) E ainda tinha vontade de lhe dizer mais: ‘-Duas crianças daquele tamanho no tribunal!...’

“E vai ele zangou-se e passou-me ali uma boa reprimenda. Mas lá me aguentei. Começou então a interrogar a Lúcia, tentando arrancar-lhe o Segredo. Mas ela nesse ponto, como sempre, nem uma palavra. A certa altura, virou-se para o pai dela: ‘-Vocês, lá na Fátima, acreditam nessas coisas?’”

“-Não senhor. Tudo isso são histórias de mulheres.” E depois o Administrador voltou-se para mim, para ver o que eu diria.

“-Aqui estou ao seu dispor. E os meus filhos dizem as mesmas coisas que eu!”

E ele, assim escarninho: “- Acha então que é verdade?”

“-Sim senhor, acredito no que eles dizem.” Todos se riram à minha custa. Mas eu não me incomodei nada. E então o Administrador mandou embora a Lúcia, ameaçando-a ao mesmo tempo que lhe havia de apanhar o segredo, nem que tivesse de a mandar matar.

Assim terminou a entrevista e partiram para casa.

Pensava o Ti Marto que tinha acabado aquele assunto com o Administrador. Mas não era tão fácil como isso. O Administrador apenas tinha começado a execução dos seus planos. Estava a chegar a data da próxima Aparição e este Funcionário todo-poderoso resolveu impedi-la a todo o custo.

“Na manhã do dia 13 de Agosto – recordou o Ti Marto – mal eu tinha dado as primeiras enxadadas numa terra minha quando me foram chamar que fosse a casa. Ao entrar, vi que estava lá muita gente de fora, mas isso já não havia que estranhar. O que estranhei foi, ao ir à cozinha, ver a minha mulher ali sentada e assim a modo sucumbida. Não me disse uma palavra, mas fez-me assim um gesto a indicar-me que fosse para a casa de fora. E eu respondi-lhe até em voz alta: ‘-Tanta pressa! Já lá vou!’ E ela sempre a acenar-me. Ainda secando as mãos, entrei na sala e dou com os olhos no Administrador. ‘Então por cá, Sr. Administrador?’ – disse eu.

‘-É verdade, também lá quero ir ao milagre.’

‘Dizia-me o coração que alguma coisa estava mal.’

‘-Pois vamos lá todos. – continuou ele – Levo os pequenos comigo no carro. Ver para crer, como São Tomé!’ – Mas ele estava nervoso. Olhava para todos os lados e dizia: ‘-Então os pequenos não aparecem? Está-se a fazer horas. É melhor mandarem-nos chamar!’

“-Não é preciso que ninguém os chame. Eles lá sabem quando hão-de trazer o gado e aprontarem-se para ir.’ Nisto chegaram todos os três quase logo, e o Administrador começou a insistir com eles para irem no carro. Os pequenos bem diziam que não era preciso.

Mas ele repetiu: “-É melhor, que assim chegamos num instante e ninguém os incomoda pelo caminho.’

“-Pois então vão andando para Fátima – rendeu-se ele – e parem na casa do Sr. Prior, que quero lá fazer-lhes umas perguntas.’ Mal chegámos à varanda da casa do Sr. Prior, o Administrador gritou: ‘-Venha a primeira!’

“E eu logo: ‘-A primeira? Qual?’ Eu estava assim afito, pressentindo uma coisa qualquer que afinal saiu certo.

E ele continuou com arrogância: “-A Lúcia!”

“-Vai lá, Lúcia!” – disse eu. – o Ti Marto recordaria esse dia com precisão.

O Pároco estava à espera deles no seu escritório. Tinha mudado de ideia quanto às Aparições. Agora não as considerava obra do demónio, mas sim puras invenções. Chamou a Lúcia para a interrogar, de modo a garantir, perante o Administrador, que ele não tinha nenhuma responsabilidade nos acontecimentos. “-Quem é que te ensinou a dizer aquelas coisas que andas por aí a dizer?”

“-Aquela Senhora que eu vi na Cova da Iria.”

“-Quem anda a espalhar tais mentiras, que fazem tão mal, como a mentira que vocês disseram, será julgado, e irá para o Inferno se não for verdade; de mais a mais que muita gente anda enganada por vocês.”

“-Se quem mente vai para o Inferno, – respondeu a menina – então eu não vou para o Inferno, porque não minto; eu digo só o que vi e o que a Senhora me disse. E quanto ao povo que lá vai, só vai porque quer; nós não chamamos ninguém.”

“-É verdade que aquela Senhora vos confiou um segredo?”

“-Sim, mas não o posso dizer. Que, se V. Rev.^a quer sabê-lo, eu peço à Senhora, e se Ela me der autorização, digo-lho.”

O Administrador interrompeu o diálogo, porque os seus planos se estragariam se se permitisse à Lúcia voltar à Cova da Iria para pedir autorização de comunicar o segredo ao Pároco: “-Isto são coisas sobrenaturais. Vamos adiante.” – rematou com firmeza.

“Era um embuste total, uma maldade completa da parte do Administrador.” – continuou Ti Marto – “Aquilo foi só para armar ao efeito; porque quando chegou a vez de chamar os meus para ser interrogados, declarou: ‘Não é preciso mais nada. Podem-se ir embora tranquilamente; ou antes, vamos todos porque se faz tarde.’ “Os pequenos começaram a descer e o carro, sem eu dar conta, tinha mesmo vindo encostar ao fim da escada.” – conta o senhor Marto – “Ora aquilo estava mesmo a jeito, e o Administrador, num instante, conseguiu que eles entrassem para dentro do carro. O Francisco pôs-se à frente e as duas cachopas atrás. Estava aquilo tão jeitoso que era uma beleza! O cavalo partiu num trote em direção à Cova da Iria. Eu aliviei-me um tanto. Mas ao acolher-se na estrada fez uma reviravolta, e foi chicote por cima do cavalo, que partiu como um raio. Estava muito bem estudada e muito bem executada! Nada podia fazer-se agora.”

No carro, a Lúcia foi a primeira a falar, embora timidamente: “-Não é para este lado a Cova da Iria...” Então o Administrador procurou tranquilizar as crianças, dizendo-lhes que iriam primeiro a Ourém falar com o Sr. Prior de lá. No caminho houve quem, reconhecendo o carro do Administrador e os passageiros que levava, o tenha apedrejado. Rapidamente, o Administrador encobriu os pequenos com uma manta. Uma vez chegado à sua residência, triunfante, tirou-os do carro e empurrou-os para dentro de casa, a fechá-los num quarto. E avisou-os: “-Só saem daí depois de revelarem o segredo!” Eles não lhe responderam nem uma só palavra.

“-Se nos matarem – consolava a Jacinta os outros dois quando estavam sozinhos – é o mesmo, vamos direitinhos para o Céu.”

Em vez de lhes surgir o algoz, de cutelo em punho, apareceu-lhes uma bondosa senhora, a esposa do Administrador, que os veio buscar para lhes servir um bom almoço, deixando-os em seguida a brincar com os seus filhos. Ofereceu-lhes também uns livros para se entreterem vendo as gravuras.

O “Embuste”

Entretanto, espalhou-se o rumor por toda a aldeia de que era o demónio que apareceria desta vez na Cova da Iria para abrir os vulcões e engolir a todos ali reunidos. Mas, apesar dos rumores, muita gente se deslocou àquele lugar santo. E a Maria da Capelinha estava entre eles. É ela que atesta o que aconteceu, na qualidade de testemunha ocular:

“Eu não tinha medo nenhum. Coisa má não é, porque aqui reza-se muito. Nossa

Senhora me guie segundo a Divina Vontade. Se no mês de Julho havia muita gente, desta vez, era ainda muito mais.

“Deviam ser onze horas quando aqui chegou a Maria dos Anjos, irmã da Lúcia, com umas velas para acender quando Nossa Senhora aparecesse. Em volta da azinheira rezava-se, cantavam-se cânticos da Igreja, mas os pequenos tardavam e o povo começava a estar impaciente. Quando chegou alguém da Fátima a dizer que o Administrador tinha roubado as crianças, levantou-se um burburinho e não sei em que aquilo daria se não se ouvisse de repente um trovão. Alguns diziam que o trovão vinha da estrada, outros da carrasqueira; a mim parecia-me que vinha de muito longe... Toda a gente se quedou assustada e alguns pegaram a gritar que iam morrer. Mas o caso é que ninguém morreu.

“Ao trovão seguiu-se o relâmpago e, logo depois, todos começámos a notar uma nuvenzinha muito linda, muito branquinha, muito leve, que pairou uns minutos sobre a carrasqueira, subindo depois para o Céu e desapareceu no ar. Olhando então em redor, observámos aquela coisa estranha que já doutra vez tínhamos visto e que também havíamos de ver nos meses seguintes. A cara das pessoas brilhava com todas as cores do arco-íris: rosa, vermelho, azul... As árvores pareciam não ter ramos e folhas, mas só flores; pareciam todas carregadinhas de flores; cada folha parecia uma flor. O chão era todo aos quadradinhos, um de cada cor diferente, os fatos também eram da cor do arco íris. As duas lâmpadas presas ao arco pareciam de ouro.

“Logo que os sinais desapareceram, o povo parecia ir-se dando conta de que Nossa Senhora tinha vindo, mas não encontrando os pequenos, voltou para o Céu. Pensaram que Nossa Senhora devia ter ficado desconsolada e por isso ficaram extremamente irritados. A indignação crescia-lhes nos corações. Puseram-se a caminho de Fátima, gritando contra o Administrador, contra o Sr. Prior, contra todos os que se pensava que tinham parte na prisão dos pequenos.”

Tinha corrido tudo tão bem, mas aquele sentimento de frustração por não estarem presentes os Pastorinhos durante a Aparição provocou a revolta do povo, que gritava: “Vamos a Vila Nova de Ourém protestar! Vamos alagar aquilo tudo! Vamos ter com o Prior, porque ele também é culpado! Vamos ajustar contas com o Regedor!”

Entretanto, o Ti Marto tinha ido para a Cova da Iria; e quando esta gritaria do povo aumentou cada vez mais, ele, embora também pensasse que tanto o Pároco como o Administrador eram culpados, sentia-se movido a interpor-se contra o tumulto.

“-Sossegai, rapazes! Não se faça mal a ninguém!” – gritou ele com todas as suas forças. “Quem merece o castigo receberá. Tudo isto é pelo poder do Alto!”

Na verdade, o poder do Alto também interveio para conservar para a Mãe de Deus o nome de Fátima belo e sem mancha pelos séculos fora, como testemunha a carta que o Pároco escreveu aos jornais logo no dia seguinte e foi publicada alguns dias depois.

“O rumor que fui cúmplice no brusco arrebatamento das criancinhas – venho recusar tão injusta como insidiosa calúnia... O Administrador não me confiou o segredo das suas intenções...

“E se foi providencial que fosse a autoridade a levar furtivamente e sem ocasião de resistência as criancinhas, não foi menos providencial terem-se acalmado os ânimos excitados pelo diabólico boato – aliás, teria esta freguesia hoje a lamentar a morte do seu Pároco, como cúmplice. Mas ainda desta vez a cilada do demónio não logrou ferir de morte, devido certamente à Virgem Mãe...

“A autoridade quis que elas lhe descobrissem um Segredo que a ninguém haviam revelado... Não foram necessárias as crianças, dizem milhares de testemunhas, para que a Rainha dos Anjos revelasse o Seu poder. Vão elas mesmo atestar os factos extraordinários e os fenómenos de que deram fé e que mais arreigaram a sua crença... A Virgem Mãe não precisa da presença do Pároco para mostrar a Sua bondade; Eis

o verdadeiro motivo da minha ausência e aparente indiferença em tão sublime e maravilhoso assunto...”

A Provação

Os Pastorinhos passaram a noite do dia 13 em solidão e oração, pedindo a Nossa Senhora que lhes concedesse a fortaleza de Lhe serem sempre fiéis. Quando amanheceu, levaram-nos para a Câmara, onde foram submetidos a um interrogatório implacável. A primeira inquiridora foi uma velhota que fez as mais altas diligências para apanhar o segredo. Depois o Administrador tentou suborná-los, mas nem as reluzentes moedas de ouro, nem todo o género de promessas e ameaças de castigo conseguiram que os Pastorinhos se rendessem. Continuaram com este tratamento a manhã inteira, interrompendo apenas para almoçar. Foram submetidos ao mesmo interrogatório opressivo e desumano toda a tarde também. Finalmente, o Administrador disse que ficariam presos na cadeia e depois seriam lançados num caldeirão de azeite a ferver.

Quando chegaram à prisão, as lágrimas eram mais abundantes nos olhos da pobre Jacintinha. A Lúcia e o Francisco tentaram consolá-la.

“-Porque choras, Jacinta?” – perguntava a Lúcia.

“-Porque vamos morrer sem tornar a ver os nossos pais. Nem os teus, nem os meus nos vieram ver. Nunca mais se importaram de nós! Eu queria ver sequer a minha mãe!”

“-Não chores, Jacinta – era o Francisco a acarinhar a sua irmãzinha – oferecemos este sacrifício pela conversão dos pecadores.” E os três, erguendo as mãozitas, repetiam mais uma vez: “-Ó meu Jesus, tudo isto é por Vosso amor e pela conversão dos pecadores!”

E a Jacinta, sem esquecer nenhuma das intenções recomendadas pela Virgem Santíssima, acrescentava: “-E também pelo Santo Padre e em reparação das ofensas cometidas contra o Imaculado Coração de Maria.”

Havia naquela altura muitos homens presos na mesma cadeia e não haveria ali coração, por mais empedernido, que a cena das três crianças não conseguisse abrandar. Todos os presos as rodearam e, condóidos, era a ver cada um deles quem poderia consolá-las ou demovê-las do seu propósito de guardarem o segredo.

“-Mas vocês, digam lá ao Senhor Administrador esse segredo. Que lhes importa?”

“-Isso não! – disse a Jacinta – antes queremos morrer!”

Os Pastorinhos não pareciam sentir-se nada incomodados por estar na cadeia. Mas a Jacinta, que tinha só 7 anos, não se conformava com a ideia de morrer sem tornar a ver a mãe. Para a distrair, os presos começaram a cantar e a dançar com a música dum harmónio. Tentaram fazer com que os Pastorinhos dançassem também, e um homem muito alto levantou a Jacinta nos braços dançando com ela ao colo. Mas ela lembrou-se de Nossa Senhora; o baile não era a preparação própria para o Céu. Então a Jacinta disse ao preso que a pusesse no chão, tirou a medalha do pescoço e pediu ao preso que lha pendurasse num prego que havia na parede. Ajoelhou com o Francisco e a Lúcia e começaram a rezar o Terço. Embaraçados e envergonhados, os presos também se ajoelharam. Como um homem conservasse a cabeça coberta, o Francisco levantou-se, foi à beira dele e disse-lhe: “Quando a gente reza não pode ter o chapéu na cabeça.” O homem arremessou o chapéu para o chão, mas o Francisco apanhou-o e pô-lo em cima de um banco.

Em breve eles ouviram o barulho de passos lá fora. Entrou um guarda e ordenou às crianças: “Venham comigo.”

Foram outra vez levados à Câmara e sujeitos a um interrogatório agonizante. A Jacinta foi chamada primeiro. “-O azeite está a ferver. Diz o segredo... Senão...!”

A Jacinta, como Nosso Senhor perante os juízes, ficou calada.

“-Vamos! – ordenou o inquisidor – levem-na e deem-na no caldeirão!” Entrou um

guarda, agarrou-a por um braço, levou-a e, girando-a bruscamente na direção oposta, fechou-a num quarto ao lado.

Fora do escritório do Administrador, esperando a sua vez, o Francisco confidenciou à Lúcia: “-Se nos matarem, daqui a nada estamos no Céu. Não importa mais coisa nenhuma! Queira Deus que a Jacinta não tenha medo. Vou rezar uma *Avé-Maria* por ela.” Tirou o chapéu e começou a rezar.

O guarda, estranhando uma tal atitude, perguntou-lhe: “-Que estás tu a dizer?”

“-Estou a rezar uma *Avé-Maria* para que a Jacinta não tenha medo.”

O outro guarda voltou, e conduziu o Francisco ao escritório do Administrador. Agarrando no pequeno, gritou: “-O que é o segredo?! Aquela já está frita. Agora vamos a este. Anda, deita cá para fora o segredo!”

“-Não posso” – respondeu ele, erguendo o cândido olhar para o novo Nero. “-Sr. Administrador; não posso dizê-lo a ninguém.”

“-Não podes? ...Isso é lá contigo. Leva-o! Terá a sorte da irmã.” Foi levado ao quarto ao lado, onde encontrou a irmãzita sã e salva, toda sorridente.

A Lúcia estava convencida de que os tinham matado e, pensando que seria ela a próxima a ser lançada na caldeira de azeite a ferver, recomendava-se à sua celeste Protetora para que não a desamparasse e lhe concedesse a coragem de ser fiel e valente, tal como o tinham sido o Francisco e a Jacinta.

Embora a Lúcia revelasse ao Administrador os mesmos pormenores das visões que dissera a seus pais e ao Pároco, guardou para si a parte secreta. Tinha sido uma promessa solene feita a Nossa Senhora e preferiria morrer a quebrá-la. O Administrador ainda estava insatisfeito e quis saber o segredo. Depois da sua inquirição, a Lúcia foi também fechada no quarto onde os outros dois se encontravam, e ficaram os três muito felizes pela sua inquebrantável fidelidade a Nossa Senhora.

O Administrador ainda não se deu por vencido. De novo o guarda surgiu na frente dos pequenos e lhes disse que não tardaria muito a serem lançados todos duma vez ao caldeirão fervente. A ideia de lhes ser permitido morrer juntos por Nossa Senhora pô-los cada vez mais alegres. O Administrador finalmente admitiu, depois de outros interrogatórios inconcludentes, que não podia conseguir nada; e, receando o que talvez fizesse o povo enfurecido, levou ele próprio os Pastorinhos no seu carro para Fátima, sem saber que na Igreja se celebrava esse dia a Festa da Assunção.

O Segredo

Quando o povo saiu da Igreja depois de assistir à Missa do Dia Santo, reuniu-se no adro. O único tema de todas as conversas era o que teria acontecido aos Pastorinhos. Quando saiu o Ti Marto, todos lhe perguntaram: “Onde estão os pequenos?”

“-Não sei nada deles! – respondeu ele – Talvez os levassem para Santarém, a capital do Distrito. No mesmo dia em que me abalaram com eles, foi lá o meu enteado António com outros rapazes e disseram que os viram a brincar na varanda do Sr. Administrador. Foram as últimas notícias que ouvi.”

Mal terminara estas palavras, quando alguém gritou: “-Ó Ti Marto, olhe que as crianças estão ali na varanda do Sr. Prior!”

O Ti Marto lembra-se bem dos seus sentimentos: “Não sei em quanto me pus lá em cima e me agarrei à minha Jacinta. Eu não podia falar. As lágrimas caíam-me pela cara abaixo que até a carita da pequena ficou toda molhada. O Francisco e a Lúcia correram a abraçar-me, dizendo: ‘-Meu pai, meu tio, deite-me a sua bênção!’ (como é costume em Portugal, quando os filhos voltam para casa depois de uma ausência).

“Foi então que se aproximou um funcionário, o homem que andava ao serviço do Administrador. Tremia como varas verdes! Nunca vi uma pessoa tremer assim. ‘-Aqui

lhe entrego os seus pequenos.’ – disse ele. Deus deu-me então uma força para me conter e eu disse apenas: ‘-Isto podia dar um mau resultado, mas não deu. Queriam que eles dissessem o contrário, mas não foram capazes de os convencer; e ainda que os convencessem, eu havia de afirmar sempre que era verdade.’”

A gente fez uma grande barulhada no adro; mãos no ar, paus levantados, era uma trapalhada que ninguém se entendia. O Sr. Prior saiu imediatamente da Igreja e dirigiu-se para a sua casa. Julgando que era o Ti Marto a fazer o motim contra ele, repreendeu-o: “-Ó Sr. Manel, você está-me aqui a escandalizar!”

“Mas eu soube-lhe responder!” – lembra-se o Ti Marto – O Pároco recolheu-se logo para dentro de casa. Nesse momento, o Ti Marto não podia dar-se conta do nobre papel que o sacerdote desempenhou naquele dia. Com a sua Jacintinha ao colo, voltou-se para o povo e gritou: “Eh rapazes, portem-se bem! Alguns de vós gritais contra o Sr. Prior, outros contra o Administrador, outros contra o Regedor. Aqui não há culpa de ninguém. A culpa é da má crença e tudo é permitido pelo poder do Alto!”

“O Sr. Prior que ouviu isto ficou então muito contente, e disse lá da janela: ‘-O Sr. Manel diz muito bem! Ele diz muito bem!’

O Administrador tinha ido à taberna e quando voltou, vendo a multidão e o Ti Marto no balcão da casa do Prior, gritou-lhe: “-Deixe-se disso, Sr. Marto!”

‘-Está bem, está bem! Não há nada de mal!’ Então o Administrador foi para o escritório do Sr. Prior, e chamou o Ti Marto.

A raiva do povo diminuía. O generoso Pároco deixava o povo acreditar que tinha colaborado no sequestro dos Pastorinhos a fim de poupar o Administrador. As palavras prudentes dum homem de fé tiveram o poder de manter a paz entre aquela multidão. Era uma boa prova do poder da religião, e o Pároco não deixou passar a oportunidade de assinalar o facto ao Administrador: “-Sabe, Sr. Administrador, a religião também é precisa!”

Enquanto o Ti Marto saía, o Administrador dirigiu-se a ele: “-Ó Sr. Marto, acompanhe-me a beber um copo de vinho!”

“-Não é preciso, obrigado!” No entanto, como viu lá em baixo um grupo de rapazes armados de cacetes, ele teve receio de contender com o Administrador. Mais valia que as coisas acabassem em paz, e por isso pus-me ao lado do Administrador, pensando que talvez fosse sensato aceitar o convite.

“-Fico muito obrigado” – respondeu o Administrador, a saber muito bem o que estava a fazer. Sentia-se confiante. “-Pode perguntar aos pequenos se eu os tratei mal.”

“-Está bem, está bem... Não há dúvidas. O povo tem mais cuidado de fazer perguntas do que eu.” Nesse momento os Pastorinhos desceram também e, sem perda de tempo, encaminharam-se para a Cova da Iria. A gente começou a retirar-se e Ti Marto e o Administrador foram a uma taberna.

Quanto ao copo de vinho – lembra depois o Ti Marto – “Começámos ali numas conversas brutas. Ele quis convencer-me de que os pequenos lhe tinham contado o Segredo. Eu respondi: ‘Está bem, está bem! Não o contaram ao pai nem à mãe, e contaram-no ao Sr. Administrador!’”

Com isso, o assunto terminou por aquele momento. No entanto, é importante assinalar que o interrogatório das crianças serviu a um propósito que era providencial. Pelo facto de tudo ter vindo a ser assunto de registo oficial, o Administrador inconscientemente tornou inegável a existência de uma revelação secreta.

No dia 19 de Agosto

Naquele Domingo seguinte, 19 de Agosto, depois da Missa Paroquial, os três Pastorinhos foram rezar o Terço à Cova da Iria como de costume, e mais tarde voltaram

para Aljustrel. Uma vez que tinham almoçado, a Lúcia, junto com o Francisco e o João, seu irmão mais velho, partiram para uma fazenda que ficava perto, os Valinhos, onde o seu propósito era passar a tarde.

Passou a tarde rapidamente, mas eram mais ou menos quatro horas da tarde quando a Lúcia começou a notar as alterações atmosféricas que precediam as aparições da Nossa Senhora: um súbito refrescar da temperatura, um desmaiar do sol e o característico relâmpago. Os Pastorinhos sentiam já o maravilhoso pressentimento de que experimentaríamos outra vez algo sobrenatural. Nossa Senhora já estava a chegar. E a Jacinta que não estava! Lúcia dirigiu-se então a João: “-Ó João, vai buscar a Jacinta depressa que vem lá Nossa Senhora!”

Mas o rapaz não estava disposto a ir. Também ele queria ver a Mãe do Céu. “-Vai depressa – insistia a Lúcia – que eu dou-te dois vinténs, se trouxeres a Jacinta. Toma já um e o outro é para quando voltares.”

O João tomou a moeda e correu para casa. Quando chegou, gritou: “-Mãe, a Lúcia manda dizer que quer lá a Jacinta.”

“-Não chegam os três para a brincadeira? – perguntou a mãe.

“-Deixe-a vir, mãe, que é lá precisa! Olhe, a Lúcia até me deu um vintém para eu lha levar.”

Um vintém! Isso era muito dinheiro para crianças darem de prenda tão facilmente. “Para que é que ela quer lá a Jacinta!”

O João até tremia de impaciência, e então desembuchou: “-É que a Lúcia já viu nos astros os sinais de que Nossa Senhora vai aparecer, e quer lá a Jacinta a toda a pressa!

“-Pois vai lá com Deus! A Jacinta está em casa da madrinha.”

Foi o que o João quis ouvir e partiu como um raio. Ali, sussurrou as novidades à Jacinta e, de mãos dadas, correram aos Valinhos onde a Virgem os esperava. Ao primeiro relâmpago seguira-se outro e foi nessa altura que chegaram a Jacinta e o João. Momentos depois, a luminosa Senhora aparecia-lhes sobre uma carrasqueira, de altura um pouco superior à da Cova da Iria. A querida Mãe do Céu recompensava os seus três amiguinhos que Lhe tinham permanecido fiéis em circunstâncias tão difíceis.

“-Que é que Vossemecê me quer?” – pergunta a Lúcia.

“-Quero que continueis a ir à Cova da Iria, no dia 13, e que continueis a rezar o Terço todos os dias.”

A Lúcia então comunicou a Nossa Senhora a sua angústia perante a incredulidade de tanta gente quanto à realidade da Sua presença. E pediu-Lhe que fizesse um milagre para que todos acreditassem.

-Sim – respondeu a Virgem. – *No último mês, em Outubro, farei um milagre para que todos acreditem nas minhas Aparições. Se não vos tivessem levado à aldeia, o milagre seria mais grandioso. Virá São José com o Menino Jesus para dar a paz ao mundo.*

Virá também Nosso Senhor para abençoar o povo. Virá ainda Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Dores.

Logo a Lúcia se lembra da incumbência da Sr.^a Maria Carreira, e perguntou: “-Que é que Vossemecê quer que se faça do dinheiro e das outras ofertas que o povo deixa na Cova da Iria?”

“-Façam dois andores; um leva-lo tu com a Jacinta e outras duas meninas, vestidas de branco; o outro leva-o o Francisco com mais três meninos, também vestidos de roupas brancas. O dinheiro dos andores é para a festa de Nossa Senhora do Rosário e o que sobrar será para ajuda duma capela que hão-de mandar construir na Cova da Iria.

ALúcia falou então a Nossa Senhora sobre os doentes que Lhe tinham sido recomendados.

“-Sim, alguns curarei durante o ano.” Mas, tomando um aspeto mais triste, disse-lhes que rezassem antes pela saúde das almas em vez da dos corpos. “-Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores, pois vão muitas almas para o Inferno por não haver

quem se sacrifique e peça por elas.”

Em seguida, a Virgem Santíssima despediu-se dos seus amiguinhos e, como de costume, começou a elevar-se em direção ao Nascente. O João estava desconsolado. Tanto tinha querido ver Nossa Senhora, mas não viu nada. No entanto, ouviu algo como “um ruído de trovão semelhante ao disparo duma arma de fogo”, enquanto a Lúcia dizia: “Jacinta, vês? Vem aí Nossa Senhora!” – isso deu pouco consolo ao João.

Os três Pastorinhos, na Cova da Iria, tinham visto com pena os devotos despirem a azinheira da folhagem sobre que tinham poisado os pés nevados da Virgem. Mas desta vez são eles que cortam o raminho sobre o qual roçara a túnica da Nívea Senhora. O Francisco e a Jacinta deixaram a Lúcia e o João nos Valinhos, a guardarem o gado, e voltaram para Aljustrel, a contar aos pais a inesperada visita de Nossa Senhora. Levavam na mão o precioso ramo.

Ao passar na casa da Lúcia, estava à porta a mãe e a irmã, mais algumas vizinhas. A Jacinta exclamou, toda alvoroçada: “-Ó tia, vimos outra vez Nossa Senhora!... nos Valinhos!”

“-Ai, Jacinta! Sempre vocês me saíram uns mentirosos! Nem que Nossa Senhora lhes vá aparecer agora em toda a banda por onde vocês andam!...”

“-Mas é que vimos! – insistia a Jacinta – “Olhe, tia, Nossa Senhora prantou um pé neste raminho e outro neste.”

“-Dá-me cá! Deixa ver!” A Jacinta deu-lho e a mãe da Lúcia levou-o ao nariz e muito se admirou. “Mas a que cheira isto? – disse ela; e continuava a cheirar – Não é perfume... não é incenso... nem sabonete... cheiro a rosa também não é, nem de nada que eu conheça. Mas é um cheiro bom!” E toda a família queria cheirar, e todos o achavam muito agradável. “-Fica aqui; sempre se há-de encontrar alguém que saiba dizer a que é que cheira este ramo.”

A partir deste momento, a mãe da Lúcia e toda a família começaram a mitigar a sua oposição às Aparições. A Jacinta então levou o ramo para casa dela, para o mostrar aos pais. O Ti Marto conta o incidente pelas suas próprias palavras:

“Tinha ido nesse dia à tarde dar uma volta pelas minhas propriedades; e, ao sol posto, voltei para casa. Quando ia quase a entrar, encontrei um fulano meu amigo, que me disse assim: “-Ó Ti Manel! O milagre já está mais averiguado.”

“Porque dizes isso?” – perguntei eu, sem saber nada da aparição nos Valinhos nem do ramo.

“-Pois fique sabendo que Nossa Senhora apareceu há um bocado nos Valinhos, aos seus filhos e à Lúcia. Pois olhe que é certo, Ti Manel, e sempre lhe digo que a sua Jacinta tem uma virtude qualquer. Ela não tinha ido com os outros, e veio um cá chamá-la e só quando ela lá chegou, é que Nossa Senhora apareceu!” Eu encolhi os ombros, sem ter palavra que dissesse, mas entrei no pátio a pensar no caso. A mulher não estava em casa. Fui andando para a cozinha e lá me sentei. Entrou a Jacinta muito contente com um raminho na mão, assim dum palmo, e a dizer-me:

“-Olhe, pai! Nossa Senhora voltou a aparecer outra vez à gente hoje nos Valinhos.”

E, ao mesmo tempo que ela entrou, eu senti assim um cheiro tão maravilhoso que eu nem sabia explicar. Estendi a mão para o ramo e disse-lhe: ‘-Que é que trazes aí, Jacinta?’

“-É o raminho onde Nossa Senhora pôs os pés.’ Cheirei-o, mas o perfume tinha desaparecido.” Nossa Senhora não precisava de operar um milagre para lhe demonstrar a ele fosse o que fosse. ¹

1 Quando a Teresa, irmã da Lúcia, estava a chegar mais o marido à aldeia de Fátima, começaram a notar que os ares arrefeciam; o sol tomava uma cor amarelada e punha em tudo muitas cores, as mesmas coisas que se viram no dia 13 na Cova da Iria, seis dias antes, quando os Pastorinhos foram impedidos de lá estar por terem sido sequestrados e presos. Era à mesma hora da aparição nos Valinhos.

Capítulo VIII

A Quinta Aparição

As palavras que mais profundamente impressionaram o espírito dos Pastorinhos foram as últimas que Nossa Senhora pronunciou nos Valinhos: “-Rezai, rezai muito, e fazei sacrifícios pelos pecadores, que vão muitas almas para o Inferno, por não haver quem se sacrifique e peça por elas.” Estas palavras despertaram neles uma sede cada vez maior de mortificação, de oração e de oferecimento de sacrifícios. O seu único desejo era fecharem para sempre as portas daquela terrível fornalha do Inferno, para que mais nenhuma alma pudesse ir para lá.

Quando estavam sozinhos no campo com as ovelhas, os três Pastorinhos passavam assim horas e horas na Lapa do Cabeço, onde o Anjo tinha aparecido: prostrados no chão, a repetir a oração que o Anjo lhes ensinara: “-Meu Deus, eu creio, adoro, espero, e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam!... Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o Preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, presente em todos os Sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Sacratíssimo Coração e pela intercessão do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.”

Quando aquela posição, de tão incômoda, se lhes tornava insuportável, mudavam de posição e punham-se a rezar o Terço, não se esquecendo de intercalar a jaculatória que a Senhora lhes tinha ensinado: “-Ó meu Jesus, perdoai-nos e livrai-nos do fogo do Inferno, levari as alminhas todas para o Céu, principalmente as que mais precisarem.”

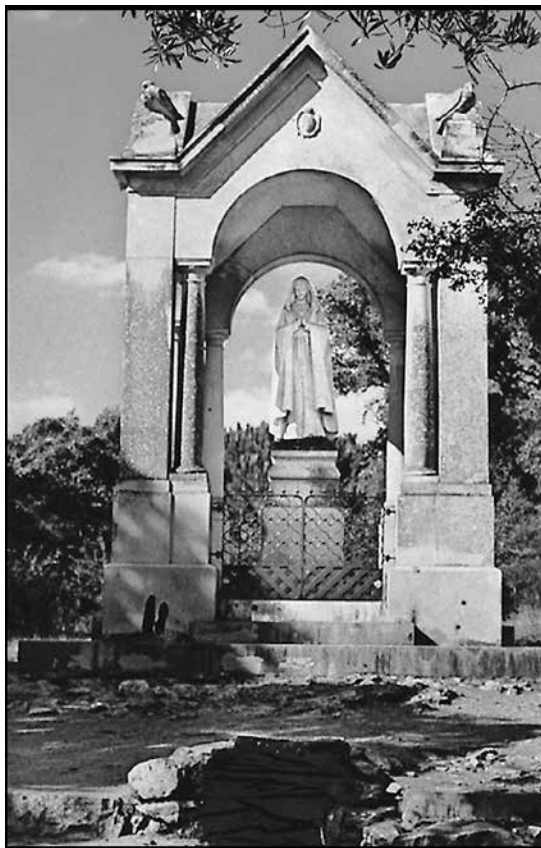
Os Pastorinhos rezavam muito, mas sacrificavam-se ainda mais. Exercitavam o seu espírito no sentido de descobrirem novos modos de oferecerem sacrifícios pela conversão dos pecadores. Para evitar que os outros interpretassem mal o motivo das suas mortificações e os impedissem de salvar as almas do Inferno, eles guardavam isto em segredo, só entre eles e a Virgem Santíssima. Só muitos anos mais tarde e por ordem dos seus superiores, é que a Irmã Lúcia revelou a extensão das orações e sacrifícios da sua infância.

Ao guardarem as ovelhas pela aridez da serra, eles ofereciam a Deus e a Nossa Senhora aquela sede que os abrasava. Os Pastorinhos passavam dias sem beber nada, enquanto andavam sozinhos pelos campos. Era um dos sacrifícios maiores e mais difíceis que faziam. Na verdade, naquele Verão passaram todo o mês de Agosto sem água. Em certa ocasião – diz a Irmã Lúcia – voltando os três da Cova da Iria para casa, ao passar pela lagoa da Carreira, a Jacinta estava tão vencida pela sede que foi forçada a falar: “-Olha! Tenho tanta sede e dói-me tanto a cabeça! Vou beber uma pouquinha desta água.”

“-Destá não!” – responde-lhe a Lúcia. – “A minha mãe não quer que bebamos daqui, porque faz mal; nesta lagoa se lava a roupa e entram a beber os animais. Vamos pedir uma pouquita de água à tia Maria dos Anjos.”

“-Não, Lúcia,” – interrompeu a Jacinta – “dessa água tão boa não quero; vou beber desta, porque, em vez de oferecer a Nosso Senhor a sede, oferecer-Lhe-ei o sacrifício de beber desta água suja.”

Um dia, estavam os três a brincar sobre o poço – pensavam as mães deles – quando a mãe da Jacinta lhes veio trazer uns cachos de uvas para se refrescarem. “-Não os comamos!” – resolveu a Jacinta logo que a mãe voltou costas – “e ofereçamos este sacrifício pelos pecadores.” E, como avistasse no caminho uns garotos pobrezinhos, correu a oferecer-lhes as deliciosas uvas. Noutra ocasião, levou-lhes a Senhora Olimpia



Santuário nos Valinhos

um cesto de figos. Os pequenos, sentados no chão, dispunham-se a saboreá-los, quando a Jacinta se lembra dos pecadores que tanto queria salvar do fogo do Inferno! Deita no cesto o figo que já tinha na mão, e afasta-se rapidamente com medo de ceder à tentação de comer os figos. Andavam a apanhar umas ervinhas que crescem por entre as pedras e que dão uns estalitos quando se apertam na mão; a Jacinta, ocupada nesta atividade, pica-se numa urtiga e, como quem faz um achado precioso, exclama: “-Olhem! Olhem! Outra coisa com que nos podemos mortificar!”

Andando certo dia a guardar o gado, encontraram um bocado de corda. A brincar, a Lúcia ata-a a um braço e não tarda a descobrir que a corda a magoa. “-Olhem, isto faz doer! Podíamos atá-la à cinta e oferecer a Deus este sacrifício!” A corda era grossa e muito áspera. Os Pastorinhos cortaram-na em três bocados e ataram-na à volta da cintura. A aspereza e grossura da corda ocasionavam um suplício, difícil até de suportar, especialmente para a Jacintinha. Quando a Lúcia a aconselhou a tirar a corda, a Jacinta insistiu que não. Ela sofreria de boa vontade qualquer sacrifício para salvar os pecadores do Inferno! Até

usavam a corda durante a noite, o que os impedia de terem o descanso suficiente. E Nossa Senhora falou-lhes do assunto na Sua visita seguinte.

Enquanto, por um lado, os três pequenitos procuravam agradar em tudo à bondosa Senhora, havia por outro lado homens determinados em os desacreditar e em fazer das Aparições um fiasco. Para eles era outra oportunidade de destruírem a Igreja em Portugal. Enquanto o Administrador via as suas tentativas frustradas, houve outro homem que por esta altura surgiu a ‘tomar o comando’: era o José do Vale, editor de um jornal esquerdista. A sua ideia era pôr fim ao caso de Fátima levando a cabo uma reunião pública e espalhando nas vilas e aldeias panfletos que contavam a “verdade” sobre Fátima e sobre a Igreja. O José do Vale pensava que a melhor oportunidade de encontrar o povo reunido seria no fim da última Missa na igreja de Fátima.

Prevendo um êxito fácil, foi até à Igreja um Domingo cedo, com uns guardas e gente de influência do Concelho. Mas o único homem que encontraram no adro da Igreja era o Regedor da aldeia.

É que nesse Domingo, calma e inesperadamente, o lugar da Missa fora mudado pelo Pároco, que às vezes alternava entre as várias igrejas da Paróquia.

Sem se dar por vencido, o grupo dirigiu-se à Cova da Iria, onde sabia que se reuniria muita gente. Mas esperava-os lá uma insólita recepção. Um homem dos nossos tinha juntado vários burros, e atou-os às azinheiras. Assim que o grupo agressor apareceu, ele fez com que os burros se pusessem a zurrar sem descanso, para grande irritação dos indesejáveis visitantes.

O José do Vale foi direito à carrasqueira, onde outra surpresa o aguardava. Havia molhos de palha e pasto colocados à volta da árvore. A boa gente da Moita convidava-os

a comer palha, comparando-os aos animais que a comem. “Era um insulto, e como tal foi entendido.” – disse a Maria da Capelinha – “Cheguei ali às onze e meia com duas vizinhas. Escondemo-nos, para podermos ficar perto dos homens quando eles chegassem. A Capela das Confissões está situada mesmo no lugar onde nos escondemos. A pouca distância, três homens sentaram-se nos ramos dum grande carvalho. E quando um dos homens maus começou a blasfemar contra a Igreja, de cada vez que ele dizia qualquer coisa pior, nós respondíamos: ‘-Viva Jesus e Maria!’. E ao nosso lado um rapaz, de pé em cima doutro grande carvalho, fazia eco em voz alta, logo a seguir a nós: -Viva Jesus e Maria!’ – tirando o chapéu de cada vez, com grande reverência.

Eles ficaram tão zangados que mandaram dois guardas atrás de nós; mas nós cortámos pelos campos fora e eles perderam-nos de vista. Entretanto, a Missa acabou e chegaram os nossos homens. Quando deram conta do que se passava, começaram a interromper os oradores e a fazer troça dos guardas. “-Cabeças de burro! -Cabeças de burro! -Cabeças de burro!”. O José do Vale e os seus companheiros responderam, chamando ‘parolos da serra’, ‘saloios’, e assim aos seus opositores, e mandaram os guardas atrás deles; mas eles desandaram para um lado e para o outro, rindo e fazendo troça dos incrédulos que queriam ir revelar ‘toda a verdade’ acerca da Igreja e de Nossa Senhora. E nunca mais se ouviu falar do José do Vale e dos seus conspiradores.”

Entretanto, os três Pastorinhos contavam as horas para esta Aparição. Muitos milhares de pessoas já acreditavam, mas igual número recusava ainda dar crédito às Aparições. Esta incredulidade e incompreensão, especialmente por parte dos sacerdotes, mais as repetidas e constantes perguntas do povo, provocavam nos Pastorinhos um agudo sofrimento e um sentimento de total solidão. Na verdade, parecia-lhes que só Nossa Senhora os compreendia e que só eles A compreendiam a Ela.

Desde as primeiras horas do dia 13 de Setembro, já as casas dos videntes encontravam-se cheias de gente e todos queriam falar às crianças e pedir-lhes que encomendassem a Nossa Senhora as suas necessidades. “Ao aproximar-se a hora, – escreveu a Irmã Lúcia – fui para a Cova da Iria com a Jacinta e o Francisco entre numerosas pessoas que a custo nos deixavam andar. As estradas estavam apinhadas de gente; todos nos queriam ver e falar; ali não havia respeitos humanos. Muita gente do povo, e até senhoras e cavalheiros, conseguindo romper por entre a multidão que à nossa volta se apinhava, vinham prostrar-se de joelhos diante de nós pedindo que apresentássemos a Nossa Senhora as suas necessidades. Outros, não conseguindo chegar junto de nós, clamavam de longe: ‘-Pelo amor de Deus, peçam a Nossa Senhora que me cure o meu filho que é aleijadinho!’ ‘-Que me cure o meu, que é cego!’ ‘-O meu, que é surdo!’ ‘-Que me traga o meu marido, o meu filho... que anda na guerra!’ ‘-Que me converta um pecador!’ ‘-Que me dê saúde, que estou tuberculoso!’ etc...’ Ali apareciam todas as misérias da pobre humanidade e alguns gritavam até do cimo das árvores e de muros para onde subiam para nos verem passar.

“Dizendo a uns que sim, dando a outros a mão para os ajudar a levantar do pó da terra, lá fomos andando, graças a alguns cavalheiros que nos iam abrindo passagem por entre a multidão. Quando agora leio no Novo Testamento essas cenas tão encantadoras da passagem de Nosso Senhor pela Palestina, recordo estas que Nosso Senhor me fez presenciar, tão criança ainda, por esses pobres caminhos e estradas de Aljustrel até Fátima e até à Cova da Iria, e dou graças a Deus oferecendo-Lhe a Fé do nosso bom povo português; e penso que, se estas pessoas se humilhavam assim diante de três pobres crianças só porque lhes fora concedida, pela Misericórdia Divina, a graça de falarem com a Mãe de Deus, o que não fariam elas se vissem diante de si o próprio Jesus Cristo?”

Chegados finalmente os Pastorinhos junto da carrasqueira, a Lúcia, como de costume, começou o Terço e todos respondiam. Não tinha ainda acabado a reza, quando os pequenos



Bênção dos Doentes no Santuário de Fátima.

promessas que já lhes tinha feito na Sua anterior Aparição. *“No último mês, em Outubro, farei um milagre para que todos acreditem [nas Minhas Aparições]. Se não vos tivessem levado para a aldeia [nome por que normalmente era conhecida Vila Nova de Ourém, que nessa época era uma aldeia], o milagre seria mais grandioso. Virá São José com o Menino Jesus dar a paz ao mundo. Virá também Nosso Senhor a abençoar o povo. Virá ainda Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Dores.*

“Deus está contente com os vossos sacrifícios, mas não quer que durmais com a corda; trouxe-a só durante o dia.”

“-Têm-me pedido para Lhe pedir muitas coisas – diz a Lúcia então. “Esta pequena é surda-muda. Vossemecê não a quer curar?”

“Durante o ano experimentará algumas melhoras.”

“Vossemecê não quer curar também estas pessoas?”

“Um as curarei, outras não, porque Nosso Senhor não se fia nelas.”

“-O povo gostava muito de ter aqui uma capela” – lembrou a Lúcia.

“Façam dois andores. Empreguem metade do dinheiro que até hoje receberam, nos andores, e sobre um deles ponham Nossa Senhora do Rosário; a outra parte será destinada a ajudar à construção duma capela.”

“-Há muitos que dizem que eu sou uma intrujona, que merecia ser enforcada ou queimada. Faça um milagre para que todos creiam!”

“Sim, em Outubro farei um milagre para que todos acreditem.”

“-Um as pessoas deram-me duas cartas para Vossemecê e um frasco de água-de-colônia.” A Lúcia não queria esquecer-se de nenhum pedido.

“Isso de nada serve para o Céu!”

Nossa Senhora começa então a elevar-Se. A Lúcia, apontando para o Nascente por onde a Virgem ia a desaparecer, gritava para o povo: “-Se querem vê-La, olhem para ali!” E todos os olhos se voltaram avidamente na direção do Oriente, e muitos puderam observar de novo o globo luminoso que agora subia direito ao Céu. Depois de uns instantes de trépida comoção, toda a multidão se precipitou sobre as crianças a assediá-las com mil interrogações. “-O que disse Nossa Senhora?” “-Ela vai curar o meu filho?” “-O meu marido vai voltar são e salvo da guerra?” “-Ela vai ajudar a minha filhinha?” Foi com grande dificuldade que os pais dos Pastorinhos conseguiram ir ter com eles e trazê-los para casa. Quando chegaram, encontraram-nas de novo a enxamear de gente, à espera de interrogar mais as crianças.

“-Como era Nossa Senhora?” “-E era mesmo a Virgem Santíssima? -Contem-nos tudo o que aconteceu.”

Entre as muitas testemunhas desta Aparição, havia alguns padres. E entre eles Monsenhor João Quaresma, Vigário Geral da Diocese de Leiria, e o Padre Manuel do Carmo Góis. Monsenhor Quaresma, que era homem muito erudito, tinha ido à Cova da Iria cheio de ceticismo; ele não sabia se devia dar crédito ou não ao testemunho dos Pastorinhos. É ele que nos dá a sua narração pessoal dos acontecimentos desse dia:

Tinha pensado para si próprio: “Ora...não se teriam talvez enganado, os pobres Pastorinhos? Teriam sido talvez vítimas duma linda ilusão? Ou haveria nas afirmações dos pequenos qualquer coisa de verdade? Que havemos, pois, de dizer daquelas multidões sempre crescentes de homens que em todos os dias 13 afirmavam ter visto no céu da Fátima fenómenos extraordinários?

“Numa linda manhã do dia 13 de Setembro de 1917 saímos de Leiria para seguirmos, numa ronqueira carroça puxada por um velho cavalo, para o lugar onde se davam as discutidas Aparições. Foi o nosso querido Padre Góis que escolheu o melhor local, dominando o vasto anfiteatro da Cova da Iria, de onde podíamos ver mais facilmente, sem nos aproximarmos demasiado, o lugar onde os Pastorinhos rezavam aguardando a celeste Aparição. Ao meio-dia solar, fez-se um completo silêncio. Ouvia-se o ciciar das preces. Subitamente, soam gritos de júbilo!... Ouvem-se vozes a louvar a Virgem. Braços erguem-se a apontar para qualquer coisa no alto. ‘-Olhem, não vêem?’ ‘-Sim, já vejo!’

“Também eu levanto os olhos e ponho-me a perscrutar a amplidão do céu, para ver o que outros olhos mais felizes, primeiro do que eu, contemplaram. Com grande admiração minha, vejo clara e distintamente um globo luminoso que se movia do Nascente para o Poente, deslizando lento e majestoso através do espaço. O meu amigo olhou também e teve a felicidade de gozar da mesma inesperada e encantadora aparição...quando, de repente, o globo com a sua luz extraordinária se sumiu aos nossos olhos.

“Perto de nós estava uma pequenita vestida como a Lúcia e pouco mais ou menos da mesma idade. Cheia de alegria continuava a gritar “-Ainda a vejo ...ainda a vejo...agora desce para baixo! Passados minutos, exatamente o tempo que costumavam durar as Aparições, começou a criança de novo a exclamar apontando para o céu: ‘-Lá sobe ela outra vez!’ – e continuou seguindo o globo com os olhos até que desapareceu na direção do sol.

“-Que pensas daquele globo?” – perguntei ao meu amigo, que se mostrava entusiasmado com tudo quanto tínhamos visto. ‘-Que era Nossa Senhora’ – respondeu ele sem hesitar. Era também essa a minha convicção. Os Pastorinhos contemplaram a própria Mãe de Deus; a nós fora-nos concedida a graça de ver o carro que A tinha transportado do Céu até à charneca inóspita da Serra de Aire. Devemos dizer que todos os que ali estavam tinham observado o mesmo que nós. Porque de todos os lados se ouviam manifestações de alegria e saudações a Nossa Senhora. Todavia, havia alguns que nada viram. Perto de nós estava uma piedosa e singela criatura que chorava amargamente por não ter visto nada.

“Com quanto entusiasmo ia o meu colega, de grupo em grupo, na Cova da Iria e depois pela estrada fora, informando-se do que tinham visto! As pessoas interrogadas eram das mais diversas classes sociais; todas à uma afirmavam a realidade dos fenómenos, que nós próprios havíamos presenciado.

“Profundamente satisfeitos, regressámos a casa da nossa peregrinação a Fátima, com o firme propósito de lá voltarmos no dia 13 de Outubro, para aceder ao convite da Lúcia e para fortificar ainda mais a nossa Fé nas Aparições de Nossa Senhora.”

Presenciaram-se ainda outros fenómenos nesse dia. Havia um súbito refrescar da atmosfera, o empalidecer do sol até ao ponto de se verem as estrelas, tanto assim que milhares de pessoas podiam vê-las, embora fosse a hora do meio-dia. Havia também como uma chuva de pétalas irisadas que desapareciam antes de poisarem no chão.

Capítulo IX

A Sexta Aparição

Durante as três Aparições anteriores, a Virgem Santíssima prometera aos Pastorinhos que a última vez que aparecesse, em Outubro, faria um milagre para que todos vissem e dessa maneira acreditassem. A Lúcia repetia-o a todos os que a vinham interrogar e a notícia espalhara-se como um incêndio através do país inteiro. Imagine-se, ser-se avisado com antecedência de que aconteceria um grande milagre, num prazo que não era de cem anos mas dentro de trinta dias! A expectativa e ansiedade provocadas pelo prognóstico deste magnífico sinal pesavam muito sobre os fiéis, especialmente sobre a família dos Pastorinhos. Os incrédulos riam-se da profecia e os inimigos da Igreja chamavam-lhe um grande logro, que a Igreja tentava impingir ao povo. Para eles, o dia 13 de Outubro seria um dia para se alegrarem porque tal logro seria desmascarado e a Igreja ficaria desacreditada por completo.

Os Pastorinhos estavam extremamente entristecidos pela incredulidade de tantos, mas confiavam inteiramente na bondade de Nossa Senhora e por isso não estavam preocupados. As suas famílias, porém, eram atormentadas, sobretudo pelos muitos vizinhos que não davam crédito às Aparições. Até ameaçavam as famílias com severos castigos, se a promessa de um milagre resultasse falsa.

“A minha família – conta a Maria dos Anjos, a irmã mais velha da Lúcia – estava muito preocupada com isso. Quanto mais se aproximava o dia 13 mais nós repetíamos à Lúcia que era bom que ela não andasse com aquelas teimas, que lhes ia acontecer mal a eles e a nós; que íamos todos sofrer por causa das coisas que eles tinham inventado. O pai reprendia-a frequentemente, mas nunca lhe bateu. Era a mãe que a castigava mais. Dizia-se que iam lá deitar bombas na Cova da Iria, para meter medo a todos os que lá quisessem ir. ‘-Se a coisa fosse connosco – diziam-nos alguns – nós fechávamo-las num quarto até que se desdissem.’ Nós tínhamos muito medo. Sem ser na frente da Lúcia dizíamos: ‘-O que será de nós todos?!’ Houve quem viesse aconselhar a mãe a que se levasse a Lúcia daqui para fora, para um sítio onde ninguém desse com ela. A gente ficava sem saber o que havia de fazer.

“A mãe queria fazer o que fosse certo, mas não compreendia aquilo. ‘-Se é Nossa Senhora que ali aparece – lamentava a mãe – bem podia já ter feito um milagre. Podia ter feito romper uma nascente... ou qualquer coisa assim. Ai, em que isto vai dar?!’ Mas os Pastorinhos não tinham receio. Uma vez fui ter com eles ao poço e disse-lhes: ‘-Então vocês não estão resolvidos a dizer que não viram nada na Cova da Iria? Já andam aí a dizer que deitam bombas para destruir as nossas casas. É melhor vocês dizerem só a mim e eu vou dizê-lo ao Sr. Prior, e o Sr. Prior avisa do altar abaixo. Querem que eu vá? Querem?’ A Lúcia, de testa franzida, calava-se; e então a Jacinta, entre lágrimas e com a sua vizinha meiga, respondeu-me: ‘-Pois sim, mas a gente viu!’”

Era tão grande o terror que a mãe da Lúcia sentia ao pensar no iminente desastre que, na véspera do dia 13, mal luzia o dia, saltou da cama, foi acordar a Lúcia e pediu-lhe por tudo que se fosse confessar. “Dizem que havemos de morrer amanhã na Cova da Iria. Se a Senhora não faz o milagre, o povo mata-nos.”

Mas a Lúcia respondeu com placidez: “-Se a mãe quer confessar-se, eu vou também. Não tenho medo. Tenho a certeza absoluta que a Senhora há-de fazer amanhã tudo o que prometeu.” E não se falou mais em confissão.

Em casa do Francisco e da Jacinta havia a maior paz. Não havia nada que fizesse abalar a Fé do Ti Marto. “Poucos dias antes do dia 13 de Outubro – conta-nos ele – apareceu aqui o Sr. Padre Poças, prior de Porto de Mós, com um seu paroquiano. Vinha para ver se conseguia que os pequenos se desdissem. Eles tinham interrogado o Francisco,

mas sem resultado nenhum. Queriam também falar com a Lúcia e com a Jacinta, mas as duas cachopas andavam lá por Boleiros a buscar cal com uma jumentica. Apesar de eu lhes dizer que as pequenas cá viriam ter, lá foram em procura delas, mais o João.” Ele ia forçar as crianças a repudiarem a sua história; senão, teria de tomar uma atitude drástica.

“-Ouve lá, pequena – disse o sacerdote à Lúcia – agora vais-me dizer que tudo aquilo são histórias e bruxaria. Se tu não o dizes, digo-o eu e mando-o dizer por toda a parte e, é claro, vocês também não escapam.”

A Lúcia não respondeu palavra, mas o Ti Marto não podia conter-se que não dissesse: “-Pois o melhor é mandar já telegrafar para toda a parte.”

“-Pois isso mesmo é que se devia fazer! Assim ninguém vinha cá no dia 13 e acabava-se tudo.” – disse o sacerdote triunfante.

O outro homem que vinha com o Padre, declarou: “-Isto aqui não é outra coisa senão bruxedo.”

O Ti Marto ficou encolerizado e a Jacinta, que não gostava de ver ninguém zangado, desapareceu. O pai voltou-se para o Padre e disse-lhe: “-Se assim é, deixem os pequenos descansados. Ninguém impede os senhores de fazerem o que entenderem!” O Ti Marto foi para casa com a Lúcia e o João, seguidos pelo sacerdote e o seu paroquiano. Já lá estava a Jacinta na soleira da porta, penteando o cabelo duma cachopita.

“-Ouve lá, Jacinta, – disse então o Padre – tu não quiseste dizer nada? Mas a Lúcia contou-nos tudo. E é tudo mentira.”

“-A Lúcia não contou nada!” – respondeu com firmeza a pequenita. Mas ele teimava e a Jacinta ainda mais: Todos estavam pasmados com a firmeza da pequena; até o Ti Marto julgou que eles se convenciam das Aparições. A certa altura, o tal fulano puxou de um tostão da algibeira para entregar à Jacinta.

O Ti Marto segurou-lhe o braço e disse-lhe: “-Alto! Isso não se faz!”

“-Pelo menos, ao seu filho João posso dar alguma coisa?”

“-Não é preciso, mas, se quer, a esse pode dar!”

Quando eles iam a sair, o Padre voltou-se para o Sr. Marto e disse-lhe: “-Sim, senhor, tem desempenhado bem o seu papel!”

“-Bem ou mal, não sei; cá nesta casa usa-se assim. Não conseguiram que os pequenos se desdissem; mas, ainda que o conseguissem, eu ficava na minha de que eles falavam verdade!” O Sr. Marto era um bom pai, sempre leal a seus filhos, assim como eles lhe eram leais a ele, porque todos sem reservas acreditavam em Deus e na Virgem Maria, Sua Mãe Santíssima.

Na manhã do dia 13 de Outubro de 1917, continuava a haver em Fátima um injustificado terror. A chuva caía torrencialmente, num triste início para o dia glorioso prometido por Nossa Senhora e afiançado pelos Pastorinhos. No entanto, a chuva não desanimou a Fé viva com que milhares de peregrinos de todas as províncias de Portugal se encaminhavam para a ditosa terra, para presenciarem o milagre prometido. Mesmo os diários, até essa altura tão hostis aos acontecimentos de Fátima, enviaram jornalistas para o local; e como, nos dias seguintes, publicaram extensos artigos sobre os extraordinários eventos, aproveitá-los-emos aqui, citando as narrativas jornalísticas que descrevem a autêntica história do acontecimento.

“Despovoaram-se os lugares, as aldeias, as cidades próximas,” – dizia o jornalista de O Dia, um diário de Lisboa. “Pelos estradas, já nas vésperas, seguiam grupos de romeiros a caminho de Fátima. Vieram a pé, os coturnos de lã nas pernas musculosas, saias de agasalho sobre as costas, à cabeça o saco com o farnel, no passo miúdo e meneado que lhes fazia voltar a rodaria das saias e agitar os lenços alaranjados onde assentavam os chapéus pretos.

“Operários da Marinha [Grande], lavradores de Monte Real, das Cortes, dos Marrazes,

serranas de longe – das serras do Soubio, de Minde, do Louriçal, gente de toda a parte onde chegara a voz do Milagre, deixavam as casas e os campos e vinham por ali fora a cavalo, de carro ou a pé percorrendo as estradas, atravessando montes e pinhais, de longada pelos caminhos que durante dois dias se animaram do rodar dos carros, do chouto dos jumentos, do vozear dos grupos dos romeiros.

“O Outono avermelhava as vinhas vindimadas. O vento do Nordeste, frio e cortante, anunciando o Inverno, fazia tremer os choupos transparentes das bordas dos rios.

“Nos areais giravam as velas brancas dos moinhos. Nos pinhais curvavam-se ao vento os cimos verdes dos pinheiros. As nuvens iam cobrindo o céu. Amontoava-se o nevoeiro em blocos leves e macios. O mar, na vastidão da praia da Vieira, espumava, bramava, enrolava-se em ondas altas e pelos campos ia-se ouvindo, num clamor sinistro, a sua voz!

“Toda a noite e toda a madrugada choveu uma chuva miudinha persistente, que encharcava os campos, que entristecia a terra, que ia trespassando até aos ossos, de uma humidade fria, as mulheres, as crianças, os homens e os animais que percorriam as estradas lamacentas no seu caminho apressado para a serra do Milagre. A chuva caía, caía, macia e teimosa. As saias de estamena e riscadilha pingavam, pesavam como chumbo nas fitas das cinturas. Os barretes e os chapéus largos escorriam água sobre as jaquetas novas dos fatos de ver a Deus. Os pés descalços das mulheres, as botas ferradas dos homens, chapinhavam nas poças largas do lodaçal das estradas. Mas a chuva parecia que não molhava, parecia que se não sentia a chuva.

“Caminhavam sempre, subindo a serra iluminados de Fé, na ânsia do milagre que Nossa Senhora prometera, no dia 13, pela uma hora, a hora do sol, às almas simples e puras de três crianças que apascentavam gados!” Mas, na realidade, em Fátima essa era a hora do meio-dia, porque o sol nesse momento estava no seu zénite.

“Aproximava-se um murmúrio que vinha descendo do monte. Murmúrio que parecia a voz longínqua do mar, que se tinha calado no silêncio dos campos. Eram cânticos que se definiam, entoados por milhares de bocas. No planalto da serra, cobrindo o monte, enchendo um vale, via-se uma e milhares de almas em prece!”

O Século, outro diário de Lisboa, publicou um artigo extenso sobre os acontecimentos do dia. O seu jornalista escolheu como ponto de observação a estrada entre Chão de Maçãs e Vila Nova de Ourém.

“Pelo caminho topavam-se os primeiros ranchos que seguem em direção ao local santo, distante mais de vinte quilómetros bem medidos. Homens e mulheres vão quase todos descalços – elas, com saquitéis à cabeça sobrepujados pelas sapaterras; eles, abordoando-se a grossos varapaus e cautelosamente munidos também de guarda-chuva. Dir-se-iam, em geral, alheados do que se passa à sua volta, num desinteresse grande da paisagem e dos outros viandantes, como que imersos em sonho, rezando numa triste melopeia o Terço. Uma mulher rompe a primeira parte da Ave-Maria, a saudação; os companheiros, em coro, continuam com a segunda parte, a súplica. Num passo certo e cadenciado, pisam a estrada poeirenta, entre pinhais e olivedos, para chegarem antes da noite ao sítio da Aparição, onde, sob o relento e a luz fria das estrelas, projetam dormir, guardando os primeiros lugares junto da azinheira bendita – para no dia de hoje verem melhor.

“À entrada da vila, mulheres do povo a quem o meio já injetou o vírus do ateísmo comentam, em tom de troça, o caso do dia: ‘-Então vais, amanhã, ver a santa?’ – pergunta uma. ‘-Eu não. Se ela cá viesse!’ E riem-se com gosto, enquanto os devotos prosseguem indiferentes a tudo o que não seja o objetivo da sua romagem. Durante a noite, reúnem-se na praça da vila os mais variados veículos, conduzindo crentes e curiosos sem que falem velhas damas vestidas de escuro, vergadas já ao peso dos anos, mas faiscando-lhes nos olhos o lume ardente da Fé que as animou ao ato corajoso em abandonarem por um dia o inseparável cantinho da casa.

“Ao romper da alva, novos ranchos surgem intrépidos e atravessam, sem pararem um instante, o povoado, cujo silêncio quebram com a harmonia dos cânticos religiosos que entoam vozes femininas, muito afinadas, num violento contraste com a rudeza dos tipos.

“O sol nasce, mas o cariz do céu ameaça tormenta. Nuvens negras acastelam-se precisamente para as bandas de Fátima. Nada, todavia, detém os que, por todos os caminhos e servindo-se de todos os meios de locomoção, para lá confluem. Os automóveis luxuosos deslizam vertiginosamente, a buzinar; os carros de bois arrastam-se devagar a um lado da estrada; as galeras, as vitórias, as caleches fechadas, as carroças nas quais se improvisaram assentos, vão ajoujados a mais não poderem.

“Quase todos levam, com os farnéis mais ou menos modestos para as bocas cristãs, a ração de folhelho para os irracionais a que o ‘poverello’ de Assis chamava nossos irmãos e que cumprem valorosamente a sua tarefa. Tilinta uma ou outra guizeira, vê-se uma carrocinha adornada de buxo; mas o ar festivo é discreto, as maneiras são compostas, a ordem absoluta. Burrinhos choutam à margem da estrada e os ciclistas, numerosíssimos, fazem prodígios para não esbarrar de encontro aos carros.

“Pelos 10 horas da manhã, o céu tolda-se totalmente e não tardou que entrasse a chover a bom chover. As cordas de água, batidas por um vento agreste, fustigam os rostos, encharcando o macadame e repassando até aos ossos os caminhantes. Se alguns se abrigam sob a copa das árvores, junto dos muros das quintas ou nas distanciadas casas que se debruçam ao longo do caminho, outros continuam a marcha com uma resistência impressionante.

“O local da charneca de Fátima onde se disse que a Virgem apareceu aos Pastorinhos do lugarejo de Aljustrel é dominado numa enorme extensão pela estrada que corre para Leiria, e ao longo da qual se postaram os veículos que lá conduziram os peregrinos e os mirones. Mas o grosso dos romeiros, milhares de criaturas que foram de muitas léguas em redor e a que se juntaram fiéis idos de várias províncias, congregaram-se em torno da pequena azinheira que, no dizer dos Pastorinhos, a Visão escolhera para seu pedestal e que podia considerar-se como o centro de um amplo círculo em cujo rebordo outros espectadores e outros devotos se acomodam.”

Alguns estimavam que a multidão na Cova da Iria esse dia devia de ser pelo menos de setenta mil pessoas. Um Professor da Universidade de Coimbra, o Dr. Almeida Garrett, depois de a considerar com cuidado, fala-nos na sua relação de mais de cem mil. “No dia 12 – conta-nos a Sr.^a Maria da Capelinha – havia muita gente e faziam um barulho que até se ouvia lá em cima, no nosso lugar. Passaram todos a noite ao ar livre, porque não havia cá telha nenhuma. Ainda o sol não tinha rompido, já se rezava, chorava e cantava. Também eu vim para aqui muito cedo e consegui chegar à azinheirinha que já não tinha senão um cepo e que eu na véspera tinha enfeitado de flores e fitas de seda.”

Em casa da Lúcia havia grande comoção. A Sr.^a Maria Rosa, enternecida como nunca antes acontecera, supunha que para a filha aquele seria o último dia da sua vida. Com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces, contemplava a pequena que, afagando-lhe o rosto, procurava animá-la.

“-Não tenha medo, mãezinha – dizia a Lúcia – porque nada de mal nos acontecerá, decerto! Nossa Senhora há-de fazer o que prometeu!”

E a Lúcia dispunha-se a sair. A Sr.^a Maria Rosa decidiu-se a acompanhá-la. “-Se a minha filha vai morrer, eu quero morrer ao seu lado!” E com o pai lá foi levar a pequena a casa dos tios.

A casa transbordava de gente; centenas de pessoas estavam também do lado de fora, à espera dos Pastorinhos. “Os curiosos e os devotos enchiam-nos a casa a mais não poder ser” – recordava o Ti Marto.

“Fora, chovia muito. Aquilo estava mesmo um barreiro; era tudo um lamaçal. A minha mulher afligia-se com aquilo tudo. Era gente por cima das arcas, era gente por cima

das camas, a sujarem tudo. “Deixa lá, mulher!” – tranquilizei-a eu – ‘Em estando a casa cheia, não leva mais ninguém!’ Quando eram horas, dispunha-me eu a sair atrás dos pequenos, quando um meu vizinho me tomou para uma banda e me disse baixinho: “-Ó Ti Marto, é melhor não ir... Porque poderia calhar ser maltratado. Os pequenos, eles não. São crianças, ninguém lhes vai fazer mal. Mas você é que está em risco de ser enxovalhado!” ‘-Pois eu vou na boa Fé’ – respondi-lhe eu – ‘Não tenho medo nenhum. Pelo bom andamento das coisas não tenho receio.’ A minha Olímpia, sim, essa tinha muito medo: estava sempre com confusões. Recomendava-se a Nossa Senhora. Futurava aquilo doutra maneira, porque os Padres e mais gente futuravam aquilo mau.

“Os pequenos também estavam sossegados da sua vida. A Jacinta e mais o Francisco não tinham perturbação nenhuma. ‘-Olha – dizia a Jacinta – se nos fizerem mal vamos para o Céu, mas os que nos fizerem mal, coitadinhos deles! Vão para o Inferno!’

“Uma senhora do Pombalinho, que até era a Baronesa de Almeirim, trouxe dois vestidos para as pequenas e ela mesmo lhos vestiu; um vestido azul para a Lúcia, e um branco para a Jacinta; sobre a cabeça pôs-lhes umas corozinhas de flores de pano que até pareciam uns anjinhos. Abalámos de casa que chovia se Deus a dava. O caminho era uma lama pegada. Mas tudo isso não impedia que houvesse mulheres, e até senhoras, que se ajoelhavam diante dos Três Pastorinhos. ‘-Deixem-se lá dessas coisas, mulheres!’ – dizia eu. Aquela gente acreditava que os cachopos tivessem um poder que só os Santos têm.

“Ao cabo de muitos trabalhos e muitas intervenções, lá chegámos à Cova da Iria. O povo era tão cerrado que não se podia furar. Foi então que um chofer levantou a minha Jacinta nos braços e, aos empurrões, abriu caminho até às varas que tinham as lanterninhas, gritando: ‘-Deixem passar os meninos que viram Nossa Senhora!’

“Eu meti-me atrás deles; e a Jacinta, aflita por me ver no meio de tanta gente, pôs-se a gritar: ‘-Não me apertem o meu pai, não me apertem o meu pai!’

“O tal homem poisou-a por fim no chão junto da azinheira, mas ali também o aperto era grande e a pequena chorava. Foi então que a Lúcia e o Francisco a meteram no meio deles.

“A minha Olímpia ficava lá para outra banda, não sei para onde; mas a comadre Maria Rosa chegou mesmo ali ao pé. Eu fiquei um pouquinho desviado e dei então por um mal encarado a carregar-me com um pau no ombro e pensei comigo: ‘-Isto é o princípio da desordem!’ O povo fazia onda para trás e para diante, até que, quando chegou aquele momento, tudo ficou calado e quieto. O momento já se sabe, era o meio-dia solar.”

“Junto do local das Aparições estava também um Sr. Padre – diz-nos a Sr.^a Maria da Capelinha – que ali tinha passado a noite e estava a rezar, para si, o Breviário. Ao meio-dia chegaram as crianças, vestidas de branco como se fossem para a Primeira Comunhão, e o Sr. Padre perguntou-lhes a que horas Nossa Senhora ia chegar. ‘-Ao meio-dia’ – respondeu a Lúcia. O sacerdote pegou no relógio e disse: ‘-Olhem, já é meio-dia!’ ‘-Nossa Senhora não é mentirosa!’ ‘-Vamos a ver!’ Passaram uns minutos e o Padre pega outra vez no relógio e diz: ‘O meio-dia já passou. Tudo isto é uma ilusão! Todos daqui para fora!’

“Mas a Lúcia não queria ir-se embora, e o Padre começou com as mãos a empurrar os três pequenos. A Lúcia quase a chorar disse-lhe então: ‘-Quem quiser ir-se embora, que se vá, que eu não vou. Eu estou naquilo que é meu. Nossa Senhora disse que vinha. Doutras vezes veio e agora também há-de vir.’ Ao mesmo tempo olhou para o Nascente e disse à Jacinta: ‘-Ó Jacinta, ajoelha, que já lá vem Nossa Senhora. Já vi o relâmpago.’ O Padre calou-se bem caladinho e eu nunca mais o vi.” A hora da Aparição chegara; o milagre que lhes fora prometido tinha começado.

Capítulo X

A Sexta Aparição (continuação)

“-Caluda, caluda! Já lá vem Nossa Senhora!” – gritou a Lúcia ao ver o relâmpago.

Nossa Senhora veio e poisou os seus pés nevados sobre as lindas grinaldas de flores e fitas com que a Sr.^a Maria da Capelinha lhe tinha ornado a árvore. Os rostos dos três Pastorinhos tomaram uma expressão sobrenatural, tornando-se-lhes as feições mais delicadas, o colorido das faces mais mimoso, o olhar concentrado na Senhora. Nem ouviam a mãe da Lúcia que a advertia: “-Vê bem, filha. Olha que não te enganes!” E a Lúcia inicia o diálogo, perguntando diretamente à Rainha do Céu:

“-Que é que Vossemecê me quer?”

“-*Quero dizer-te que façam aqui uma capela em minha honra, que sou a Senhora do Rosário, que continuem sempre a rezar o Terço todos os dias. A guerra vai acabar e os militares voltarão em breve para as suas casas.*”

“-Eu tinha muitas coisas para Lhe pedir: se curava uns doentes e se convertia uns pecadores, etc”.

“-*Uns sim, outros não. É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados.*”

E tomando um aspeto muito triste, continuou: “-*Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor, que já está muito ofendido!*”

“-Não quer mais nada de mim?”

“-*Não quero mais nada.*”

“-E eu também não quero mais nada.”

Enquanto a Senhora se despedia deles, abriu as mãos que emitiam um feixe de luz. Enquanto se elevava, apontou em direção do sol e fez refletir a luz brilhante das Suas mãos nos fulgores solares.

Sem despegar o seu olhar da radiosa Rainha do Céu, a Lúcia grita para o povo:

“-Lá vai ela! Lá vai ela! Lá vai ela!”

A Lúcia depois não se lembrava de ter dito estas palavras, embora o Francisco e a Jacinta e muitos outros as tivessem ouvido perfeitamente. Mais tarde, a Irmã Lúcia disse que não tinha nenhuma lembrança disto. “O meu fim não era chamar a atenção do povo, pois que nem sequer me dava conta da sua presença. Fi-lo apenas levada por um movimento interior que a isso me impeliu.”

O eco do grito da Lúcia voltou num clamor imenso de maravilha e assombro vindo da multidão. Foi neste preciso momento que as nuvens rapidamente se dispersaram e o céu clareou. O sol estava pálido como a lua. À esquerda do sol apareceu São José, com o Menino Jesus no seu braço esquerdo. São José emergia de entre nuvens luminosas deixando ver apenas a parte superior do tronco e os gestos que fazia erguendo a mão direita e traçando por três vezes o Sinal da Cruz a abençoar o Mundo. O Menino Jesus fez o mesmo. Enquanto isto se passava, Nossa Senhora estava à direita do sol em todo o seu esplendor, vestida de branco e com um manto azul como Nossa Senhora do Rosário.

Enquanto o Francisco e a Jacinta estavam como que banhados pelas cores e sinais maravilhosos do sol, a Lúcia teve o privilégio de ver Jesus Cristo como Divino Redentor, vestido de vermelho e a abençoar o Mundo, como Nossa Senhora vaticinara. Tal como São José, via-se apenas a parte superior do tronco. A Seu lado estava Sua Mãe Santíssima com as características de Nossa Senhora das Dores, vestida de roxo, mas sem a espada no peito. Logo que se desvaneceu esta Visão, apareceu outra vez à Lúcia a Virgem Santíssima em todo o seu esplendor etéreo, usando agora as vestes simples de Nossa Senhora do Carmo.

Enquanto os Pastorinhos contemplavam extáticos as visões celestiais, operavam-



Fátima, 13 de Outubro de 1917, meio-dia. Da esquerda para a direita: O povo antes e durante o grande milagre.

-se nos céus grandes e assombrosos milagres perante os olhos de inúmeros milhares de pessoas. O sol tinha tomado uma cor extraordinária. As palavras das testemunhas oculares descrevem melhor estes sinais estupendos. “A gente olhava perfeitamente para o sol – testemunhou o Ti Marto – e ele não estorvava. Parecia que se fechava e alumiaava, uma vez dum jeito e outra doutro. Atirava feixes de luz para um lado e para o outro e pintava tudo de diferentes cores – as árvores e a gente, o chão e o ar. Mas a maior prova do milagre é que o sol não fazia estorvo à vista.” Um homem como o Ti Marto que passava o dia inteiro nos campos abertos a guardar o rebanho e a tratar da sua horta sob o ardente sol da serra portuguesa, maravilhava-se por este facto. “Estava tudo quedo, tudo sossegado; todos com os olhos nos astros.” – continuou ele – “A certa altura, o sol parou e depois começou a dançar, a bailar; parou outra vez e outra vez começou a bailar até que por fim parecia que se soltava do Céu e vinha para cima da gente. Foi um momento terrível!”

A Maria da Capelinha deu ao autor as suas impressões sobre este tremendo milagre. “[O sol] fazia diferentes cores, amarelo, azul, branco, e tremia, tremia tanto; parecia uma roda de fogo que vinha a cair sobre o povo.” Quando o sol se precipitou em direção à terra num zig-zag vertiginoso, a multidão gritou aterrorizada: “Ai Jesus, que aqui morremos todos! Ai Jesus, que aqui morremos todos!” Outros rogavam por misericórdia: “-Nossa Senhora nos valha! E rezavam o Acto de Contrição. Houve até uma senhora que fez confissão geral e dizia em altas vozes: “-Eu fiz isto, aquilo e aqueloutro!”

Por fim o sol desviou para trás até à sua órbita no céu. “Todos deram um suspiro de alívio. Estávamos vivos e houvera o milagre que os pequenos tinham anunciado.”

Nosso Senhor, já tão ofendido pelos pecados da humanidade e especialmente pelo modo como as autoridades do Concelho trataram os Pastorinhos, poderia facilmente ter destruído o Mundo nesse dia memorável. Mas Nosso Senhor não veio para destruir, mas sim para salvar. Salvou o Mundo esse dia, por meio da bênção do Bem-Aventurado São José e do amor do Imaculado Coração de Maria para com os Seus filhos na terra. Nosso Senhor teria terminado naquela altura a Grande Guerra que assolava o Mundo, e concedido a paz ao Mundo por meio de São José – contou mais tarde a Jacinta –, se os Pastorinhos não tivessem sido detidos e levados para Ourém. “Sempre que o fizestes a algum destes meus irmãos mais pequeninos,” – adverte Nosso Senhor – “comigo o fizestes”.

O milagre acontecera no dia e à hora designados por Nossa Senhora. Ninguém estava desconsolado; ninguém, a não ser talvez Nossa Senhora, que disse que o milagre

teria sido maior se os pequenitos não tivessem sido raptados. Na Cova da Iria e nas aldeias próximas, muitos milhares de pessoas presenciaram os grandiosos sinais. Os seus depoimentos são de suma importância. Há pequenas variações nas descrições que fazem dos acontecimentos, mas todos concordam que foi a ocorrência mais tremenda e impressionante que alguma vez testemunharam. Para ter uma ideia de quanto o evento impressionou o povo, devem ler-se as narrativas jornalísticas daquela época.

“À uma hora da tarde, hora do sol, parou a chuva.” – relatou O Dia – “O céu tinha um tom acinzentado de pérola e uma claridade estranha que iluminava a vastidão árida e trágica da paisagem triste, cada vez mais triste. O sol tinha como um véu de gaze transparente para que os olhos o pudessem olhar. O tom acinzentado de madrepérola transformava-se como numa chapa de prata luzidia que ia rompendo até que as nuvens se rasgaram e o sol prateado, envolvido na mesma leveza cinzenta de gaze, se viu rodar e girar à volta do círculo das nuvens afastadas! Foi um grito só em todas as bocas; caíram de joelhos na terra encharcada os milhares de criaturas de Deus que a Fé levantava até ao Céu!

“A luz azulava-se de um azul esquisito, como se viesse através dos vitrais de uma catedral imensa espalhar-se naquela nave gigantesca, ogivada pelas mãos que se erguiam no ar... O azul extinguiu-se lentamente, para a luz parecer coada por vitrais amarelos. Manchas amareladas caíam agora sobre os lenços brancos, sobre as saias escuras e pobres de estamemha. Eram manchas que se repetiam indefinidamente sobre as azinheiras rasteiras, sobre as pedras, sobre a serra. Tudo chorava, tudo rezava, de chapéu na mão, na impressão grandiosa do Milagre esperado! Foram segundos, foram instantes que pareceram horas, tão vividos foram!”

O Século, outro jornal de Lisboa, publicou um artigo ainda mais pormenorizado dos extraordinários acontecimentos. “... Do cimo da estrada onde se aglomeram os carros e se conservam muitas centenas de pessoas, a quem escasseou a coragem para se meterem à terra barrenta, vê-se toda a imensa multidão voltar-se para o sol, que se mostra liberto de nuvens, no zénite. O astro lembra uma placa de prata fosca e é possível fitar-lhe o disco sem o mínimo esforço. Não queima, não cega. Dir-se-ia estar-se realizando um eclipse. Mas eis que um alarido colossal se levanta, e aos espectadores que se encontram mais perto se ouve gritar: ‘-Milagre, milagre! Maravilha, maravilha!’

“Aos olhos deslumbrados daquele povo cuja atitude nos transporta aos tempos bíblicos e que, pálido de assombro, com a cabeça descoberta, encara o azul, o sol tremeu, o sol teve nunca vistos movimentos bruscos, fora de todas as leis cósmicas, – o sol bailou, segundo a típica expressão dos camponeses.

“Empoleirado no estribo da camioneta de Torres Novas, um ancião cuja estatura e fisionomia, ao mesmo tempo doce e enérgica, lembram as de Paul Deroulède, recita voltado para o sol, em voz clamorosa, o Credo. Vejo-o depois dirigir-se aos que o rodeiam, e que se conservaram de chapéu na cabeça, suplicando-lhes veementemente que se descubram em face de tão extraordinária demonstração da existência de Deus. Cenas idênticas repetem-se noutros pontos e uma senhora clama, banhada em afetivo pranto, quase numa sufocação: ‘-Que tristeza! Ainda há homens que se não descobrem diante de tão estupendo Milagre!’

“E, a seguir, perguntam uns aos outros se viram e o que viram. O maior número confessa que viu a tremura, o bailar do sol; outros, porém, declararam ter visto o rosto risonho da própria Virgem, juram que o sol girou sobre si mesmo como uma roda de fogo de artifício, que ele baixara, quase a ponto de queimar a terra com os seus raios. Há quem diga que o viu mudar sucessivamente de cor.”

O testemunho de outro espetador, o Dr. Almeida Garrett, Catedrático da Universidade de Coimbra, é muito informativo e corrobora os outros: “Continuando a olhar o lugar



A multidão reunida na Cova da Iria durante o prodígio do sol. O jornal português O Dia noticiou: “Foi um grito só em todas as bocas; caíram de joelhos na terra encharcada os milhares de criaturas de Deus que a Fé levantava até ao Céu... Tudo chorava, tudo rezava.”

das Aparições, numa expectativa serena e fria e com uma curiosidade que ia amortecendo, porque o tempo decorrera longo e vagaroso sem que nada activasse a minha atenção, ouvi o bruhahá de milhares de vozes, e vi aquela multidão espreada pelo largo campo que se estendia a meus pés voltar costas ao ponto para o qual até então convergiam os desejos e ânsias, e olhar o céu do lado oposto. Eram quase duas horas

oficiais: oficiais, porque correspondiam mais ou menos ao meio-dia solar.

“O sol momentos antes tinha rompido ovante a densa camada de nuvens que o tiveram escondido, para brilhar clara e intensamente. Voltei-me para este íman que atraía todos os olhares e pude vê-lo semelhante a um disco de bordo nítido, de aresta viva, luminosa e luzente, mas sem magoar. Não me pareceu bem a comparação, que ainda em Fátima ouvi fazer, com um disco de prata fosca. Era uma cor mais clara, activa e rica, e com cambiantes, com o brilho sombreado de uma pérola.

“Em nada se assemelhava à lua em noite transparente e pura, porque se via e sentia ser um astro vivo. Não era como a lua, esférica, não tinha a mesma tonalidade nem os claros-escuros. Parecia uma rodela brunida cortada do nácar de uma concha. Também se não confundia com o sol encarado através do nevoeiro (que, aliás, não havia naquela altura), porque não era opaco, difuso e velado. Em Fátima tinha luz e calor, e desenhava-se nítido e com a borda cortada em aresta, como uma mesa de jogo. A abóbada celeste estava enevoadada de cirros leves, tendo frestas de azul aqui e acolá, mas o sol algumas vezes se destacava em rasgões de céu limpo. As nuvens, que corriam ligeiras de Poente para Oriente, não empanavam a luz do sol (que não feria), dando a impressão facilmente compreensível e explicável de passar por detrás, mas por vezes esses flocos que vinham brancos, pareciam tomar, deslizando ante o sol, uma tonalidade rosa ou azul diáfana.

“Maravilhoso é que, durante longo tempo, se pudesse fixar o astro, labareda de luz e brasa de calor, sem uma dor nos olhos e sem um deslumbramento na retina, que cegasse. Este fenómeno com duas breves interrupções, em que o sol bravio arremessou os seus raios mais coruscantes e refulgentes, e que obrigaram a desviar o olhar, devia ter durado cerca de dez minutos.

“Este disco tinha a vertigem do movimento. Não era a cintilação de um astro em plena vida. Girava sobre si mesmo numa velocidade arrebatada. De repente ouve-se um clamor, como que um grito de angústia de todo aquele povo. O sol, conservando a celeridade da sua rotação, destaca-se do firmamento e sanguíneo avança sobre a terra, ameaçando esmagar-nos com o peso da sua ígnea e ingente mó. São segundos de impressão terrífica.

“Durante o acidente solar, que detalhadamente tenho vindo a descrever, houve na atmosfera coloridos cambiantes. Estando a fixar o sol, notei que tudo escurecia à minha

volta. Olhei o que estava perto e alonguei a vista para o largo até ao extremo horizonte e vi tudo cor de ametista. Os objetos, o Céu e a camada atmosférica tinham a mesma cor. Uma carvalheira arroxeadada que se erguia na minha frente, lançava sobre a terra uma sombra carregada.

“Receando ter sofrido uma afeção da retina, hipótese pouco provável, porque, dado esse caso, não devia ver as coisas em roxo, voltei-me, cerrei as pálpebras e retive-as com as mãos para intercetar toda a luz. Ainda de costas, abri os olhos e reconheci que, como antes, a paisagem e o ar continuavam da mesma cor roxa.

“A impressão que se tinha não era de eclipse. Continuando a olhar o sol, reparei que o ambiente tinha aclarado. Logo depois ouvi um camponês, que cerca de mim estava, dizer com voz de pasmo: ‘-Esta senhora está amarela!’ De facto, tudo agora mudara, perto e distante, tomando a cor de velhos damascos amarelos. As pessoas pareciam doentias e com icterícia. Sorri-me de as achar francamente feias e desairosas. A minha mão tinha o mesmo tom amarelo...”

O testemunho deste homem erudito demonstra quão difícil era descrever adequadamente os sinais maravilhosos que ocorreram nos céus esse dia. O 13 de Outubro de 1917 foi um dia memorável para toda a gente que presenciou os acontecimentos. O jornalista relatava-os para a Ordem, um jornal do Porto, com estas palavras: “O sol, umas vezes rodeado de chamas encarniçadas, outras vezes aureolado de amarelo e roxo esbatido, outras vezes parecendo animado de velocíssimo movimento de rotação, outras vezes ainda aparentando destacar-se do céu, aproximar-se da terra e irradiar um forte calor.”

No mesmo dia 13, à noite, o P.e Manuel Pereira da Silva, outra testemunha ocular, escrevia uma carta a um seu colega em que tratava de descrever os eventos do dia. Relatava a chuva matutina e depois, “... imediatamente aparece o sol com a circunferência bem definida. Aproxima-se como à altura das nuvens e começa a girar sobre si mesmo vertiginosamente como uma roda de fogo-presos, com algumas intermitências, durante mais de oito minutos. Ficou tudo quase escuro e as feições de cada pessoa eram amareladas. Tudo ajoelhou, mesmo na lama.”

Inácio Lourenço era naquela altura um rapazito de nove anos que vivia na aldeia de Alburitel, a 16 quilómetros de Fátima. É agora um sacerdote, e recorda vivamente esse dia. Estava na escola. “... Era meio-dia mais ou menos quando fomos sobressaltados pelos gritos e exclamações de pessoas que passavam na rua diante da nossa escola. A professora foi a primeira a correr para a rua, sem poder impedir todas as crianças de correrem atrás dela. Na rua o povo chorava e gritava, apontando para o sol. Era o grande ‘Milagre’ prometido por Nossa Senhora. Sinto-me incapaz de o descrever como então o vi e o senti. Eu olhava fixamente para o sol, que me parecia pálido, de modo que não cegava os olhos; era como um globo de neve a rodar sobre si mesmo. Depois, de repente, pareceu que baixava em zig-zag, ameaçando cair sobre a terra. Aterrado, corri



Foto tirada pouco tempo depois do dia 13 de Outubro, onde se vêem os três Pastorinhos sob o arco que o povo ergueu no sítio exacto das Aparições.

a meter-me no meio do povo. Todos choravam, aguardando de um instante para o outro o fim do mundo.

“Junto de nós estava um incrédulo, sem religião, que tinha passado a manhã a mofar dos simplórios que faziam toda aquela caminhada da Fátima para irem ver uma rapariga. Olhei para ele: estava como paralisado, assombrado, com os olhos fitos no sol. Depois vi-o tremer dos pés à cabeça e, levantando as mãos ao Céu, caiu de joelhos na lama, gritando: ‘Nossa Senhora! Nossa Senhora!’ Entretanto, o povo continuava a gritar e a chorar, pedindo perdão a Deus dos seus pecados. Depois corremos para as duas capelas da aldeia, que em poucos instantes ficaram repletas.

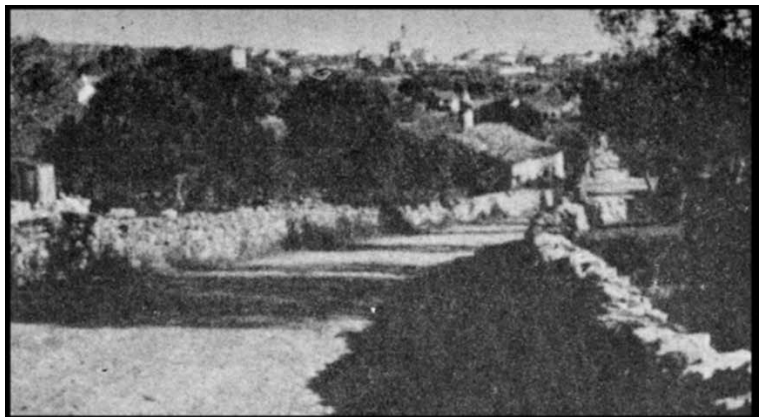
“Durante estes longos minutos do fenómeno solar, os objetos à nossa volta refletiam todas as cores do arco-íris. Olhando uns para os outros, um parecia azul, outro amarelo, outro vermelho, etc... Todos esses estranhos fenómenos aumentavam o terror do povo. Passados uns 10 minutos, o sol voltou ao seu lugar, do mesmo modo que tinha descido, pálido ainda e sem esplendor. Quando as pessoas se persuadiram de que o perigo tinha passado, foi uma explosão de alegria. Todos prorromperam num coro de ação de graças: ‘Milagre! Milagre! Bendita seja Nossa Senhora!’”

Acabado o fenómeno solar, e quando as pessoas se levantaram do solo enlameado, esperava-as outra surpresa, também naturalmente inexplicável. Até alguns minutos antes, devido à chuva torrencial que ali tinha caído, todos tinham a roupa totalmente encharcada. E agora reparavam que a roupa se encontrava perfeitamente enxuta. -Com que bondade Nossa Senhora tratava os Seus amigos que tinham feito frente à chuva e ao lodo, e tinham vestido os seus fatos domingueiros para irem ao Seu encontro!

O Senhor D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, escreveu na sua Carta Pastoral que aqueles que tinham presenciado os eventos desse grande dia eram verdadeiramente afortunados. Disse ele:

“Os pequenos fixaram com antecedência o dia e a hora em que devia acontecer. A notícia correu veloz por todo o Portugal e, apesar de o dia estar desabrido e chover copiosamente, juntaram-se milhares e milhares de pessoas que, à hora da última Aparição, presenciaram todas as manifestações do astro-rei, homenageando a Rainha do Céu e da Terra, mais brilhante que o sol no auge das suas luzes. Esse fenómeno que nenhum observatório astronómico registou e, portanto, não foi natural, presenciaram-no pessoas de todas as categorias e classes sociais, crentes e descrentes, jornalistas dos principais jornais portugueses e até indivíduos a quilómetros de distância.”

São estas as palavras oficiais do Senhor Bispo, pronunciadas depois de intensos estudos e cuidadosos interrogatórios a muitas e muitas das testemunhas da Aparição. Não há possibilidade de erro ou de ilusão, quando cerca de cem mil pessoas convêm nos seus depoimentos. O Deus das Alturas tinha chamado a gente do Mundo a juntar-se a Ele para render honra e glória à Sua Bem-Aventurada Mãe, Maria Santíssima.



O caminho entre Aljustrel e a igreja paroquial.

Capítulo XI

O Francisco Vai à Frente

Quem agora lê a História das Aparições de Fátima deixa passar frequentemente o facto de, ao longo de muitos anos, nada se ter divulgado sobre o conteúdo das revelações descritas nas páginas anteriores. Os Três Pastorinhos contavam apenas o pedido urgente de oração e penitência, e a promessa de um milagre. Depois da primeira Aparição de Nossa Senhora, eles prometeram uns aos outros guardá-la em segredo, com receio de que fizessem troça deles. No entanto, porque Nossa Senhora não destinava a Mensagem de Fátima só aos Pastorinhos, mas ao Mundo inteiro, Deus aproveitou o entusiasmo da pequena Jacinta para dar a conhecer ao Mundo aquela Mensagem. Mas depois da segunda Aparição, a 13 de Junho, a sua descrição era dum carácter diferente. Veja-se o que a Irmã Lúcia escreve nas suas Memórias, “Eis... ao que nos referíamos, (antes da aparição de 13 de Julho) quando dizíamos que Nossa Senhora nos tinha revelado (a reparação ao Imaculado Coração). Nossa Senhora não nos mandou, ainda desta vez, guardar segredo (nesta revelação), mas sentíamos que Deus a isso nos movia. (Memórias, 8 de Dezembro de 1941). A intuição dos Pastorinhos de guardar segredo foi confirmada por Nossa Senhora quando, no dia 13 de Julho, lhes disse aquilo a que a Lúcia chamou ‘o Segredo’ e se conhece agora como sendo o Segredo propriamente dito. Só depois de muitos anos é que a Lúcia deu a conhecer parte do conteúdo desta revelação secreta; e, até a data, ainda há palavras muito importantes proferidas por Nossa Senhora que continuam por divulgar.

Depois da última Aparição, a 13 de Outubro de 1917, os três Pastorinhos tentaram voltar à sua vida normal e de rotina; o Francisco e a Jacinta, à espera do dia em que Maria Santíssima viesse para os levar para o Céu; a Lúcia, a começar dali a pouco o seu trabalho de difundir a devoção e o Amor para com o Imaculado Coração de Maria. Mas de agora em diante eram crianças assinaladas, tanto pelos homens como por Deus. As pessoas acorriam de todos os lados para as verem e lhes falar. Pobres e ricos, e até padres vinham fazer-lhes, pela milésima vez, todo o género de perguntas. Mas as respostas que eles davam eram sempre as mesmas. A inocência, a gravidade e a simplicidade dos três eram, ao espírito tanto de eruditos como de analfabetos, a prova sólida da sua honestidade total. Era suficiente vê-los para acreditar neles.

O Francisco afirmava sempre que não tinha ouvido falar Nossa Senhora, mas que A tinha visto, e que a Sua beleza radiante lhe cegava os olhos. A Jacinta podia dizer mais, mas confessava ingenuamente que, às vezes, não ouvia bem a Virgem, que muitas coisas já as tinha esquecido e que, se os fiéis queriam saber bem como as coisas se tinham passado, que tinham de perguntar à Lúcia. A Lúcia repetia mil vezes a mesma história, sempre com as mesmas palavras; mas muitas vezes havia quem pretendesse fazê-la desvendar o segredo das revelações. E era então que a Lúcia e a Jacinta se mantinham caladas, às vezes até ao ponto de parecerem pouco educadas. Quando vinham sacerdotes e tentavam arrancar-lhes o Segredo, é que as pequenitas se sentiam terrivelmente confusas e tristes. Não queriam ser descorteses com os representantes de Nosso Senhor, mas viam-se obrigadas a guardar o Segredo.

Mas a Virgem Santíssima ajudou-as no seu dilema. O Padre Faustino Ferreira, vigário da aldeia vizinha e decano do Distrito, reuniu-se com os Pastorinhos numa das suas visitas oficiais e, doravante, todas as vezes que vinha à Fátima não deixava de falar com eles. Os Pastorinhos gostavam muito deste padre, porque se sentiam à vontade para lhe perguntarem tudo o que quisessem. Gostavam dos seus modos amáveis, e seguiam fielmente os seus conselhos. Ele nunca estava ocupado demais para os atender, e tranquilizava-os acerca de tudo. Ele bem sabia de que não eram tanto as suas palavras

que os influenciavam, mas sim a Mãe de Deus. Era Ela a Artista que moldava as suas almas, mansa e firmemente, ao padrão do Seu Filho Unigênito, o Menino Jesus.

Nossa Senhora comunicara ao Francisco, através da Lúcia, que o levaria depressa para o Céu, mas que tinha de rezar muitos Terços. Ele nunca se esquecia destas palavras e, tal como São Domingos, tornou-se um verdadeiro apóstolo do Terço. Não lhe interessava coisa alguma na vida senão cumprir este pedido de Nossa Senhora do Rosário. Certo dia, duas bondosas senhoras foram até à casa dos Martos, onde estiveram a conversar com ele, perguntando-lhe ‘o que queria ele ser quando fosse grande’.

“-Queres ser carpinteiro?”

“-Não senhora.”

“-Queres ser militar?”

“-Não senhora.”

“-E doutor, não gostavas de ser?”

“-Também não.”

“-Eu já sei o que tu gostavas de ser... Ser Padre! Dizer a Missa... confessar as pessoas... pregar na igreja... Não é?”

“-Não senhora. Também não quero ser padre.”

“-Então, que queres tu ser?”

“-Não quero ser nada. Quero morrer e ir para o Céu!”

O pai do Francisco, que estava presente a este interrogatório, comentava-o assim:

“-Esta é que foi uma verdadeira aprovação!”

O Francisco naquela altura costumava separar-se da Lúcia e da Jacinta depois de chegarem às pastagens. Parecia que cada vez mais queria meditar em tudo o que Nossa Senhora lhes dissera. “Eu gostei muito – diria ele depois – de ver o Anjo e ainda mais de ver Nossa Senhora. Mas do que mais gostei foi de ver Nosso Senhor naquela luz que a Virgem Maria nos pôs no coração. -Gosto muito de Deus! Mas Ele está tão triste por causa de tantos pecados... Nós não havemos de fazer nem o pecado mais pequenino!”

Gradualmente, os Pastorinhos iam deixando por completo todo o desejo de se divertirem. Às vezes, na companhia dos outros, cantavam e dançavam como antes, mas apenas para não parecerem esquisitos. A Jacinta e o Francisco, que tinham já a promessa da Virgem de os vir buscar em breve para o Céu, entregavam-se principalmente e cada vez mais à mortificação e à oração. Não podiam interessar-se pelos estudos, porque para eles não serviam para nada. Eram só tempo perdido, e podiam empregá-lo mais proveitosamente na presença de Nosso Senhor Sacramentado.

Já no ano anterior, no período das Aparições, o Francisco e a Jacinta tinham feito a sua primeira Confissão. Para a Comunhão, todavia, o Sr. Prior entendeu por bem fazê-los esperar ainda um ano. Quando chegou o momento de A receberem, o Francisco não passou no exame do Catecismo, e por isso tinha de esperar mais tempo. Tão desolado ficou o pequenito que, quando a sua irmãzinha foi para comungar, ele nem era capaz de entrar na Igreja. Ficou de fora, apoiado ao muro pedregoso da Igreja, a soluçar.

Embora as Aparições públicas terminassem com a de 13 de Outubro, Nossa Senhora nunca abandonou depois disso os seus três eleitos. Há o testemunho da Jacinta ao seu pároco de que a Virgem Santíssima lhe apareceu três vezes no ano seguinte; e, como mais adiante veremos, continuou ainda a aparecer à Lúcia ao longo de muitos anos, passada já a sua infância. Além disso, o poder de Nossa Senhora de Fátima manifestava-se nos favores concedidos pela intercessão especial dos Pastorinhos. Para citar apenas um exemplo, havia aquele homem por cujo regresso a casa, são e salvo, se rezou por intercessão da Jacinta. Aquele infeliz, que acabara de fugir da cadeia e vagueava sem rumo, julgava-se completamente perdido na Serra e sofria de uma grande angústia. Caiu de joelhos e começou a rezar por intercessão da Jacinta. Passados alguns minutos – afirmava ele – apareceu-lhe a Jacinta, pegou-lhe pela mão e conduziu-o à

estrada, fazendo-lhe sinal que continuasse por ali, e depois desvaneceu-se-lhe da vista. Mais tarde a Jacinta, no entanto, não sabia nada do extraordinário incidente, até que o homem voltou ali e lho contou.

Do poder da Lúcia pouco se conhece, por ela ser relutante em falar de si própria sobre essas coisas. Mas sabemos sem qualquer dúvida que a mãe dela sobreviveu de modo extraordinário a uma doença grave, pela Fé da Lúcia em Nossa Senhora. Os pedidos de oração que chegavam aos Pastorinhos eram inúmeros, e as maravilhosas respostas às suas preces testemunham do favor de que gozavam perante a Mãe de Deus.

Seria por fins de Outubro de 1918 que toda a família Marto adoeceu com a gripe pneumónica. Menos o pai que, por isso, era capaz de cuidar dos outros. Não podia fazer o seu trabalho habitual, porque tinha de tratar da casa, fazer o comer e tomar conta de todo o resto da sua grande família. “-Eu fiquei com cuidados, e muitos. – dizia ele – Trabalhou também nisso o dedo de Deus! Deus ajudou-me. Nunca foi preciso pedir dinheiro a ninguém. Sempre chegou.”

O Francisco ficou em estado muito grave. Não podia levantar-se da cama. Foi nesta altura que a Virgem Santíssima apareceu ao Francisco e à Jacinta e lhes afirmou que muito em breve viria buscar o Francisco; e que não demoraria também muito em vir buscar a Jacinta. Estavam tão contentes por esta novidade que a Jacinta confiou à sua prima: “Olha, Lúcia, Nossa Senhora veio-nos ver e disse que vinha buscar o Francisco muito breve para o Céu. E a mim perguntou-me se ainda queria converter mais pecadores. Disse-lhe que sim. Nossa Senhora quer que eu vá para dois hospitais; mas não é para me curar; é para sofrer mais por amor de Deus, pela conversão dos pecadores e em desagravo das ofensas cometidas contra o Coração Imaculado de Maria. Disse-me que tu não irias; que iria lá minha mãe levar-me e que depois ficaria lá sozinha.” -Que corajosa era esta menina, a oferecer-se a Deus e à Mãe de Deus como vítima de amor e reparação!

O Francisco possuía idêntico espírito de amor e sacrifício. Estava muito doente e os remédios que tinha de tomar eram muito desagradáveis. Apesar disso, – testemunhava a mãe – “o pequeno aceitava qualquer remédio que lhe déssemos. Não era nada esquisito. Nunca pude saber de que é que ele gostava; se lhe dava uma pinguita de leite, tomava o leite; se lhe dava um ovo, sorvia o ovo. Coitadito! As mezinhas amargas também bebia sem fazer má cara. Por isso nós futurávamos que ele devia vencer a doença! Mas qual!... Ele sempre a repetir que tudo era inútil, que Nossa Senhora o vinha buscar para o Céu!”

O Francisco achou-se melhor e pôde levantar-se e dar uns passeios. Foi à Cova da Iria, para onde dirigia sempre os seus passos vacilantes. Uma vez ali, ajoelhava-se ao pé do cepo da azinheira e o seu olhar cravava-se na imensidade do céu azul e mais além, para onde habitava Nossa Senhora. Os seus olhos brilhavam com nova vida ao pensar na alegria que depressa seria sua, quando Nossa Senhora viesse para o levar para o Céu. Regressou da Cova da Iria reanimado; tanto que o pai lhe disse: “-Tu vais curar-te, Francisco; vais ser um homem valente!” Mas a sua resposta seguríssima foi: “-Nossa Senhora não tarda a vir buscar-me.”

“-Iluminações do alto!” – murmurava triste o bom homem, e as lágrimas caíam-lhe dos olhos, cansados pelas aturadas vigílias.

“-Se Nossa Senhora te curar – dizia-lhe uma vez a sua madrinha Teresa – prometo oferecer-lhe o teu peso em trigo.”

“-Não vale a pena. Nossa Senhora não lhe fará essa graça.”

O Francisco tinha razão, porque poucos dias depois voltou a ficar de cama e nunca mais se levantou. Ia piorando de dia para dia sob o peso duma febre alta e persistente. No entanto, os outros iludiam-se quanto ao seu verdadeiro estado, porque o viam sempre bem-disposto, sempre alegre, sempre pronto a sorrir.

A epidemia da pneumónica também não poupou a família da Lúcia. A maioria adoeceu,

menos a Lúcia que não tinha sido contagiada. Quando a lida da casa, transformada igualmente em hospital, lho permitia, ela corria à casa dos Martos para os ajudar e sobretudo para conversar com o Francisco e a Jacinta, prevendo que em breve ficaria só. Repartia o seu tempo entre o quarto da Jacinta e o do Francisco. Sentada num escabelo ao lado das suas camas, trocavam entre si as confidências dos seus corações.

“-Já fizeste hoje muitos sacrifícios?” – perguntou a Lúcia à Jacinta.

“-Eu fiz muitos. A minha mãe foi-se embora e eu quis ir muitas vezes visitar o Francisco e não fui.”

A Lúcia confiava então à Jacinta aquilo que ela própria era capaz de fazer para provar o seu amor para com Nossa Senhora. Contava-lhe das suas pequenas orações e sacrifícios. “-Eu também fiz isso” – respondeu a Jacintinha. – “E eu também gosto tanto de Nosso Senhor e de Nossa Senhora que nunca me canso de Lhes dizer que Os amo. Quando lho digo muitas vezes, parece que tenho lume no peito, mas não me queima... Quem me dera ir ao Cabeço rezar ainda o Terço na nossa Loca! Mas já não sou capaz... Quando fores à Cova da Iria, reza por mim! Decerto nunca mais lá vou. Agora vai ver o Francisco. Eu faço o sacrifício de ficar aqui sozinha.”

Enquanto se sentava ao lado da cama do Francisco, a Lúcia sussurrava-lhe carinhosamente: “-Ó Francisco, sofres muito?”

“- Sofro, sim. Mas sofro por amor de Nosso Senhor e de Nossa Senhora. Queria sofrer mais, mas não posso.” E, assegurando-se de que a porta estava bem fechada, procurou a corda-cilício debaixo das roupas e entregou-a à Lúcia, dizendo-lhe:

“-Toma, leva-a antes que a minha mãe a veja. Guarda-ma, que tenho medo que a minha mãe a veja. Se eu melhorar, quero-a outra vez.” Nossa Senhora tinha dito que Deus não queria que usassem a corda na cama, mas guardavam-na perto, não se desse o caso de se levantarem.

O Francisco bem sabia que não recuperava. “-Olha, Lúcia, já me falta pouco para ir para o Céu. A Jacinta vai pedir muito pelos pecadores, pelo Santo Padre e por ti. Tu ficas cá, porque Nossa Senhora o quer. Olha, faz tudo o que Ela te disser!”

“Enquanto a Jacinta parecia preocupada com o único pensamento de converter os pecadores e livrar as almas do inferno – disse mais tarde a Lúcia – o Francisco parecia pensar só em consolar a Nosso Senhor e Nossa Senhora, que lhe tinham parecido estar tão tristes.”

“-Estou muito mal, já me falta pouco para ir para o Céu.” – disse-lhe o Francisco.

“-Então vê lá, não te esqueças de lá pedir muito pelos pecadores, pelo Santo Padre, por mim e pela Jacinta.”

“-Sim, eu peço; mas olha, essas coisas pede-as antes à Jacinta, que eu tenho medo de me esquecer quando vir a Nosso Senhor. E depois, antes O quero consolar.”

As visitas da Lúcia eram muito queridas na casa dos Martos, porque aliviavam as tristezas da doença. “Fazia-me imensa pena ver a Jacinta passar horas inteiras com as mãos na cara, sem se mover, a pensar. – dizia a mãe – De vez em quando deitava-lhe uma palavra. ‘-Em que pensas tu, Jacinta?’ E ela respondia-me, assim, sorrindo: ‘-Em nada.’ Com a prima é que ela não tinha segredos. Entrando a Lúcia, entrava a alegria, entrava o sol na minha casa. Quando as duas estavam sozinhas, falavam pelos cotovelos, sem que a gente fosse capaz de lhes apanhar uma palavra, por mais que nos puséssemos à escuta. Logo que chegava alguém, baixavam a cabeça e não diziam mais palavra. A gente não podia entender aquele mistério.”

Uma vez, quando a Lúcia se dispunha a sair da casa, a Sr.^a Olímpia chegou-se ao pé dela e perguntou: “-Que é que a Jacinta te disse?” A Lúcia sorriu-se, despedindo-se à pressa. “Eram sete, eram oito por dia” – dizia a mãe sobre os Terços que rezavam. “Jaculatórias... nem se poderá fazer ideia.”

No últimos tempos, todavia, o Francisco já não podia rezar. “-Ó mãe! Nem tenho forças

para rezar o Terço. E as Avé-Marias que rezo, é com a cabeça tão fugida!”

“-Se não podes rezar com os lábios, reza o Terço com o coração. Nossa Senhora ouve na mesma, fica satisfeita na mesma!” – e o pequeno compreendia e sossegava.

Entretanto, com a febre a subir e a falta de apetite, ele dava conta de que se aproximava o fim. “-Ó pai, queria receber o Pão do Céu antes de morrer.” Ele não tinha ainda recebido a sua Primeira Sagrada Comunhão.

As palavras do Francisco eram como uma espada a atravessar o coração do seu amoroso pai. Pesava-lhe o pensamento de perder o seu menino; mas, com uma coragem viril, disse: “-Vou já tratar disso.” E saiu para ir buscar o padre. O pai do Francisco recordava tão claramente aquela triste viagem! Foi com outros dos filhos. “No caminho para casa rezámos o Terço. Lembro-me muito bem que, não tendo eu as contas, contava as Avé-Marias pelos dedos das mãos.”

Entretanto, o Francisco pediu à irmã Teresa que chamasse a Lúcia. Quando a Lúcia chegou, pediu à mãe e aos irmãos que saíssem do quarto, porque queria falar-lhe confidencialmente. Logo que eles saíram, disse o Francisco: “-É que me vou confessar e morrer depois; queria que me dissesse se me viste fazer algum pecado.”

“-Desobedeceste algumas vezes à tua mãe, quando ela te dizia que te deixasses estar em casa e tu te escapavas para o pé de mim e para te ires esconder.”

“-É verdade, tenho esse. Agora vai perguntar à Jacinta se ela se lembra de mais algum.”

“-Lá fui; e a Jacinta, depois de pensar um pouco, respondeu-me: ‘Olha, diz-lhe que, ainda antes de Nossa Senhora nos aparecer, roubou um tostão; e que, quando os rapazes de Aljustrel atiraram pedras aos de Boleiros, ele também atirou pedras.’”

Quando a Lúcia lhe deu este recado da irmã, ele respondeu: “-Esses, já os confessei; mas torno a confessá-los. Se calhar, é por causa destes pecados que Nosso Senhor está tão triste. Mas eu, ainda que não morresse, nunca mais os tornava a fazer. Agora estou arrependido. ‘Ó meu Jesus, perdoai-nos, – começou o Francisco a rezar, juntando as mãos – livrai-nos do fogo do inferno!’” – e depois, dirigindo-se outra vez à Lúcia: “-Olha, pede tu também a Nosso Senhor que me perdoe os meus pecados.”

“-Peço, sim, está descansado! Se Nosso Senhor te não tivesse já perdoado, não dizia Nossa Senhora ainda o outro dia à Jacinta que te vinha buscar muito breve para o Céu. Agora eu vou à Missa e lá peço a Jesus escondido por ti.”

Pela tarde desse dia, o padre veio confessar o Francisco e prometeu-lhe que no dia seguinte lhe traria Nosso Senhor. O Francisco estava muito feliz. Da mãe, obteve ele a promessa de que não lhe daria nada depois da meia-noite, para poder comungar em jejum “como toda a gente”. Na manhã seguinte, quando ele ouviu o tilintar da campainha que anunciava a aproximação do Rei do Céu, procurou erguer-se para se sentar; mas as forças faltaram-lhe por completo e ele voltou a cair sobre o travesseiro. Recebeu Jesus no seu coração e fechou os olhos, habitando em Jesus enquanto Jesus habitava nele. A presença de Deus impregnava-o e ele recordava aquele outro dia em que o Anjo lhes apareceu e juntos adoravam a Jesus no Santíssimo Sacramento. Este menino fiel tinha oferecido a sua vida para fazer reparação aos Corações de Jesus e Maria pelos pecados dos homens ingratos. Passara horas, dias inteiros, sonhando com seus Amados Jesus e Maria, desprezando os absorventes prazeres da infância para consolar os Seus Corações amorosos. Com Cristo dentro de si, o Francisco ofereceu-se muitas vezes a si próprio como vítima de amor, consolação e reparação. Por fim abriu os olhos e viu a mãe, chorosa, a olhar para ele. Disse o Francisco:

“-O Sr. Prior ainda me trará outra vez o Jesus escondido?” – Mas essa foi a sua primeira e última Comunhão, porque no dia seguinte ele estava no Céu com Jesus e Maria.

A Lúcia veio assistir à Primeira Comunhão do Francisco. E à Jacinta deu-se-lhe licença para se levantar e ir para o pé do irmão. “-Como não podia rezar, pediu-nos que rezássemos nós o Terço por ele.” As duas meninas ajoelharam-se e rezaram.

“-Ó Lúcia, certamente no Céu vou ter muitas saudades tuas! Quem me dera que Nosso Senhor te levasse também para lá breve!”

“-Saudades minhas? Não tens, não! Imagine-se, ao pé de Nosso Senhor e de Nossa Senhora, que são tão bons!”

Durante a noite, o estado do Francisco a cada minuto se agravava mais. Tinha muita sede, mas já não podia engolir as colherinhas de água que a mãe e a Lúcia lhe ofereciam de vez em quando. Se a mãe ou a madrinha lhe perguntavam como se sentia, respondia sempre sereno: “-Estou bem. Não me dói nada.” Mas uma vez sozinho com a Lúcia e a Jacinta, que davam conta do que se estava a passar com ele, confidenciava: “-Vou partir para o Céu, mas lá hei-de pedir muito a Nosso Senhor e a Nossa Senhora que vos leve também para lá depressa.”

“-Dá muitas saudades minhas a Nosso Senhor e a Nossa Senhora – dizia-lhe então a Jacinta – e diz-Lhes que sofro tudo quanto Eles quiserem para converter os pecadores e para reparar os pecados contra o Imaculado Coração de Maria!”

A mãe entrou, para olhar pelo seu menino. Embora a sua oração constante fosse “seja feita a santa vontade de Deus”, isso não diminuía a tristeza do seu coração ao ver morrer perante os seus olhos o seu pequeno Francisco. Tudo estava escuro na serra e na casa dos Marto. Subitamente, o Francisco animou-se e disse: “-Olhe, mãe, que luz tão linda ali, junto da porta!” – e os seus olhos abriram-se com nova vida – “-Agora já não a vejo!”

A madrugada alvoreceu e tudo indicava que chegara o fim. Pediu-lhes a bênção e perdão por qualquer mágoa que lhes tivesse causado durante a vida. Os olhos deles encheram-se de lágrimas enquanto diziam que sim. Pelas dez horas, quando o sol em fartos jorros entrou pela porta do quarto, o rosto do Francisco iluminou-se singularmente. Um angélico sorriso entreabria-lhe os lábios, por onde perpassava o último suspiro. Brandamente, sem agonia, sem indício de qualquer sofrimento, o pequeno apagava-se. Este menino tinha terminado o trabalho que Deus lhe dera para fazer. Na manhã de sexta-feira, 4 de Abril de 1919, Nossa Senhora veio buscá-lo para o Céu.

No dia seguinte, um piedoso cortejo conduzia ao cemitério da Fátima os restos mortais do Francisco. À frente ia o Crucifixo; seguiam-se alguns homens com opas verdes, atrás deles o sacerdote, e atrás do sacerdote, quatro rapazes de opas brancas que levavam o corpinho. A Lúcia e a família Marto, e também muitos amigos, acompanhavam-no e dos seus olhos entristecidos caíam lágrimas abundantes. Chorando também lá ficara a Jacintinha, coitada, que a doença impedia de sair de casa. Ergueu-se, sobre a sepultura, uma simples cruz de madeira. Todo o tempo em que a Lúcia ficou na aldeia, não deixou passar sequer um dia sem se ir ajoelhar junto da sepultura e conversar com o seu querido

Francisco. Sabia que ele era feliz no Céu com Jesus e Maria, e que não se esqueceria da sua promessa de rezar sempre pela Jacinta e por ela. Nada podia separá-los na terra e também nada o poderia fazer na morte.



Francisco Marto

11 de Junho de 1908 a 4 de Abril de 1919

No dia 13 de Março de 1952, os restos mortais do pequeno Francisco foram levados do cemitério de Fátima para serem enterrados no transepto da grande Basílica de Fátima.

A pegar no caixão iam três dos seus irmãos.

Capítulo XII

A Morte da Jacinta

A morte do Francisco deixou a Lúcia e a Jacinta completamente desoladas. Embora soubessem que ele era feliz com Nosso Senhor e Nossa Senhora no Céu, tinham muitas saudades dele. Era como se os três tivessem um só coração; e, com a morte do Francisco, elas sentiam como se tivessem perdido uma parte do próprio coração. A Jacinta, especialmente, sentia-se sozinha sem o irmão. Sentada na cama, com a fronte esbraseada pela febre, a pequenita passava horas e horas sem se mover, expressando no seu rosto a mais profunda melancolia.

“-Em que pensas, Jacinta?” – perguntava-lhe a mãe.

“-Penso no Francisco. Quanto desejo vê-lo!”

A Jacinta não podia dizer à mãe tudo o que pensava, mas comunicava-o confiadamente à Lúcia: “-Penso na guerra que há-de vir. Há-de morrer tanta gente e vai tanta para o Inferno! Hão-de ser arrasadas muitas casas, e mortos muitos Padres. Olha, eu vou para o Céu e tu, quando vires de noite essa luz que aquela Senhora disse que vem antes, fuge para lá também.”

“-Não vês que para o Céu não se pode fugir?”

“-É verdade, não podes, mas não tenhas medo: eu no Céu hei-de pedir muito por ti, pelo Santo Padre, por Portugal, para que a guerra não venha para cá, e por todos os sacerdotes.”

A Jacinta não só rezava, também oferecia o seu sofrimento. A broncopneumonia que ela tinha piorava diariamente e formou-se-lhe um abcesso no peito. À mãe, que se mostrava tão triste por ver a sua querida pequenina penar tanto, a Jacinta respondia sempre com palavras de consolação: “-Não se rale, minha mãe, que eu vou para o Céu; lá hei-de pedir muito por si. Não chore, eu estou bem.” Como um pequeno soldado que ela era, esforçava-se por esquecer a doença e as dores para consolar a família, e oferecia tudo pela conversão dos pecadores. “-Coitadinhos! Havemos de rezar e fazer muitos sacrifícios por eles!” – confienciava ela à Lúcia.

“-Ah! Pudéssemos nós, com os nossos sacrifícios, fechar para sempre as portas daquela fornalha terrível! Pudéssemos nós fazer com que todos os pecadores se encaminhassem para o Céu!” A Jacinta não deixava desperdiçar nem um momento de sofrimento. Uma só pontada de dor tinha mais valor para ela que todo o ouro no Mundo!

O médico veio vê-la a casa; e, na falta de tratamento profissional na aldeia, aconselhou aos pais o seu internamento no hospital de Vila Nova de Ourém. A Jacinta sabia que nem os melhores médicos do Mundo lhe restituiriam a saúde. Concordou em ir, no entanto, em obediência a Nossa Senhora, porque isso seria uma oportunidade de lhe aumentar os sofrimentos. A Jacinta esforçava-se por ser corajosa, mas aquilo de ir para um hospital e viver com desconhecidos, sem ter ali os pais nem os irmãos, não era um sacrifício fácil. Mas o mais custoso de tudo foi despedir-se da Lúcia. Como poderia passar lá sem ela?

“-Lúcia!” – sussurrava ela com lágrimas nos olhos – “Se tu fosses comigo?!... O que mais me custa é ir sem ti... Se calhar o hospital é uma casa muito escura e eu estou ali a sofrer sozinha!”

Tinha de ser, porém. Nos primeiros dias de Julho, o seu bom pai tirou do leito o seu corpinho emagrecido, acomodou-a carinhosamente sobre a burrinha e lá partiram ambos para o hospital de Vila Nova de Ourém.

A Jacinta ficou no hospital dois meses e o tratamento a que a submeteram foi rigoroso. Teve visitas apenas uma vez: da mãe e da Lúcia. Mais tarde, conta-nos a Irmã Lúcia sobre essa visita: “-Encontrei-a com a mesma alegria por sofrer por amor de Deus, do

Imaculado Coração de Maria, pelos pecadores e pelo Santo Padre. Era o seu ideal; era no que falava.”

Ficaram dois dias com a Jacinta. A Senhora Olímpia teve de voltar à sua família e a Lúcia à dela, embora lhes partisse o coração deixarem a Jacinta sozinha e entre gente desconhecida, naquele hospital distante. O que piorava ainda mais a situação era a inutilidade de todos os esforços dos médicos. Ela não estava a melhorar, apesar de tudo o que eles faziam. A ferida que tinha no peito era grande, aberta, e continuamente a deitar pus. Por fim, os médicos lá concordaram em que seria igual para ela estar ali ou em casa com a família, e nos últimos dias de Agosto deram-lhe alta.

“-A pequena está esquelética.” – dizia o Padre Formigão que a visitou em casa. – “Os braços são de uma magreza assombrosa. Anda sempre a arder em febre. A tuberculose, depois de um ataque de broncopneumonia e duma pleurisia, mina-lhe desapidadamente o débil organismo. Bernadette, a humilde zagala de Lourdes, ouviu da boca da Imaculada, que Se dignou aparecer-lhe nas rochas de Massabielle, a promessa de que a faria feliz, não neste mundo, mas no outro. Teria a Virgem feito idêntica promessa à pastorinha da Serra d’Aire?”

Um dia a Jacinta confidenciou à Lúcia: “-Quando estou só, desço da cama para rezar as orações do Anjo; mas agora já não sou capaz de chegar com a cabeça ao chão, porque caio; rezo só de joelhos.”

A Lúcia não lhe respondia palavra; mas na primeira ocasião que se encontrou com o Vigário do Olival, contou-lhe tudo. O sacerdote mandou então dizer à pequena mártir que podia rezar deitada, que não era preciso descer da cama.

“-E Nosso Senhor ficará contente?” – perguntava a Jacinta, ainda duvidosa.

“-Fica, sim. Nosso Senhor quer que se faça o que o Sr. Vigário manda.”

“-Então está bem. Nunca mais me torno a levantar.” – e a Jacinta fazia aquilo que o representante de Deus lhe tinha aconselhado. Embora não se pudesse ajoelhar para rezar as suas orações, mesmo assim, a Jacinta às vezes tinha força suficiente para passear na Cova da Iria. Quando chegou o inverno, os pais já não permitiam à Jacinta que fosse à Cova da Iria; no entanto, não lhe proibiam que fosse à Missa a Fátima. Ela queria assistir à Missa todos os dias, como fazia a Lúcia.

“-Não venhas, Jacinta – dizia-lhe a Lúcia, tentando aconselhá-la – Tu não podes, hoje não é Domingo.”

“-Não importa. Vou pelos pecadores que nem ao Domingo vão. -Olha, sabes? Nosso Senhor está triste, porque Nossa Senhora disse-nos para não O ofenderem mais, que já estava muito ofendido e ninguém fez caso; continuam a fazer os mesmos pecados.”

“-Fizeste algum outro sacrifício, Jacinta?”

“-Sim, Lúcia. Tinha muita sede, mas não quis beber; ofereci a Jesus pelos pecadores. Esta noite tive muitas dores e quis oferecer a Nosso Senhor o sacrifício de não me voltar na cama; por isso não dormi nada... E tu, Lúcia, fizeste hoje algum sacrifício?” Os sacrifícios da Lúcia eram só para os ouvidos da Jacinta.

A Lúcia conta ainda outra história sobre a Jacinta. “Um dia a mãe levou-lhe uma chávena de leite e disse-lhe que a bebesse.

“-Não a quero, minha mãe!” – respondeu ela, afastando a chávena com a mãozinha. A Senhora Olímpia insistia, mas a Jacinta não aceitava.

“-Não sei como lhe hei-de fazer tomar alguma coisa com tanto fastio.” – dizia a mãe, ao deixar o quarto.”

Mal a Senhora Olímpia tinha saído, a Lúcia objetou com a Jacinta:

“-Como? Desobedeceste assim à tua mãe e não ofereces este sacrifício a Nosso Senhor?”

Ao ouvir isto, a Jacinta deixou cair algumas lágrimas. Chamou pela mãe, pediu-lhe perdão e disse-lhe que tomaria tudo o que ela quisesse. A mãe trouxe-lhe de novo a

chávena de leite que ela bebeu sem mostrar o mais leve sinal de repugnância. Depois, enquanto a Lúcia secava as lágrimas da Jacinta, a menina confessou: “-Se tu soubesses quanto me custou a beber!...” De então em diante, embora à Jacinta lhe fosse cada vez mais difícil beber o leite ou o caldo, ou de comer, nunca se queixava; antes se esforçava corajosamente por tomar qualquer coisa que a mãe lhe desse. Um dia a mãe levou-lhe, junto com a chávena de leite, um belo cacho de uvas. A Jacinta gostava das uvas, e a mãe bem sabia que lhe agradavam.

“-Não, minha mãe, as uvas não as quero, leve-as; dê-me antes o leite, que o bebo.” E, tendo saído a mãe, disse à Lúcia: “-Apeteciam-me tanto aquelas uvas e custou-me tanto beber o leite!... Mas quis oferecer este sacrifício a Nosso Senhor.”

Quase todos os dias, a caminho de casa depois da Comunhão na Missa da manhã, a Lúcia visitava a Jacinta. Era uma grande alegria para ela.

“-Ó Lúcia, comungaste hoje?”

“-Sim, Jacinta.”

“-Então chega-te aqui bem para o pé de mim, que tens em teu coração o Jesus escondido. Não sei como é, sinto Nosso Senhor dentro de mim, compreendo o que me diz e não o vejo nem o oiço, mas é tão bom estar com Ele!”

A Lúcia tirou do seu missal uma estampa com o Cálice e a Hóstia que a Jacinta beijou com entusiasmo.

“-É Jesus escondido. Gosto tanto d’Ele! Quem me dera recebê-Lo na igreja! No Céu não se comunga? Se lá se comungar, eu comungo todos os dias. Se o Anjo fosse ao hospital levar-me outra vez a Sagrada Comunhão! Que contente eu ficava!”

A Lúcia ofereceu-lhe uma estampa do Coração de Jesus. A Jacinta guardava-a dia e noite, beijando-a frequentemente. “-Beijo-O no Coração, que é do que mais gosto. Quem me dera também um Coração de Maria! Não tens nenhum?”

“-Não, Jacinta. Não consegui encontrar nenhum.”

“-Já falta pouco para ir para o Céu. Tu ficas cá para dizeres que Deus quer estabelecer no mundo a devoção do Imaculado Coração de Maria. Quando fores para dizer isso, não te escondas, diz a toda a gente que Deus nos concede as graças por meio do Coração Imaculado de Maria, que Lhas peçam a Ela; e que o Coração de Jesus quer que, a Seu lado, se venere o Coração Imaculado de Maria. Que peçam a paz ao Coração Imaculado de Maria; que Deus lha entregou a Ela. Se eu pudesse meter no coração de toda a gente o lume que tenho cá dentro do peito a queimar-me e a fazer-me gostar tanto do Coração de Jesus e do Coração de Maria!”

Durante este tempo, Nossa Senhora não deixava sozinha a sua doentinha. Visitou a Jacinta para lhe dizer que queria que fosse para outro hospital, em Lisboa. A menina nem podia esperar para o contar à Lúcia.

“-Disse-me que vou para Lisboa, para outro hospital; que não te torno a ver, nem a meus pais; que, depois de sofrer muito, morro sozinha; mas que não tenha medo, que me vai buscar para o Céu.” E chorando, estendeu os bracitos e abraçou a Lúcia: “-Nunca mais te torno a ver! Olha, reza muito por mim, que morro sozinha.” – era esse pensamento que torturava a menina.

Um dia a Lúcia encontrou-a abraçada a uma estampa de Nossa Senhora, e a rezar “-Ó minha Mãezinha do Céu, então eu hei-de morrer sozinha?...”

“-Que te importa morrer sozinha, se Nossa Senhora te vem buscar?” – e a Lúcia procurava animá-la, apesar de tudo, tentando distrair-lhe o espírito.

“-É verdade, não me importa nada. Mas não sei como é: às vezes não me lembro que Ela me vem buscar.”

“-Coragem, então, Jacinta! A ti já te falta pouco para ires para o Céu, mas a mim...” – e o coração da Lúcia entristecia-se com a ideia de perder a Jacinta muito em breve.

“-Coitadinha! Não chores. Lá hei-de pedir muito e muito por ti. Tu ficas, mas é Nossa Senhora que quer assim.”

“-Ó Jacinta... e que vais fazer no Céu?”

“-Vou amar muito a Jesus, ao Imaculado Coração de Maria, pedir por ti, pelos pecadores, pelo Santo Padre, pelos meus pais e irmãos e por todas as pessoas que me têm pedido para pedir por elas. Gosto tanto de sofrer por amor de Nosso Senhor e de Nossa Senhora! Eles gostam muito de quem sofre para converter os pecadores.”

Na família Marto consideravam apenas sonhos as profecias da Jacinta de ir para um hospital em Lisboa. Como iria para lá? E para quê? Os pais não tinham dinheiro para isso. Mas Nossa Senhora já tinha tratado de tudo.

Alguns dias depois de a Jacinta ter anunciado que iria para Lisboa, apareceu em Aljustrel um automóvel que parou diante da casa dos Martos. Era o Dr. Formigão com mais duas pessoas: o Dr. Eurico Lisboa e a esposa. O médico tinha ouvido falar dos acontecimentos na Cova da Iria, e queria visitar esse lugar santo e falar com os Pastorinhos.

“Em meados de Janeiro de 1920 – afirmava o médico – de passagem por Santarém fomos cumprimentar o Rev. Dr. Formigão, que sabíamos ser quem nos poderia instruir sobre tudo o que se tinha passado em Fátima, e de que tinha sido testemunha. Depois de termos ido à Cova da Iria com ele e termos rezado o Terço, regressámos a Fátima, onde estivemos a falar com a Jacinta. A pequenita estava muito pálida, magrita, andava com dificuldade, dizendo-me a família que ela estava muito doente, o que os não contristava, pois a maior ambição da Jacinta era ir também para Nossa Senhora. Censurando-os eu por não empregarem todos os esforços para darem saúde à Jacinta, disseram-me que não valia a pena, porque era desejo de Nossa Senhora levá-la, e que já tinha estado no hospital de Vila Nova de Ourém, sem que tivesse obtido quaisquer melhoras. Repliquei-lhes que a vontade de Nossa Senhora é superior a todas as forças humanas, e que, para terem a certeza de que de facto Nossa Senhora a queria levar, deviam esgotar todos os recursos científicos para lhe salvarem a vida.

“Entusiasmados por este meu conselho, foram ouvir a opinião do Sr. Dr. Formigão que estava ali perto, e que reforçou o que eu dissera, ficando logo combinado que iria para Lisboa onde, num hospital, seria entregue aos cuidados dos melhores clínicos, ficando a ser tratada sob a direção de um dos mais distintos pediatras portugueses. Foi admitida com o diagnóstico: Pleurisia purulenta da grande cavidade esquerda, fistulosa; osteíte das 7ª e 8ª costelas do mesmo lado.”

Antes de deixar Fátima, a Jacinta pediu à mãe que a acompanhasse para se despedir da Cova da Iria. “Combinei com uma comadre minha levar a pequena na burrica dela; e assim se fez, que a pé a cachopita já não aguentava. Quando chegámos à Lagoa da Carreira, a Jacinta desceu da jumenta e começou a rezar o Terço sozinha; apanhou umas florinhas para prantar lá na capelinha. Quando lá chegámos, ajoelhámos e ela esteve lá a rezar um bocado como ela entendia. ‘Minha mãe! – disse ao levantar-se – Nossa Senhora quando abalava, passava por cima daquelas árvores; e depois entrava no Céu tão depressa que me parecia que lhe ficavam os pés entalados!’”

No dia seguinte, a Jacinta despediu-se da Lúcia, sua prima tão querida. A separação da Lúcia e da Jacinta era a cruz mais amarga de todas para ambas as meninas; os seus corações eram como um só.

“-Cortava o coração. – narra a Lúcia – Conservou-se muito tempo abraçada ao meu pescoço, e dizia-me chorando: ‘Nunca mais nos tornaremos a ver!... Reza muito por mim até que eu vá para o Céu; depois lá eu peço muito por ti. Não digas nunca o segredo a ninguém, ainda que te matem. Ama muito a Jesus e ao Imaculado Coração de Maria e faz muitos sacrifícios pelos pecadores.’”

A viagem para Lisboa era triste tanto para a mãe como para a menina. A Jacinta conservou-se quase sempre à janela de pé, a olhar pelas vidraças a paisagem e a gente das aldeias por onde passaram. Em Santarém apareceu uma senhora que ouvira falar da viagem da Jacinta e lhe deu um embrulhito de doces; mas a pequenina não quis comer nada. Quando chegaram a Lisboa, algumas senhoras foram ao seu encontro e juntos suplicavam aos amigos que encontrassem um lugar para elas dormirem. Ninguém queria albergar uma menina doente. A Jacinta identificou muito aquele facto com o padecimento do Imaculado Coração de Maria e de São José quando deambulavam em busca de um lugar para dormir em Belém, mas “não houve lugar para eles na pousada”. Cansadas e desapontadas, mãe e filha chegaram ao Orfanato de Nossa Senhora dos Milagres e pediram para as deixarem entrar. A Superiora, a Madre Maria da Purificação Godinho, acolheu-as de braços abertos. Estimava muito a pequenina que tinha visto Nossa Senhora.

Enquanto a Sr.a Olímpia e a filha estavam na sala de espera, entrou uma senhora endinheirada que lhe contou que sofria muito dos olhos. Pôs-se a pedir-lhe que rezasse por ela a Nossa Senhora. Mas a Jacinta não respondia nada, de maneira que a senhora se afastou desconsolada, deixando contudo uma nota de 50 escudos na mão da pequenita que a entregou imediatamente à Superiora da casa. “-Dá o dinheiro à tua mãe” – disse para a pequena. “-Não” – respondeu a Jacinta. “O dinheiro é para si, porque terá muito trabalho comigo.”

Mais tarde a religiosa perguntou à Jacinta: “- Porque não respondeste àquela senhora quando te pediu que rezasses por ela?”

“-Olhe, Madrinha, – respondeu a Jacinta – eu rezei muito por ela; mas não lhe disse nada nesse dia porque tinha medo de me esquecer... estava com tantas dores.”

A Senhora Olímpia ficou uns dias no orfanato para ter a certeza de que a Jacinta seria bem cuidada. A Superiora era uma verdadeira mãe para a menina; gostava muito dela e naquela casa a Jacinta sentiu-se logo muito bem com todas as outras meninas. O que em particular a alegrava era haver naquele lugar uma capela. Habitar sob o mesmo teto que abrigava Jesus Sacramentado era uma felicidade com que nunca tinha sonhado. A partir do momento em que a deixaram entrar para o orfanato, a Jacinta queria sempre que a levassem à capela. “A Jacinta comungava quase todos os dias.” – relatava a mãe – “Levada ao meu colo ou ao colo da Superiora, lá ia até à mesa da Comunhão. Lembro-me que antes de eu voltar para casa me disse: ‘-Ó mãe, quero confessar-me.’ Fomos, então, antes do sol fora, para uma igreja. Quando saímos depois, a pequena não acabava de me dizer: ‘-Ai, minha mãe, que Padre tão bom, que Padre tão bom! Perguntava-me muitas coisas, tantas coisas!’

Bem queria eu saber o que o tal Padre lhe tinha perguntado, mas as confissões não são coisas para se explicarem uns com os outros.”

Todo o tempo que lhe consentiam, a Jacinta ia passá-lo ajoelhada na capela ou, quando já não podia permanecer de joelhos, estava sentada na sua cadeirinha, de olhos cravados no Sacrário. Pelo seu ardente amor a Jesus, não deixava de observar as pequenas descortesias dos visitantes – contou a Superiora – “Reparando que algumas pessoas não estavam com a devida compostura e atenção, dizia-me: ‘-Não deixe, madrinha, que esta gente não esteja diante do Santíssimo Sacramento como se deve estar. Na igreja deve-se estar sossegado e não falar. Se esta pobre gente soubesse o que a espera!’ Eu descia então à capela e dava os avisos que entendia, mas nem sempre conseguia bom resultado; e quando voltava acima, a Jacinta perguntava-me:

‘-Então?’

‘-Não querem saber de nada’ – respondia-lhe. A Jacinta, então, tomando um ar muito sério, dizia-me:

‘-Paciência! Mas Nossa Senhora sempre fica muito contente com a madrinha. Há-de dizer ao Sr. Cardeal, sim? Nossa Senhora não quer que a gente fale na Igreja.’”

Frequentemente, para apanhar ar e sol, a madrinha obrigava a Jacinta a sentar-se em frente da janela que dava para o jardim. A menina ficava contente a olhar as árvores e a ouvir os passarinhos cantar. Mais que dos pais, a Jacinta sentia a falta da Lúcia, que tanto teria gostado de ver ao pé de si. “Com todas as órfãs (havia 25) a Jacinta se dava bem, mas não gostava muito de falar e conversar. Preferia a companhia duma raparigueta da sua idade a quem fazia os seus sermões. Era engraçado ouvi-la.” – contava a Superiora: “-Não debes mentir, nem faltar nunca à verdade. Não debes ser preguiçosa; debes ser muito obediente e suportar tudo por amor de Nosso Senhor com paciência, se queres ir para o Céu!” – era com uma tal autoridade que falava, como se não fosse uma criança.

“Durante os dias que passou na minha casa deve ter tido mais que uma vez a visita de Nossa Senhora” – continuava a Superiora – “Lembro-me duma ocasião em que ela me disse: ‘Tire-se daí, madrinha, que estou à espera de Nossa Senhora!’ O seu rosto então tomava uma expressão radiosa, celestial. Por certo, algumas vezes, não era a Senhora que lhe aparecia, mas um globo de luz à semelhança do que tinha aparecido na Fátima, pois que lhe ouvíamos esta reflexão: ‘Destas vezes não era como lá em baixo na Fátima; mas eu bem sabia que era Ela.’”

Depois de cada visita de Nossa Senhora, a Jacinta falava com uma sabedoria muito além da sua idade, educação ou experiência.

“-Quem foi que te ensinou tantas coisas?” – perguntava-lhe a Superiora, maravilhando-se perante a sua sabedoria e intuições celestiais – “Foi Nossa Senhora. Mas algumas penso-as eu. Gosto muito de pensar.” Era tão aberta e sincera em tudo o que dizia!... E a Madre Superiora tomava notas de tudo:

“Nossa Senhora disse que há muitas guerras e discórdias. As guerras não são senão castigos pelos pecados do mundo. Nossa Senhora já não pode sustentar o braço do seu Amado Filho. É preciso fazer penitência. Se a gente se emendar, ainda Nosso Senhor valerá ao mundo; mas se não se emendar, virá o castigo.”

A explicar esta afirmação anterior da Jacinta, a Superiora escrevia: ““Refere-se a um grande castigo dito em Segredo. Nosso Senhor está profundamente indignado com os pecados e crimes que se cometem em Portugal. Por isso um terrível cataclismo de ordem social ameaça o nosso País e principalmente a cidade de Lisboa. Desencadear-se-á, segundo parece, uma guerra civil de carácter anarquista ou comunista, acompanhada de saques, morticínios, incêndios e destruições de toda a espécie. A capital converter-se-á numa verdadeira imagem do inferno. Na ocasião em que a divina justiça ofendida infligir tão pavoroso castigo, todos aqueles que o puderem fazer fujam dessa cidade. Este castigo agora predito convém que seja anunciado pouco a pouco e com a devida discrição.

‘-Coitadita de Nossa Senhora! – dizia a pequena – Ai! Eu tenho tanta pena de Nossa Senhora! Tenho muita pena!’”

Nossa Senhora revelara a esta pequenina algumas catástrofes terríveis que o Mundo teria de sofrer. “Se a gente se emendar – disse a Jacinta à Madre Godinho – ainda Nosso Senhor valerá ao mundo; mas, se não se emendar, virá o castigo. Se a gente não se emendar, Deus Onnipotente deixará rebentar, a começar na Espanha, um castigo tal como nunca antes se viu.” Falou depois de “grandes acontecimentos mundiais que teriam lugar a partir de 1940.” O pensamento das terríveis aflições que os homens atraíam sobre si próprios pelo seu ódio e desobediência a Nosso Senhor e Nossa Senhora enchia o coração dos Pastorinhos de uma desoladora tristeza. Dava à Jacinta mais dor que a sua doença ver como os homens ingratos tratavam a Jesus e a Maria.

“-Ai! Eu tenho tanta pena de Nossa Senhora! Tenho muita pena!” – dizia entre lágrimas

à Madre Godinho.

A Superiora fez um dia uma pergunta à Sr.a Olímpia, que tinha vindo visitar a filha:

“-Gostaria que as suas filhas Florinda e Teresa entrassem na vida religiosa?”

“-Deus me livre!” – respondeu a mãe, de coração aflito pela morte do Francisco e tendo já iminente a da Jacinta. Momentos depois, a Jacinta, que não tinha ouvido a conversa, comentou quando a Superiora entrou no seu quarto: “-Nossa Senhora gostaria muito que as minhas irmãs se fizessem freiras. Mas a minha mãe não quer, e por isso Nossa Senhora não tardará a levá-las para o Céu.” Assim foi: pouco depois morreram as duas raparigas.

Havia muito que a Madre Godinho desejava ir visitar a Cova da Iria. Era uma viagem longa e que lhe parecia impossível.

“-Fique descansada, madrinha! Depois da minha morte há-de lá ir.”

“-Os pecados que levam mais almas para o Inferno são os pecados da carne. Hão-de vir umas modas que hão-de ofender muito a Nosso Senhor. As pessoas que servem a Deus não devem andar com a moda. A Igreja não tem modas. Nosso Senhor é sempre o mesmo. Os pecados do mundo são muito grandes. Se os homens soubessem o que é a eternidade, faziam tudo para mudar de vida. Os homens perdem-se, porque não pensam na morte de Nosso Senhor e não fazem penitência.

“-Muitos casamentos não são bons, não agradam a Nosso Senhor e não são de Deus.”

“- Peça muito pelos governos! Ai dos que perseguem a Religião de Nosso Senhor!

Se o governo deixasse em paz a Igreja e desse a liberdade à Santa Religião, era abençoado por Deus.

“-Minha madrinha, não ande no meio do luxo, fuga das riquezas. Seja muito amiga da santa pobreza e do silêncio. Tenha muita caridade mesmo com quem é mau. Não fale mal de ninguém e fuja de quem diz mal. Tenha muita paciência porque a paciência levamos para o Céu. A mortificação e os sacrifícios agradam muito a Nosso Senhor.

“-A Confissão é um Sacramento de misericórdia. Por isso é preciso aproximar-se do confessor com confiança e alegria. Sem Confissão não há salvação.

“-A Mãe de Deus quer mais virgens que se liguem a Ela pelo voto de castidade. Eu ia com muito gosto para o convento; mas gosto ainda mais de ir para o Céu. Para ser religiosa é preciso ser muito pura na alma e no corpo.”

“-E sabes tu o que quer dizer ser pura?” – perguntava a Superiora.

“-Sei, sei. Ser pura no corpo é guardar a castidade; e ser pura na alma é não fazer pecados; não olhar para o que não se deve ver, não roubar, não mentir nunca, dizer sempre a verdade ainda que nos custe. Quem não cumpre as promessas que faz a Nossa Senhora nunca terá felicidade nas suas coisas.”

Chegou o dia em que a Jacinta teve de deixar os cuidados da Madre Godinho para ir para o hospital. A separação da madrinha era dura porque a amava muito, mas mais dura ainda era a separação de Jesus. No hospital não havia uma capela, nem qualquer pessoa em quem pudesse buscar consolação. Todos se mostravam simpáticos; mas quem podia tomar o lugar da Madre Godinho ou de Nosso Senhor? Às vezes o que mais a fazia sofrer era ver algumas enfermeiras ou outras pessoas que vinham visitar os doentinhos, atravessarem a sala com trajos pouco modestos, roupa da moda com grandes decotes.

“-Para que serve tudo aquilo?” – dizia à Madre Godinho – “Se soubessem o que é a eternidade!”

Um dia, alguns visitantes discutiam na sua presença os defeitos dum certo Padre que tinha sido proibido de celebrar a Missa. A Jacinta ficou triste, começou a chorar e disse que a gente não deve criticar os Padres, mas rezar por eles. Ela mesma rezava frequentemente pelos sacerdotes e pedia aos outros que fizessem o mesmo.

Vinham examiná-la muitos médicos cuja única preocupação era a ciência e a medicina.

Desconfiavam da influência que Deus pudesse exercer sobre o estado dum doente. A menina não hesitava em censurá-los, assinalando assim a causa dos seus frequentes fracassos. Mas tinha compaixão dos médicos, e dizia: “-Coitados, mal sabem eles o que os espera!” Dizia que os médicos não sabem como sarar os doentes com sucesso porque não têm amor a Deus.

Um dia, um médico pediu as orações da Jacinta por uma intenção especial e ela assegurou-lhe que sim, que ia rezar por ele, mas que ele ia morrer dentro de pouco tempo. Disse o mesmo a outro médico: que ia morrer não só ele como também a sua filha.

Foi para a Jacinta uma grande alegria quando Nossa Senhora fez com que o pai aparecesse para ver a filhinha. Foi contudo uma visita a fugir; ele não podia ficar muito tempo porque os outros filhos estavam de cama e precisavam da sua presença. Ver a Jacinta sozinha no hospital e tendo de a deixar assim partia-lhe o coração, mas estava inteiramente convencido que Nossa Senhora estava a cuidar dela.

Quando os médicos sugeriram pela primeira vez uma operação, a Jacinta avisou-os que seria inútil.

Tudo era em vão, porque Nossa Senhora lhe tinha dito que iria morrer em breve. Pediu mesmo a alguém para escrever à Lúcia, para lhe dizer o dia e hora da sua morte. No entanto, os médicos insistiram; e quando finalmente foi levada para a sala de operações, teve imenso que sofrer, porque, por causa da extrema fraqueza em que se encontrava, não pôde levar uma anestesia geral (com clorofórmio); recebeu apenas uma anestesia local. O que, todavia, mais a fez sofrer foi a humilhação de se ver despida e nas mãos de médicos desconhecidos.

O resultado da operação apresentava-se animador, apesar de lhe terem sido extraídas duas costelas do lado esquerdo e a chaga ser tão grande que caberia nela uma mão. Sofreu dores atrozes que se renovavam todas as vezes que a ferida era tratada.

“-Ai Nossa Senhora! Ai Nossa Senhora!” – era a única exclamação que a Jacinta deixava escapar. Ou também: “-Paciência! Paciência! Todos devemos sofrer para ir para o Céu!”

Ninguém a ouvia queixar-se, embora sofresse tanto. Suportava tudo com alegria porque sabia que ajudaria muitas almas a escaparem ao fogo aterrador do Inferno.

“-Agora podes converter muitos pecadores, meu Jesus – dizia a Nosso Senhor –, porque eu sofro muito!”

Nossa Senhora continuava às vezes a visitá-la. Quatro dias antes da sua morte, disse a Jacinta:

“-Agora já não me queixo! Nossa Senhora tornou-me a aparecer e disse-me que em breve me virá buscar e que me tirava já as dores.”

O Dr. Lisboa testemunhava isso: “-Na verdade, com a feliz aparição ali em plena enfermaria, desapareceram por completo as dores, apeteceu-lhe então brincar e distrair-se o que fazia passando os olhos por várias estampas religiosas, uma das quais era a de Nossa Senhora do Sameiro – que mais tarde me ofereceram como recordação da Jacinta – e que ela dizia ser a que mais lhe fazia lembrar a Senhora que lhes aparecera na Cova da Iria. Várias vezes fui informado de que a pequenita desejava que eu lhe fosse fazer uma visita, porque pretendia revelar-me um segredo. Como as minhas ocupações clínicas eram muitas, e como as notícias que me chegavam eram de que a Jacinta estava um pouco melhor, não me apressei; e, infelizmente, já não a fui visitar.”

A Madre Godinho visitava a Jacinta todos os dias acompanhada sempre por amigos diferentes. Se alguém se sentava ao pé da cama onde lhe tinha aparecido a Santíssima Virgem, a Jacinta protestava: “-Tire-se daí, por favor, que aí esteve Nossa Senhora!”

Pouco antes de ela morrer, perguntou-lhe alguém se desejava ver a mãe.

“-A minha família durará pouco tempo e em breve se encontrarão no Céu. Nossa Senhora aparecerá outra vez, mas não a mim, porque com certeza morro, como Ela me

disse.”

Veio por fim o dia 20 de Fevereiro de 1920. A Jacinta parecia igual; poderia durar mais alguns dias, ou morrer a qualquer momento. Pelas seis horas da tarde, a pequenita disse que se sentia mal e que desejava receber a Extrema Unção. Foi chamado um Padre que a ouviu de confissão. A Jacinta insistiu para que lhe levassem o Sagrado Viático, mas ele não concordou por a ver aparentemente bem, e prometeu levar-lhe Nosso Senhor no dia seguinte. Ela insistiu que iria morrer dentro de pouco. E efetivamente, pelas 10 horas e meia da noite, faleceu com a maior tranquilidade, mas sem ter comungado.

Ao seu trânsito assistiu só uma jovem enfermeira de nome Aurora Gomes – “a minha Aurorinha”, como a Jacinta gostava de lhe chamar, porque gostava muito dela. A enfermeira velou-a durante toda a noite, ficando ao pé do pequenino cadáver; e, ao amanhecer, vestiu-lhe um vestidinho branco de Primeira Comunhão com uma fita azul, tal como a Jacinta lhe pedira, porque eram as cores de Nossa Senhora.

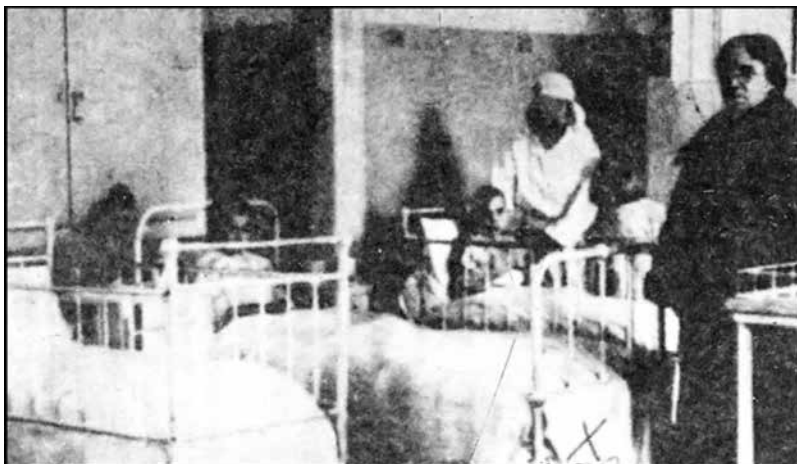
O Dr. Lisboa achou conveniente que não se depositasse o corpinho em qualquer sepultura comum, caso se confirmassem as Aparições como verdadeiras, e a Autoridade Eclesiástica desse a sua aprovação e reconhecimento oficial. Determinou que se fosse ao Pároco da igreja local e, depois de muita persuasão, prevaleceu que o Padre deixaria que o caixão com o corpo da Jacinta fosse colocado na sacristia, até que se resolvesse a sua remoção para algum jazigo.

Conhecido o facto, que rapidamente se transmitiu de boca em boca através da cidade, começou a formar-se uma romaria de crentes que vinham à igreja para ver o corpo. Todos iam com Terços e imagens para tocar nos vestidos da pequenita e para rezarem junto dela. O Padre não queria permitir a homenagem, porque dizia que isso pertencia só aos Santos canonizados pela Igreja. E mandou deslocar o corpo para outro compartimento, com a porta fechada. Mas as multidões continuaram a vir e o cangalheiro, para as sossegar, deixou que entrassem em pequenos grupos a ver o corpo de quem, estavam convencidos, estava já com Nosso Senhor e Nossa Senhora no Céu.

O cangalheiro testemunhava que nunca antes nem depois tinha tratado dum caso como o da Jacinta.

“-Parece-me estar a ver o anjinho. Deitadinha no caixão, parecia viva, com os lábios e as faces cor de rosa, tão linda! Tenho visto muitos mortos, pequenos e grandes, mas uma coisa assim nunca aconteceu. O cheiro agradável que o corpo exalava, não se pode explicar naturalmente. O maior incrédulo não poderia duvidar. Ora a pequena estava morta havia três dias e meio e o seu cheiro era como o de um ramallete composto das mais variadas flores.”

Sabendo-se da natureza grave da doença da Jacinta e da infecção que estava no seu organismo por causa da pleurisia – o que teria de apressar a sua corrupção – bem podemos



A enfermaria do Hospital de Dona Estefânia, em Lisboa, onde a Jacinta ficou desde o dia 2 de Fevereiro de 1920 até à sua morte, a 20 de Fevereiro de 1920. A cama nº 38, que ela ocupava, é a segunda do lado esquerdo.

Jacinta Marto

11 de Março de 1910 – 20 de Fevereiro de 1920



Quando a sepultura da Jacinta foi aberta em 1951, viu-se que o corpo estava praticamente incorrupto. Os seus restos mortais estão também sepultados no transepto da Basílica na Cova da Iria.

criança apresentava-se perfeitamente incorrupto. Ela e o Francisco tinham voltado a casa, para repousarem nos Corações de Jesus e Maria, para Os consolarem e rezarem pela conversão dos pecadores, pelo Santo Padre, pelos sacerdotes, e por todos os que invoquem o seu piedoso auxílio.

calcular o assombro do cangalheiro perante este fenómeno extraordinário, porque o corpo da Jacinta lhe parecia isento da lei natural. No dia 24 de Fevereiro o corpo foi colocado dentro dum caixão de chumbo e soldado, tendo assistido a este acto as autoridades e algumas senhoras. Depois o caixão foi depositado no jazigo do Sr. Barão de Alvaiázere, em Vila Nova de Ourém. A Madre Godinho acompanhou o corpo e teve assim possibilidade de visitar Fátima – tal como a Jacinta lhe predissera.

O Ti Marto estava na estação de comboios à espera do corpo.

“-Quando cheguei à Vila e vi aquele grupo de pessoas em volta do caixãozinho da minha filha... – calhou tudo muito jeitoso, muito bem... – desatei a chorar como uma criança. Fiquei esgotado. Nunca chorei tanto! – ‘Nada te valeu! Nada te aproveitou! Estiveste aqui dois meses e depois foste para Lisboa. E lá morreste sozinha!’”

Quinze anos mais tarde, no dia 12 de Setembro de 1935, o Bispo de Leiria decidiu trasladar os restos mortais da pequena vidente para o cemitério da Fátima e colocá-los num jazigo novo, propositadamente feito para ela e para o Francisco. Antes da partida, o caixão de chumbo foi aberto e, com grande espanto de todos os que assistiam, o rosto da

Capítulo XIII

A Capela na Cova da Iria

Depois do dia 13 de Outubro de 1917, a Cova da Iria da Iria nunca mais foi a mesma. A toda a hora chegavam peregrinos. “Todos se ajoelhavam ao pé da azinheira” – recorda a Maria da Capelinha [a Sr^a Maria Carreira] – “Aqui só se chorava, só se rezava a Nossa Senhora; quando se juntava muito povo, cantavam-se os lindos cânticos da Igreja. Vinham a Nossa Senhora a pedir milagres e Nossa Senhora ouvia sempre a todos. Ninguém ficava desconsolado, ninguém se sentia cansado. Naquele tempo, nunca ouvi dizer que Nossa Senhora tivesse recusado milagres a ninguém.



A capela construída no local das Aparições (começada a 6 de Agosto de 1918), que foi dinamitada a 6 de Março de 1922.

Todos os que vinham aqui, vinham com devoção, ou, se não tinham, cá a apanhavam. Ai que rico tempo aquele! Até me vêm as lágrimas aos olhos! Um dia, era um homem todo molhadinho que tinha vindo de muito longe. Abeirei-me dele e perguntei-lhe se não se sentia mal. Além da chuva, fazia também muito frio, e o homenzinho tinha passado toda a noite ao ar livre. ‘-Não, minha senhora! – respondeu ele – Não tenho nada que me incomode. Eu nunca tive uma noite tão feliz como esta: venho com onze léguas de viagem e não me sinto nada maçado; sinto-me muito feliz neste lugar.’”

Quase desde o início, os fiéis deixavam naquele lugar sagrado ofertas em dinheiro e em hortaliças em sinal do seu agradecimento e devoção. No dia 13 de Agosto, por ocasião da ausência dos Pastorinhos, era tal a aglomeração de pessoas em redor da pequena azinheira que todas as ofertas estavam a ser pisadas, e por isso a Maria da Capelinha decidiu salvar o que pudesse, especialmente o dinheiro, até que se chegasse a uma decisão sobre o seu uso. Tentou oferecer o dinheiro primeiro a um dos filhos mais velhos da família Marto, mas ele recusou-o terminantemente. No dia seguinte, pensou em dá-lo ao Ti Marto. Quando chegou à casa dos Martos, “estava lá a Sr.^a Maria Rosa e o Sr. Prior: ainda o estou a ver, assim encostado à parede.” – lembra ela – “Até fui mal educada, porque fui dar o dinheiro ao Ti Marto, em vez de o entregar ao Sr. Prior. Mas o pai da Jacinta não o quis aceitar de maneira nenhuma: ‘- Não me atente, mulher, que atentado já eu estou!’” A Sr.^a Olimpia também não quis ter nada a ver com o assunto. Só então é que a Maria da Capelinha se dirigiu ao Pároco que friamente também recusou.

“-Pois também não é meu – insistiu ela – Vou lá pô-lo donde o tirei.’

O Sr. Prior acalmou-a:

‘-Não faça isso, mulher!’ ‘Guarde-o ou entregue-o a alguém que o guarde até vermos em que fica tudo isto!’

Portanto, a Maria da Capelinha continuou todos os dias a recolher o dinheiro num saquito e a vender as hortaliças, aumentando assim o tesouro. E enquanto os fundos cresciam, o povo cada vez mais falava em se erguer uma capela na Cova da Iria. Mas o tempo ia passando e nada se fazia a respeito do edifício. Naturalmente, as autoridades civis eram totalmente contra a ideia de uma capela e as eclesiásticas eram prudentemente indiferentes. Entretanto começaram a circular boatos de que a Maria da Capelinha estava a juntar esse dinheiro para a sua família.

Então ela foi ao Pároco pedir conselho.

“-O Senhor Prior levou-me ao seu escritório e leu-me uma carta do Sr. Cardeal Patriarca [D. Manuel Gonçalves Cerejeira], onde se dizia que o dinheiro fosse bem guardado em casa de confiança, mas não na casa dos pais dos videntes, até ele dar outra ordem.” A razão de isto assim ser era evitar que eles fossem acusados de se aproveitarem das Aparições para fins económicos. O Pároco pediu-lhe para ela continuar a guardar os fundos. Mas os boatos continuaram e chegaram ao clímax quando o Manuel Carreira, marido da Maria da Capelinha, foi chamado a comparecer perante o Magistrado. O pobre homem já imaginava todo o tipo de coisas, com o espírito cheio de ansiedade; mas nada de mal resultou daquele interrogatório; só incentivou ainda mais os que estavam desejosos de construir a capela. O pai da Lúcia, sem demora, doou a terra, e num mês uma capela pequenina se levantou.

Uma vez terminada a construção da capela, logo a seguir alguém se ofereceu para mandar fazer uma imagem que a completasse. A proposta foi recebida com grande entusiasmo, e imediatamente foi planeada uma procissão para a instalação da imagem na capela. Não obstante, demorou pouco para que as hostis autoridades governamentais o descobrissem, e fizessem os seus planos para a interromperem. Quando chegou o dia da procissão, houve uma comoção geral em redor da Paróquia de Fátima para onde a imagem ia ser levada. Uma inesperada tempestade dispersou os guardas do governo, tornando possível que a imagem fosse levada para dentro da Igreja, onde foi abençoada e venerada, e depois escondida com medo de que a roubassem. Não houve uma procissão. O nicho da capela da Cova da Iria, entretanto, foi tapado com um véu, para parecer que a imagem já lá estava. Quando tudo se acalmou, algum tempo depois, a imagem foi levada discretamente para a capela e colocada no seu nicho.

Os boatos começaram outra vez, dizendo que iriam roubar ou queimar aquilo tudo. Por isso é que a Maria da Capelinha e o marido pensaram que seria melhor guardarem a imagem em casa deles todas as noites. Na verdade, tinham muita razão para terem medo.

Dois anos mais tarde, a 6 de Março de 1922, duas bombas eram colocadas na Cova da Iria: uma na Capelinha, a outra na azinheira. O telhado da Capela ficou com um grande buraco, mas a bomba que puseram na azinheira não chegou a explodir. Segundo conta a Maria da Capelinha, o Bispo proibiu então a reconstrução da Capela. E por isso o povo passava horas e horas ao pé da casa dos Carreiras, onde a imagem era agora guardada.

“Havia sempre alguém lá fora” – diz a Sr.^a Maria da Capelinha – “e Nossa Senhora continuava a atender os pedidos que Lhe faziam. Isso deu coragem ao povo, que queria que, para o dia 13 de Maio, a imagem já estivesse na Cova da Iria.”

Como não havia um andor onde pudessem levar a imagem em procissão, todas as pessoas se foram oferecendo individualmente para a levar, fosse para cumprir uma promessa a Nossa Senhora ou assim. Quando chegou o dia 13 de Maio, lá se fez a procissão, com o povo a levar à vez a imagem, enquanto a multidão cantava e rezava.

Entretanto, a destruição da Capela tinha levantado o povo em protesto ao governo, e eles determinaram fazer uma grande peregrinação no dia 13 de Maio do ano seguinte (1923) para fazerem reparação a Nossa Senhora por este terrível insulto. Alguns funcionários ainda tentaram impedir tal demonstração de fé; mas quando o dia chegou, juntaram-se mais de 60 mil pessoas a caminhar até Fátima para prestarem homenagem à sua Rainha.

Muitos anos já se passaram desde as Aparições; e os terrenos baldios para onde a Lúcia, o Francisco e a Jacinta costumavam levar as ovelhas a pastar estão agora preenchidos por grandes e belos edifícios. Ainda lá se vê a Capelinha, mas o recinto é dominado por um grande Santuário em honra de Nossa Senhora de Fátima, flanqueado por um hospital, um convento e uma casa de retiros, todos eles testemunhando o poder e a misericórdia da Nossa Mãe de Misericórdia – a Bem-Aventurada Sempre Virgem Maria.

Capítulo XIV

A Missão da Lúcia

Depois de o Francisco e a Jacinta terem ido para o Céu, a Lúcia sentia-se muito sozinha neste mundo. Mas recordava a consoladora promessa que Nossa Senhora lhe fizera: que nunca a deixaria só, e que seria a sua consolação constante. No entanto, o seu coração recordava a agradável companhia dos seus queridos primitos. Tudo provocava nela saudades: as colinas, as árvores, as ovelhas, e especialmente a Cova da Iria. Além disso, os peregrinos afluíam a Fátima aos milhares, para visitarem o local das Aparições, e todos queriam falar com a Lúcia. A toda a hora iam a casa dela. Incomodavam-na, porque queriam saber todos os pormenores das Aparições: como era o aspecto de Nossa Senhora, o que vestia, o que dizia, etc. Quando a Jacinta e o Francisco estavam com ela, era-lhes mais fácil fazerem frente, juntos, a todas estas pessoas; mas sozinha... – oh! Se ao menos fosse possível ir-se embora dali e estar sozinha com Nosso Senhor e Nossa Senhora! Mas aquilo que mais afectava a Lúcia, talvez mais do que tudo o resto, era a corrente contínua de visitantes que perturbava e transtornava a paz do seu lar.

Entretanto, em Janeiro de 1918, apenas três meses depois da última Aparição, a Santa Sé, após um lapso de 60 anos, restabeleceu a Diocese de Leiria (Portugal), a que pertencia a aldeia de Fátima. O Reverendo José Alves Correia da Silva foi nomeado Bispo e tomou posse da sua Sé Episcopal a 5 de Agosto de 1920. O novo Bispo considerou como seu dever mais importante obter os factos completos respeitantes às Aparições de Nossa Senhora em Fátima. A sua acção foi demorada e prudente, recusando tomar qualquer decisão ou medida sem uma extensa e piedosa reflexão. Investigou todas as fontes de informação e teve a sua primeira entrevista com a Lúcia a 13 de Junho de 1921.

Tendo sabido das frequentes intrusões dos muitos visitantes que afectavam tanto a Lúcia como toda a sua família, o Senhor Bispo então convidou a Lúcia e a mãe a irem fazer-lhe uma visita e falar-lhe. Foi nessa altura que ele lhes contou, à mãe e à filha, o seu plano de enviar a Lúcia para uma escola religiosa onde não a reconhecessem e onde ninguém a incomodaria. Além dessa vantagem, o Bispo considerava ainda: Se, na ausência de Lúcia, continuassem as muitas curas e conversões que já se tinham operado na Cova da Iria, isso seria um sinal quase certo da aprovação divina. Senão, a devoção morreria por si própria.

“-Não debes dizer a ninguém quando vais nem para onde vais.” – disse o Bispo à Lúcia, informando-a de que deveria partir dentro de cinco dias.

“-Sim, Senhor Bispo!” – respondeu a Lúcia respeitosamente.

“-Não debes revelar a ninguém da tua escola quem tu és.”

“-Sim, Senhor Bispo!”

“-E não debes dizer nem uma palavra sobre Fátima.”

“-Sim, Senhor Bispo!” – A Lúcia iria fazer tudo o que ele lhe mandara. E, quando voltou para casa com a mãe, os poucos dias que tinham passaram muito rapidamente. Muito ela desejava despedir-se dos Martos e da Sr.^a Maria da Capelinha; mas prometera não dizer a ninguém que estava para partir... No entanto, foi-lhe possível passar o tempo de visita aos lugares santos onde, com os seus primitos, tinha experimentado muitos dias felicíssimos. No último dia em casa, 17 de Junho, a Lúcia foi primeiro à Loca do Cabeço – aquele lugar rochoso onde o Anjo tinha aparecido. Ali se prostrou por terra, repetindo uma vez e outra a singela oração do Anjo: “Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam!”

A seguir foi aos Valinhos, onde Nossa Senhora aparecera depois de os Pastorinhos



Na noite de 12 de Maio de 1967, véspera da chegada do Santo Padre Paulo VI, o grande recinto da Basílica de Fátima estava cheio de peregrinos.

terem sido presos. Ajoelhou-se diante da pequena carrasqueira onde Nossa Senhora tinha pousado, apesar de a árvore ter sido há muito despojada de todos os seus ramos, levados por piedosos peregrinos. Passou ali muito tempo e depois levantou-se, passou ao lado do terreno pantanoso e do pequeno charco onde os três costumavam levar as ovelhas a pastar, e dirigiu os seus passos para a Cova da Iria. Não estava lá ninguém. Como estava feliz por estar ali sozinha a recordar o encanto das celestes Aparições! E ela ouvia de novo, no seu coração, aquelas lindas palavras de consolação ditas pela Virgem Santíssima: “-Não desanimes. Eu nunca te deixarei. Levar-te-ei para o Céu... Mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-Se de ti para Me fazer conhecer e amar. O Meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.”

A Lúcia ficou tanto tempo na Cova da Iria que perdeu a conta das horas; e o sol começou a pôr-se atrás das colinas distantes. Logo ela se apressou a ir à Capelinha para fazer uma última visita, e depois à igreja paroquial onde se tinha baptizado e tantas vezes assistira à Santa Missa, recebendo Nosso Senhor na Sagrada Eucaristia. Ajoelhou-se à mesa da Comunhão, a agradecer a Deus pelos maravilhosos privilégios da Fé, e depois foi percorrendo toda a Igreja, detendo-se um momento diante de cada imagem dos muitos santos, a despedir-se deles e a pedir a sua protecção para a viagem. Saindo da Igreja, foi visitar a sepultura do seu querido pai, que falecera há pouco, e depois a do Francisco. A Lúcia gostava muito do seu primito Francisco! Era um rapazinho tranquilo, forte, viril, sincero e honesto – tal como deveria ter sido São José quando era menino. Recordou as palavras que lhe ouvira pouco antes de morrer: “Já me falta pouco para ir para o Céu. A Jacinta vai a pedir muito por os pecadores, por o Santo Padre e por ti; e tu ficas cá, porque Nossa Senhora o quer. Olha: faz tudo o que Ela te disser!” A Lúcia prometeu-lhe que sim.

A menina voltou para casa e jantou, e a mãe mandou-a deitar cedo. Mas a Lúcia estava fatigada demais para dormir. Embora desejasse muito ir-se embora para rezar e estar somente com Jesus e Maria, não lhe era fácil deixar a sua querida mãe. Mas ofereceu esse sacrifício para salvar as almas do Inferno. Às 2:00h da manhã a mãe acordou-a e ajudou-a a preparar-se; e começaram juntas a sua longa viagem. O luar e as lindas estrelas alumiam-lhes o caminho; e, quando se aproximaram da Cova da Iria, disse a Lúcia: “-Mãe, vamos parar um bocadinho e rezar o nosso Terço.”

“-Está bem, Lúcia.” – respondeu a Sr.^a Maria Rosa – E foram juntas rezar as suas contas. Uma vez terminadas, retomaram a viagem para a vila de Leiria onde a Lúcia ia apanhar o comboio para o Porto. A mãe deixá-la-ia na estação, porque o Sr. Bispo tinha designado outra mulher para a acompanhar no comboio e a levar ao Asilo de Vilar. A despedida de mãe e filha na estação era triste de se ver, porque se derramaram lágrimas em abundância, sinal do seu amor mútuo e profundíssimo e da dor amarga da separação.



A primeira página do jornal anticlerical O Século, um dos principais jornais de Portugal, noticia com grande pormenor o Milagre do Sol.

e bondosa e do que todas deveriam fazer para Lhe agradecer. Inspirava em todas elas um Amor fervoroso para com Maria Santíssima. E quando o seu plano de estudos terminou, pediu autorização para ingressar na Ordem das boas Irmãs que a tinham recebido – as Irmãs de Santa Doroteia – que se sentiram felizes por acolher no seu convento esta menina tão doce e tão santa.

No convento, Nossa Senhora não deixou a Lúcia sozinha. Veio visitá-la várias vezes. Já na Cova da Iria Nossa Senhora lhe tinha comunicado a dor amarga do seu Coração por causa da ingratidão e dos pecados da humanidade. Pediu que todos os fiéis honrassem especialmente o Primeiro Sábado de cada mês, como um dia de reparação ao Seu Imaculado Coração. Nossa Senhora apareceu a Lúcia a 10 de Dezembro de 1925, na sua cela do convento. O Menino Jesus estava ao lado de Nossa Senhora, por sobre uma nuvem luminosa. A Santíssima Virgem, pondo-lhe no ombro a mão e mostrou-lhe, ao mesmo tempo, um coração que tinha na outra mão, cercado de espinhos. (Veja-se a pintura sobre esta Aparição no interior da capa) Foi o Menino Jesus que falou primeiro à Lúcia:

“Tem pena do Coração de tua Mãe Santíssima que está coberto de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos Lhe cravam, sem haver quem faça um acto de reparação para os tirar.

Em seguida, a Virgem Santíssima disse à Irmã Lúcia: *“Olha, minha filha, o Meu Coração cercado de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos Me cravam, com blasfémias e ingratidões. Tu, ao menos, vê de Me consolar e diz que, a todos aqueles que durante 5 meses, ao Primeiro Sábado, se confessarem, recebendo a Sagrada Comunhão, rezarem um Terço e Me fizerem 15 minutos de companhia, meditando nos 15 mistérios do Rosário com o fim de Me desagravar, Eu prometo assistir-lhes, à hora da morte, com todas as Graças necessárias para a salvação dessas almas.”*

A Lúcia nunca poderia esquecer esta visão do Coração Imaculado de Maria a sangrar. Contou esta Aparição tanto ao seu Confessor como à Madre Superiora, mas eles sentiram-se incapazes de difundir a devoção. Passaram dois meses; e a 15 de Fevereiro de 1926, o Menino Jesus apareceu outra vez à Lúcia, para perguntar se ela tinha difundido a

Não sabiam quando se voltariam a ver.

Quando a Lúcia chegou à escola conventual, a Madre Superiora – obedecendo às ordens do Bispo – deu-lhe outro nome: Maria das Dores. Passando desde então a ser conhecida por este nome, já ninguém a reconheceria como a Pastorinha de Fátima. A Madre Superiora também a advertiu sobre as injunções do Bispo de nunca revelar quem era e de não falar de Fátima. E a Lúcia ofereceria alegremente este sacrifício a Nossa Senhora.

Na escola, as meninas depressa começaram a dar-se bem com a Lúcia. Sentiam-se atraídas por ela como as muitas meninas de Fátima que costumavam reunir-se em sua casa ao redor dela. E embora nunca falasse de Fátima, falava-lhes frequentemente de Nossa Senhora, de como Ela era bonita

devoção reparadora ao Imaculado Coração de Sua Mãe. A Lúcia disse-Lhe que o seu confessor tinha levantado várias dificuldades e a Madre Superiora, embora desejasse ardentemente propagar a devoção, o seu confessor também a advertiu de que nada poderia, por si só.

“É verdade que a Madre Superiora só, nada pode; mas, com a Minha Graça, pode tudo...” – respondeu Nosso Senhor.

Da sua parte, a Lúcia fez tudo o que podia para dar a conhecer esta devoção; e, ao escrever à mãe, instou-a a tornar-se um apóstolo na cruzada de reparação:

“Minha querida Mãe:” – assim começava a carta – “Como sei que, ao receber uma carta minha, recebe, ao mesmo tempo, uma consolação, resolvi escrever esta, para a animar a oferecer a Deus o sacrifício da minha ausência. Em verdade, compreendo o quanto sente esta separação, mas creia que, se nós nos não separássemos voluntariamente, encarregar-Se-ia Ele de o fazer. Senão, veja: o tio Manuel, que dizia não deixar sair de casa os filhos, e como Deus lhos levou!

“Por isso, eu queria que a mãe com generosidade oferecesse à Virgem Santíssima esse acto de reparação pelas ofensas que Ela recebe dos Seus filhos ingratos. Queria também que a mãe me desse a consolação de abraçar uma devoção que sei é do agrado de Deus, e que foi a nossa querida Mãe do Céu Quem a pediu.

“Logo que tive conhecimento dela, desejei abraçá-la, e fazer com que todos os demais a abraçassem. Espero, portanto, que a mãe me responderá a dizer que a faz, e que vai procurar fazer com que todas essas pessoas que aí vão a abracem também. Não poderá nunca dar-me consolação maior do que esta. Consta só em fazer o que vai escrito neste santinho. A confissão pode ser noutra dia, e os 15 minutos é o que me parece lhe vai fazer mais confusão. Mas é muito fácil. Quem não pode pensar nos mistérios do Rosário? Na anunciação do Anjo e na humildade da nossa querida Mãe, que, ao ver-Se tão exaltada, Se chama escrava do Senhor? Na paixão de Jesus, que tanto sofreu por nosso Amor? E a nossa Mãe Santíssima junto de Jesus, no Calvário? Quem não pode assim, nestes santos pensamentos, passar 15 minutos, junto da Mãe mais terna das mães?!

“Adeus, minha querida mãe. Console assim a nossa Mãe do Céu, e procure que muitos outros A consolem também; e assim dar-me-á, também a mim, uma inexplicável alegria. Sou sua filha muito dedicada, que lhe beija a mão.

Maria Lúcia de Jesus

Quando a Lúcia falou desta devoção a um certo Padre, ele respondeu que Nossa Senhora tinha empregado mais ou menos as mesmas palavras que Nosso Senhor usara quando fez as Suas promessas a Santa Margarida Maria Alacoque acerca das Nove Primeiras Sextas-Feiras. A Lúcia apenas sorriu, dizendo: “-Poderei eu dizer à Virgem Santíssima como se há-de Ela exprimir?”



A Lúcia, pouco tempo antes da sua saída de Fátima para o Asilo de Vilar (Porto) --- em 17 de Junho de 1921 --- para frequentar a escola conventual, nunca mais voltaria a viver em Fátima. A primeira vez que regressou a Fátima só para passar uns dias foi em Maio de 1946.

Não fora ainda concedida à Irmã Lúcia autorização de revelar tudo o que Nossa Senhora lhe dissera na Cova da Iria. No entanto, teve autorização para revelar a necessidade de reparação e a devoção dos Primeiros Sábados. Foi em 1927, quando estava a rezar na capela do convento das Doroteias de Tui (Espanha), onde se encontrava, que recebeu a autorização do Céu para revelar as duas primeiras partes do Segredo: a Visão do Inferno e a urgente necessidade de devoção ao Imaculado Coração de Maria. “Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores. Para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração...virei pedir a Consagração da Rússia a Meu Imaculado Coração.”¹

A Lúcia relatou aos seus confessores, à sua Madre Provincial, ao Bispo de Leiria, e ao Reverendo José Galamba (A terceira parte do Segredo revelado aos Três Pastorinhos na Cova da Iria em 13 de Julho de 1917, foi posta por escrito pela Irmã Lúcia em 9 de Janeiro de 1944.)²

Dois anos mais tarde, em 1929, Nossa Senhora apareceu outra vez a Lúcia enquanto rezava na capela em Tui. Foi o momento escolhido por Nossa Senhora para pedir o cumprimento do seu pedido anterior: “-Virei pedir a Consagração da Rússia a Meu Imaculado Coração... Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz.” Nossa Senhora explicou que esta Consagração tem de ser feita pelo Santo Padre em união com todos os Bispos do mundo.

A Lúcia deu a conhecer este pedido aos seus confessores. Um deles, o P. Francisco Rodrigues, S.J. disse-lhe que o pusesse por escrito. Ela mostrou essa carta ao Bispo e deu-lhe todos os pormenores. O Padre Rodrigues também a levou à atenção do Santo Padre. Passaram dois anos e nada se realizou.

No Verão de 1931, a Irmã Lúcia foi mandada pela sua Superiora religiosa para Rianjo, uma aldeia marítima de Espanha. Enquanto ali estava, foi à Capela de Nossa Senhora de Guadalupe e rezou pela conversão da Rússia, de Espanha e de Portugal. E a Irmã Lúcia descreveu numa carta ao seu Bispo o que a seguir aconteceu. Em finais de Agosto de 1931, escrevia ela:

“Senhor Bispo: O meu confessor manda-me que participe a V.^a Ex.cia Reverendíssima o que há pouco se passou entre mim e o Nosso Bom Deus: estando eu ali a pedir a Deus a conversão da Rússia, de Espanha e de Portugal, pareceu-me que a Sua Divina Majestade me disse: “Consolas-Me muito pedindo-Me a conversão dessas pobres nações. Pede também a minha Mãe, dizendo muitas vezes: *“Doce Coração de Maria, sede a salvação da Rússia, de Espanha, de Portugal, da Europa e do mundo inteiro.”* E outras vezes: *“Pela Vossa Pura e Imaculada Conceição, ó Maria, alcançai-me a conversão da Rússia, de Espanha, de Portugal, da Europa e do mundo inteiro’.*”

“Participa aos Meus ministros que, dado seguirem o exemplo do Rei de França ³ na demora em executar o Meu pedido, tal como a ele aconteceu, assim o seguirão na aflição. Nunca será tarde demais para recorrer a

1 Desde a primeira edição deste livro em 1947, tem sido feita importante pesquisa por diversos eruditos de Fátima, especialmente pelo Padre Joaquín María Alonso, o investigador mais importante de Fátima que tinha acesso directo à Irmã Lúcia para resolver quaisquer pretensas contradições. A bem de uma maior clareza e precisão, foram aqui inseridos alguns pormenores que no livro do Padre de Marchi foram editados a partir do fim do parágrafo seguinte deste capítulo.

2 De acordo com instruções dadas por Nossa Senhora numa visão do dia 2 de Janeiro de 1944, a Lúcia pô-lo por escrito. Pôs o papel num envelope que lacrou e que, por ordem do Bispo de Leiria, foi colocado nos seus arquivos diocesanos. Permaneceu ali até inícios de 1957, quando foi endereçado ao Vaticano.

3 Os Reis de França não obedeceram durante 100 anos ao mandato de Jesus, em 1689, para consagrarem esse País ao Seu Sagrado Coração; e, em resultado disso, quer o Rei de França e a sua família quer os seus ministros foram assassinados pelos Revolucionários franceses, tendo sido implantado o Reinado do Terror entre 1789 e 1794.

Jesus e a Maria.””⁴

Passaram-se anos. O Papa rezava pedindo a paz. Depois, em Março de 1938, a Alemanha invadiu a Áustria e preparava-se para a 2ª Grande Guerra, que rebentou em Setembro de 1939, seis meses depois do falecimento de Pio XI.

O Padre Jongen perguntou à Lúcia se Nossa Senhora tinha mencionado o nome do Papa:

“-Nossa Senhora pronunciou, de facto, o nome de Pio XI?”

“-Sim. Não sabíamos, então, se era o nome de um Papa ou de um rei, mas Nossa Senhora falou em Pio XI.”

“-A Guerra, porém, não começou no tempo de Pio XI!”

“-A anexação da Áustria foi o pretexto para ela. Quando se concluiu o Acordo de Munique, as Irmãs rejubilavam, porque a paz estava salva. Eu sabia mais do que elas, infelizmente!”

Foi “o grande sinal que Deus vos dá de que vai punir o mundo de seus crimes...” – a Lúcia explicou assim as luzes extraordinárias que apareceram nos céus do Mundo em 1938.

“Deus manifestou esse sinal... – continuou ela – Deus serviu-se disso para me fazer compreender que a Sua Justiça estava prestes a desferir o golpe sobre as nações culpadas...”

Mas o padre replicou: “-Os astrónomos dizem que foi uma vulgar aurora boreal. Porque escreveu num dos seus relatos: ‘Não sei; mas, se examinarem bem, verão que não foi... da forma que se apresentou, tal aurora. Mas seja o que quiserem’. Porque diz isto?”

“-Julgo que é assim.”⁵

Entretanto a 2ª Grande Guerra arrasava toda a Europa, ameaçando submergir o Mundo inteiro.

Em 1940, a Lúcia escreveu outra vez ao Bispo de Leiria expressando o seu pesar porque a Consagração ainda não fora realizada. “Se o mundo conhecesse o momento da Graça que lhe é concedido, e fizesse penitência.” Depois disso, escreveu o que o seu director espiritual lhe tinha indicado – a consagração do Mundo ao Imaculado Coração de Maria, com uma menção especial da Rússia.

O Papa deliberou longa e piedosamente sobre este pedido. Em 1942, tanto o clero



Em Fátima, muitos peregrinos percorrem de joelhos o caminho penitencial. Fazem-no imitando a penitência que a Lúcia e todas as suas irmãs fizeram oferecendo-a a Nossa Senhora de Fátima, em acção de Graças pela cura da mãe.

4 Traduzido do Rev.º Dr. Joaquín María Alonso C.M.F. *Fátima ante la Esfinge*, Torrejón de Ardoz, Gráf. Dehon-Conmar, 23-25, 1979, p. 97.

5 Sebastião Martins dos Reis, *A Vidente de Fátima dialoga e responde pelas Aparições*, Braga, Tipografia Editorial Franciscana, 1970, pp.71-72. Os cientistas chamaram-lhe aurora boreal, porque não tinham outras palavras para o descrever, e por isso é que a Lúcia disse que teriam de o investigar mais. Astrónomos e cépticos não lhe deram importância, por ser uma mera aurora boreal, embora o seu carácter fosse notavelmente sem precedentes. Como se explica no livro *The Secrets of Fatima*, “Esta aurora apareceu tanto no sul como na Galiza (Espanha), onde a Irmã Lúcia estava então em clausura, e ela, a única sobrevivente dos Três Pastorinhos de Fátima, reconheceu imediatamente aquele fenómeno como o sinal. Visível até a Pio XI, em Roma, esta aurora boreal sem precedentes foi acompanhada por um som ‘crepitante’, possivelmente atribuível a descargas de energia atmosférica. Com efeito, em muitas partes da Europa se instaurou o pânico, porque o povo concluiu que o mundo estivesse em chamas e que tinha chegado o Fim do Mundo.”



Em 13 de Maio de 1982, 1991, e 2000, o Papa João Paulo II reuniu-se em Fátima com a Irmã Lúcia.

consagração na Basílica de São Pedro, em Roma. Foi um acontecimento decisivo na História do Mundo, e ocasionou uma cessação mais rápida da 2ª Grande Guerra. No entanto, não era a Consagração que Nossa Senhora pedira, e por isso não resultou na conversão da Rússia nem na Paz duradoura que Ela nos prometeu.

Na primavera de 1943, Nosso Senhor dignou-Se aparecer a Lúcia, para expressar a alegria do Seu Sacratíssimo Coração pela consagração. A Irmã Lúcia conta-o na sua carta ao Bispo de Gurza, seu director espiritual. Nisto, começámos a dar-nos conta de que esta consagração ocasionou uma mudança no transcurso da História. A II Grande Guerra, que ameaçava continuar interminavelmente a sua destruição massiva e desumana, acabaria dentro de pouco tempo.

“Excelência,” – escreveu a Lúcia – “Deus queira que todos oiçam a voz do Bom Deus. Deseja Ele que os de Espanha se reúnam em retiro e determinem uma reforma no povo, clero e ordens religiosas; porque alguns conventos e muitos membros de outros!... – Entende?... – Deseja que se faça compreender às almas que a verdadeira penitência que Ele agora quer e exige consiste, antes de tudo, no sacrifício que cada um tem de se impor para cumprir com os próprios deveres religiosos e materiais. Promete o fim da guerra para breve em atenção ao acto que se dignou fazer Sua Santidade. Mas como ele foi incompleto, fica a conversão da Rússia para mais adiante. Se os Srs. Bispos de Espanha não atenderem

A 26 de Janeiro de 1938, o jornal ‘The New York Times’ publicou o seguinte: “Londres, 25 de Janeiro de 1938. A Aurora Boreal raramente vista na Europa meridional ou ocidental difundiu medo em partes de Portugal e no sul da Áustria durante a noite, e fez com que milhares de britânicos acorressem às ruas em admiração. O brilho rubicundo levou muita gente a pensar que metade da cidade estava em chamas. O corpo de bombeiros de Windsor foi chamado a responder, porque se pensou que o Castelo de Windsor estava a arder. As luzes foram claramente visíveis na Itália, na Espanha e até em Gibraltar. O brilho que banhava os cumes das montanhas cobertas de neve na Áustria e na Suíça era uma bela visão, mas os bombeiros multiplicavam-se a acorrer a fogos inexistentes. Aldeãos portugueses precipitaram-se das suas casas para a rua, temendo o fim do Mundo.” Finalmente: aconteceu precisamente essa mesma noite algo na Rússia que foi diretamente responsável pelo início da 2ª Grande Guerra, o que está pormenorizado aqui: <http://www.fatima.org/port/essentials/whatucando/prophecies.asp>

6 DISCORSI E RADIOMESSAGGI DI SUA SANTITÀ PIO XII, vol. IV, Quarto Anno di Pontificato, 2 de Março 1942 – 1º Março 1943, Tipografia Poliglotta Vaticana, p. 261. Cf. P. António Maria Martins, *Fátima e o Coração de Maria*. Braga, Editorial Franciscana, 1985, p. 10

como o povo de Portugal celebraram as bodas de prata [25 anos] das Aparições de Nossa Senhora em Fátima. No último dia de Outubro do mesmo ano, os Bispos reuniram-se na Sé de Lisboa para se unirem ao Santo Padre.

Nesse dia, o Papa consagrou a Igreja e o Mundo ao Imaculado Coração de Maria, fazendo obliquamente referência ao povo da Rússia (mas não ao país pelo seu nome) com estas palavras: “Estendei a vossa protecção... aos povos separados pelo erro ou pela discórdia, nomeadamente àqueles que Vos professam singular devoção, onde não havia casa que não ostentasse a vossa veneranda ícone (hoje talvez escondida e reservada para melhores dias), dai-lhes a paz e reconduzí-os ao único redil de Cristo, sob o único e verdadeiro Pastor.”⁶

Seis semanas depois, na Festa da Imaculada Conceição e em presença de 40.000 peregrinos, o Santo Padre repetiu a

aos Seus desejos, ela (a Rússia) será ainda e uma vez mais o açoite com que Deus os pune...”⁷

Nosso Senhor disse também à Irmã Lúcia que “enquanto que a presente aflição (isto é, a 2ª Grande Guerra) seria abreviada” pela consagração do Mundo, a Paz no Mundo não seria concedida sem a explícita Consagração da Rússia feita pelo Papa e os Bispos. A Lúcia reiteraria esta parte vital da Mensagem de Fátima durante as quatro décadas seguintes (Ver Apêndice II).



Em baixo à direita vê-se a Capelinha, que foi construída no exacto local das Aparições.

O Padre Jongen, um sacerdote holandês, visitou a Irmã Lúcia em Tuy em 1942, e entrevistou-a em três ocasiões diferentes. Falando da carta que ela escreveu ao Papa Pio XII, a Lúcia assinalou: “Na carta que por ordem dos meus directores espirituais escrevi ao Santo Padre, em 1940, expus o pedido exacto de Nossa Senhora, e pedi a consagração do mundo, com menção especial da Rússia. O pedido exacto de Nossa Senhora era que o Santo Padre fizesse a consagração da Rússia ao seu Imaculado Coração, ordenando que, ao mesmo tempo, e em união com Sua Santidade, a fizessem todos os Bispos do mundo católico.”⁸

A 15 de Julho de 1946, o eminente autor e historiador William Thomas Walsh entrevistou a Irmã Lúcia. Na sua obra extensivamente disseminada, *Our Lady of Fatima*, escreveu: “A Irmã Lúcia explicou claramente que Nossa Senhora não pediu a consagração do *mundo* ao Seu Imaculado Coração. O que Ela pediu especificamente foi a consagração da *Rússia*...”

“Mas ela (a Irmã Lúcia) disse mais que uma vez, e com ênfase deliberada: ‘O que Nossa Senhora quer é que o Papa e todos os Bispos do mundo consagrem a Rússia ao Seu Imaculado Coração num dia especial. Se isto se fizer, Ela converterá a Rússia e haverá paz. Se não se fizer, os erros da Rússia espalhar-se-ão por todos os países do mundo.’”⁹

Três anos depois, o Padre Thomas McGlynn, um frade dominicano de Nova Iorque, falou com a Irmã Lúcia. Ao citar-lhe o texto das duas primeiras partes do Segredo de Fátima, quando lia que Nossa Senhora dissera: – “virei pedir a consagração do mundo...” – a Lúcia interrompeu-o. No seu livro *Vision of Fatima*, ele relata que a Irmã Lúcia foi enfática ao corrigir ‘consagração do mundo’ para ‘consagração da Rússia’. “Não!” – disse a Irmã Lúcia – “O mundo, não! A Rússia, a Rússia!” Nossa Senhora pediu que o

7 Carta da Irmã Lúcia ao Bispo de Gurza, em 4 de Maio de 1943, António Maria Martins, S.J., *Documentos de Fátima*, Porto, Simão Guimarães, Filhos, Lda., 1976, págs. 446-447

8 Sebastião Martins dos Reis, *A Vidente de Fátima dialoga e responde pelas Aparições*, Braga, Tipografia Editorial Franciscana, 1970, p.76

9 Ver estas e outras citações importantes da Irmã Lúcia na pagela “O que Nossa Senhora quer é a Consagração da RÚSSIA” que se encontra em <http://www.fatima.org/port/consecrussia/lf173p.pdf>

Santo Padre consagrasse a Rússia ao Seu Imaculado Coração e que mandasse a todos os Bispos que o fizessem ao mesmo tempo em união com ele.

Este facto foi confirmado outra vez numa revelação de Nossa Senhora à Irmã Lúcia que se relata em *Il Pellegrinaggio delle meraviglie*. Nossa Senhora apareceu à Irmã Lúcia em Maio de 1952 e disse-lhe:

“Faz saber ao Santo Padre que continuo à espera da Consagração da Rússia ao Meu Imaculado Coração. Sem a Consagração, a Rússia não poderá converter-se, nem o mundo terá paz.”¹⁰

Esta consagração é um elemento de importância crucial na Mensagem de Fátima, tal como o apelo à penitência. Acerca deste tema, escreveu a Irmã Lúcia: “O bom Deus vai-Se deixando aplacar, mas queixa-Se amarga e dolorosamente do pequeníssimo número de almas em Graça dispostas a renunciar a si mesmas, naquilo que delas exige a observância da Sua lei.”

A Irmã Lúcia também escreveu sobre este assunto ao Bispo de Gurza durante a Quaresma de 1943:

“Esta é a penitência que o bom Deus agora pede: O sacrifício que cada pessoa tem de se impor a si mesma para levar uma vida de justiça na observância da Sua lei. E deseja (que) se faça conhecer com clareza este caminho às almas; que muitas, julgando o sentido da palavra ‘penitência’ nas grandes austeridades, não sentindo forças nem generosidade para elas, desanimam e descansam numa vida de tibieza e pecado.

“De quinta para sexta-feira, estando na capela, com licença de meus superiores, às 12 da noite me dizia Nosso Senhor: *‘O sacrifício que de cada um exige o cumprimento do próprio dever e a observância da Minha lei, é a penitência que agora peço e exijo.’*”¹¹

Nosso Senhor disse que o acto do Santo Padre era incompleto. Não pode completar-se até que mais indivíduos, casas, Dioceses e países se consagrassem ao Imaculado Coração de Maria. Tal como o Bispo de Leiria escrevera, “Ao pedido dos Bispos de Portugal e da própria Irmã Lúcia, o Santo Padre, no decurso da sua famosa mensagem a Portugal, no encerramento do Jubileu de Fátima em 31 de Outubro de 1942, celebrou a consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria, uma consagração que todos nós deveríamos repetir tanto oficial como pessoalmente.”

A consagração pessoal tem quatro elementos essenciais: a Graça, a penitência, o Terço e a reparação. “Nosso Senhor queixa-Se amarga e dolorosamente do número limitadíssimo de almas em Graça dispostas a renunciar-se a si mesmas naquilo que delas exige a observância da Sua lei.”

Nossa Senhora veio para trazer a paz ao mundo e o fundamento da paz é a conservação da Graça. As guerras são apenas castigos pelos pecados do mundo. Só a Graça torna a humanidade agradável a Deus. É só quando a Graça ilumina a alma de alguém que há paz entre Deus e essa pessoa. E é quando a paz reinar entre Deus e uma quantidade suficiente de pessoas, que Maria Santíssima recompensará o mundo com o dom da paz.

Para perseverar nesta paz e na Graça de Deus, nem todos os homens precisam de se sacrificar tão heroicamente como fizeram os Pastorinhos de Fátima; mas todos os homens deveriam cumprir os seus deveres de vida quotidiana. E porque estes deveres são frequentemente difíceis e gravosos, convertem-se em obras de penitência e sacrifício.

¹⁰ *Il Pellegrinaggio delle Meraviglie*, Roma, Graphica Presbyterium, 1960, Imprimatur: Bononiae, 1 de Maio de 1960, Jacobus Card. Lercaro Archiep. A citação italiana original é assim: **V APPARIZIONE: MAGGIO 1952** La Madonna apparve a Lucia: “Fai sapere al Santo Padre che io aspetto sempre la consacrazione della Russia al Mio Cuore Immacolato. Senza questa consacrazione, la Russia non potrà convertirsi, nè il mondo avere pace”.

¹¹ Carta de 28/2/1943, António Maria Martins, S.J., *Fátima e o Coração de Maria*, Braga, Editorial Franciscana, 1985, p. 105

“O sacrifício que de cada um exige o cumprimento do próprio dever e a observância da Minha lei, é a penitência que agora peço e exijo.” No Evangelho, Nosso Senhor chama-lhe “a cruz diária” da alma fiel. “Se alguém quer vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz cada dia e siga-me.” (Lc. 9:23)

Um elemento essencial da vida de Cristo era um Amor profundo para com Sua Mãe, Maria Santíssima. Por isso o verdadeiro discípulo de Cristo deveria compartilhar com Ele esse Amor para Ela e evidenciá-lo na sua vida de dia a dia pela recitação do Terço. A alma fiel que com sinceridade reza as suas contas é agradável a Deus e atrai a si própria a Graça de Deus. Além disso, o Terço dá à Santíssima Virgem novo poder para esmagar a cabeça da Serpente e destruir o seu poder maligno no Mundo.

As Comunhões reparadoras também são necessárias para se cumprir a consagração pessoal a Nossa Senhora. Não foi por acaso que Nosso Senhor pediu as Comunhões reparadoras dos Primeiros Sábados quase com as mesmas palavras com que comunicou a Santa Margarida Maria Alacoque a devoção das Primeiras Sextas-Feiras. Ele quer que esta devoção ao Imaculado Coração de Maria se dê a conhecer e se difunda através do Mundo e que venha a ser uma prática comum, assim como as Primeiras Sextas-Feiras.



A família da Lúcia depois do falecimento do pai, António, em 1919. A mãe, a Sr.^a Maria Rosa – cuja cara bem revela os efeitos da doença que quase lhe causou a morte –, está sentada; e a seu lado, de pé, a Lúcia. Por trás, da esquerda para a direita, o irmão da Lúcia, Manuel, e todas as irmãs: Maria (tendo ao colo a filhita Glória Lúcia), Carolina e Glória.

Apêndice I

Os Cinco Primeiros Sábados de Reparação

Já passaram mais de 60 anos desde que o Padre de Marchi escreveu este belo livro, mas o pedido da Comunhão Reparadora dos Primeiros Sábados feito por Nossa Senhora de Fátima ainda não é bem conhecido. Aqui vão mais alguns pormenores, e reflexões sobre esse pedido.

A 13 de Julho de 1917, Nossa Senhora prometeu em Fátima: “Virei pedir... a Comunhão Reparadora nos Primeiros Sábados.”

A promessa cumpriu-se em Dezembro de 1925, quando Lúcia era uma Religiosa Doroteia no convento de Pontevedra.

Falando de si própria na terceira pessoa, a Irmã Lúcia narra o que aconteceu:

“A 10 de Dezembro de 1925, apareceu-lhe [à Irmã Lúcia] a Virgem Santíssima e, a Seu lado, suspenso numa nuvem luminosa, o Menino Jesus. A Virgem Santíssima pousou a mão no ombro de Lúcia e, nesse momento, mostrou-lhe um Coração cercado de espinhos que tinha na outra mão. Ao mesmo tempo, disse o Menino:

“-Tem pena do Coração de tua Mãe Santíssima, que está coberto de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos Lhe cravam, sem haver quem faça um acto de reparação para os tirar.”

“Em seguida, disse-lhe a Virgem Santíssima:

“-Olha, Minha filha, o Meu Coração cercado de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos Me cravam, com blasfémias e ingratidões. Tu, ao menos, vê de Me consolar; e diz que, todos aqueles que durante 5 meses (consecutivos), no Primeiro Sábado, se confessarem, recebendo a Sagrada Comunhão, rezarem um Terço e Me fizerem 15 minutos de companhia, meditando nos 15 mistérios do Rosário com o fim de Me desagrar, Eu prometo assistir-lhes, na hora da morte, com todas as graças necessárias para a salvação dessas almas.”

Lúcia contou logo à Madre Superiora e ao seu confessor sobre esta Aparição. Parece que, apesar dos esforços da Lúcia, não se tinha feito muito para convencer os seus superiores da necessidade de se propagar esta devoção.

Nosso Senhor, obviamente, previra a dificuldade; e em certo dia do Outono de 1925, a Lúcia teve um encontro extraordinário com um menino. Ela conta-o do seguinte modo:

“Tinha encontrado um menino a quem tinha perguntado se sabia a Avé-Maria, e, respondendo-me que sim, mandei-lhe que a dissesse, para eu ouvir. Mas como se não resolvia a dizê-la sozinho, disse-a eu com ele, três vezes. Ao fim das três Avé-Marias, pedi-lhe que a dissesse sozinho. Mas como se calou e não foi capaz de dizer a Avé-Maria sozinho, perguntei-lhe se sabia onde era a igreja de Santa Maria. Respondeu-me que sim. Disse-lhe que fosse lá todos os dias, e que dissesse assim: ‘Ó minha Mãe do Céu, dai-me o Vosso Menino Jesus!’ Ensinei-lhe isto, e vim-me embora.”

A Lúcia prossegue, explicando que o menino regressou alguns meses mais tarde:

“No dia 15 de Fevereiro (de 1926), voltando eu lá como é costume (a despejar o caixote do lixo), encontrei de novo um menino que me parecia o mesmo da outra vez, e perguntei-lhe: ‘-Então, tens pedido o Menino Jesus à Mãe do Céu?’ A criança volta-se para mim, e diz: ‘-*E tu? Tens espalhado pelo mundo aquilo que a Mãe do Céu te pediu?*’ E, nisto, transforma-se num Menino resplandecente.

“Conhecendo, então, que era Jesus, disse-Lhe:

“-Meu Jesus! Vós bem sabeis o que o meu confessor me disse na carta que Vos li.

Dizia que era preciso que aquela visão se repetisse, que houvesse factos para ser acreditada; e a Madre Superiora, sozinha, a espalhar este facto, nada podia.’

“-É verdade que a Madre Superiora, só, nada pode; mas, com a Minha graça, pode tudo. E basta que o teu confessor te dê licença, e a tua Superiora o diga, para que seja acreditado, até sem se saber a quem foi revelado.’

“-Mas o meu confessor dizia na carta que esta devoção não fazia falta no mundo, porque já havia muitas almas que Vos recebiam nos primeiros sábados (do mês), em honra de Nossa Senhora e dos quinze Mistérios do Rosário.’

“-É verdade, Minha filha, que muitas almas os começam, mas poucas os acabam; e, as que os terminam, é com o fim de receberem as graças que aí são prometidas. Agrada-Me mais quem fizer os cinco (Primeiros Sábados) com fervor e com o fim de desagrar o Coração da tua Mãe do Céu, do que quem fizer os quinze, túbio e indiferente.’

“-Meu Jesus, muitas almas têm dificuldade em se confessar ao Sábado. Se Vós permitísseis que a confissão de oito dias fosse válida...’

“-Sim. Pode ser; e de muitos dias mais, contanto que estejam em graça no primeiro Sábado, quando Me receberem; e que, nessa confissão anterior, tenham feito a intenção de com ela desagrar o Imaculado Coração de Maria.’

“-Meu Jesus, e as que se esquecerem de formular essa intenção?”

“-Podem-na formular logo na confissão seguinte, aproveitando a primeira ocasião que tiverem para se confessar.’

“Nisto, desapareceu, sem que até hoje eu tenha sabido mais nada dos desejos do Céu.”

Mais tarde, quando a Irmã Lúcia estava no convento de Tuy, o seu confessor, Padre José Bernardo Gonçalves, S.J., tinha-lhe feito por escrito uma série de perguntas sobre o motivo da devoção dos Cinco Primeiros Sábados. Porque hão-de ser cinco sábados e não nove, ou quinze – devoções que já existiam? Depois de fazer a sua hora santa diante do Santíssimo Sacramento na noite duma quinta-feira, a Irmã Lúcia escreveu-lhe a responder:

“Ficando na capela, com Nosso Senhor, parte da noite do dia 29 para 30 deste mês de Maio de 1930 e falando a Nosso Senhor das duas perguntas, a quarta e a quinta, senti-me, de repente, mais intimamente possuída pela Sua Divina Presença. E, se não me engano, foi-me revelado o seguinte:

“-Minha filha, o motivo (para serem Cinco Primeiros Sábados) é simples: são cinco as espécies de ofensas e blasfémias proferidas contra o Imaculado Coração de Maria:

1. As blasfémias contra a Imaculada Conceição;
2. As blasfémias contra a Sua perpétua Virgindade;
3. As blasfémias contra a Maternidade Divina, recusando, ao mesmo tempo, aceitá-La como Mãe dos homens;
4. As blasfémias dos que procuram publicamente infundir, no coração das crianças, a indiferença, o desprezo e até o ódio para com esta Mãe Imaculada;
5. As blasfémias dos que A ultrajam directamente nas Suas sagradas imagens.

“-Eis, Minha filha, o motivo pelo qual o Imaculado Coração de Maria Me levou a pedir esta pequena reparação e, em atenção a ela, a mover a Minha Misericórdia ao perdão para com essas almas que tiveram a desgraça

de A ofender. Quanto a ti, procura sem cessar, com as tuas orações e sacrifícios, mover-Me à Misericórdia para com essas pobres almas.”

O Padre Joaquín Alonso, arquivista oficial das Aparições de Fátima ao longo de 16 anos até ao seu falecimento em 1981, deixou um comentário fascinante sobre as cinco razões para os Cinco Primeiros Sábados, e como se referem diretamente ao tempo presente.

Primeira blasfémia: Contra a Imaculada Conceição. O Padre Alonso pergunta: “-Quem são aqueles que podem cometer esta ofensa contra o Imaculado Coração de Maria?” A resposta não deixa dúvidas: “Em primeiro lugar e em geral, as seitas protestantes, que recusam aceitar o dogma definido pelo Papa Pio IX, e que continuam a sustentar que a Virgem Santíssima foi concebida com a mancha do pecado original e, ainda, de pecados pessoais. O mesmo se poderia dizer dos cristãos orientais (dissidentes), já que, apesar da sua grande devoção Mariana, também recusam este dogma.”

Segunda blasfémia: Contra a Virgindade perpétua de Maria. Embora os Ortodoxos a admitam, a maioria dos Protestantes também recusa a Virgindade perfeita e perpétua de Maria “antes, durante, e depois de dar à luz.”

Terceira blasfémia: Contra a Maternidade Divina, recusando, ao mesmo tempo, aceitá-La como Mãe dos homens. Embora, teoricamente, os Ortodoxos aceitem a Maternidade Divina de Maria definida no Concílio de Éfeso, negam-se a reconhecê-La como Mãe dos homens no sentido católico, o que implica a negação do Seu papel como Co-Redentora e Medianeira de Todas as Graças.

Quarta blasfémia: Dos que procuram publicamente inculcar, no coração das crianças, a indiferença, o desprezo e até o ódio para com esta Mãe Imaculada; Portanto, esta quarta blasfémia refere-se à perversão das crianças pelos inimigos de Nossa Senhora.

Quinta blasfémia: Dos que A ultrajam directamente nas Suas sagradas imagens. Estes dois últimos pecados não são mais do que a consequência lógica dos três primeiros, e estão frequentemente unidos a eles. O desprezo pela Imaculada Sempre Virgem Maria e o desrespeito pelas suas santas imagens vindos do Protestantismo passam de pais a filhos nestas falsas religiões.

Infelizmente, hoje esta ignorância e frieza não se aplicam apenas a não-Católicos. Desde a altura do Concílio Vaticano II, demasiados Católicos – inclusive um número assustador de clérigos e religiosos – têm ignorado estas grandes verdades marianas reiteradas por Deus Onnipotente.

O Padre Richard, um promotor da Mensagem de Fátima em França, comenta a este respeito: “Quem poderia ter imaginado, há 50 anos, que estas cinco grandes ofensas contra a Virgem Maria se estenderiam ao seio do clero da própria Igreja Católica, e que um grande número de Baptizados e catequizados, até mesmo nas nossas Paróquias, já não sabe rezar a ‘Avé-Maria?’” O Padre Alonso viu-se na obrigação de fazer observações semelhantes.

A devoção dos Cinco Primeiros Sábados de Reparação é, claramente, uma devoção para o nosso tempo, e é agora mais necessária do que nunca, especialmente porque a própria Lúcia nos recordou que, sem reparação, muitas almas se perderão.

Este facto solene foi enfatizado pela Irmã Lúcia em Março de 1929, quando escreveu ao Padre Aparício:

“Não imagina V. Rv.cia quanto é grande a minha alegria em pensar na consolação que com esta devoção vão receber os Sagrados Corações de Jesus (e de Maria) assim como a lembrança dum número imenso de almas, que por meio desta amável devoção se vão salvar.

“Digo que se vão salvar, porque ainda não há muito tempo que o nosso Bom Deus, na Sua Infinita Misericórdia, me pediu para procurar, com sacrifícios e orações,

reparar de preferência o Imaculado Coração de Maria e suplicar, para as almas que contra Ele blasfemam, perdão e misericórdia, pois que, a estas almas, a Sua Divina Misericórdia não perdoa sem reparação...”¹

“De que modo faço as meditações”

É para nós uma bênção ter, da própria Irmã Lúcia e para nossa instrução, uma explicação de como ela fazia os Cinco Primeiros Sábados.

Temos que nos lembrar de que um aspecto central desta devoção é “fazer companhia a Nossa Senhora durante quinze minutos”. Não é necessário, de modo algum, meditar sobre todos os mistérios (15) do Rosário: pode escolher-se um deles, ou dois. Numa carta publicada pelo Padre Martins, a Irmã Lúcia escrevia-lhe:

“De que modo faço as meditações sobre os mistérios do Rosário, nos Primeiros Sábados: primeiro mistério, a Anunciação do Anjo S. Gabriel a Nossa Senhora. 1.º Prelúdio: Representar esse facto no meu espírito e ouvir o Anjo a saudar Nossa Senhora com estas palavras:

“-Avé, Maria, cheia de graça!” 2.º Prelúdio: Pedir a Nossa Senhora que infunda na minha alma um profundo sentimento de humildade.

“1.º Ponto: Meditarei no modo como o Céu proclama a Virgem Santíssima cheia de graça, bendita entre todas as mulheres e destinada a ser a Mãe de Deus.

“2.º Ponto: A humildade de Nossa Senhora, reconhecendo-Se e dizendo-Se a escrava do Senhor.

“3.º Ponto: Como devo imitar Nossa Senhora na Sua humildade; quais as minhas faltas, de orgulho e de soberba, com que mais costume desgostar a Nosso Senhor; e quais os meios que tenho de empregar para as evitar, etc.

“No segundo mês faço a meditação do segundo mistério gozoso; no terceiro mês, do terceiro, e assim sucessivamente, seguindo o mesmo método de meditação. Quando acabo estes Cinco Primeiros Sábados começo outros cinco, e medito sobre os mistérios dolorosos; depois, os gloriosos e, quando acabo estes, começo de novo com os mistérios gozosos.”²

A Irmã Lúcia deu-nos um exemplo. Conta-nos a grande necessidade de reparação e o pedido de Nossa Senhora de se fazer reparação pelas inúmeras blasfêmias dos homens ingratos, cujos pecados são espinhos que trespassam o Seu Imaculado Coração. Se considerarmos tudo isto, e ainda a grande promessa de salvação feita àqueles que cumprem estas simples condições, com certeza tomaremos a resolução de cumprir com fervor a devoção dos Cinco Primeiros Sábados; e não apenas uma vez, mas repetidas vezes, durante as nossas vidas.³

1 Pe António Maria Martins, S.J., *Fátima e o Coração de Maria*, Editorial Franciscana, Braga, 1985, p. 28, Cf. *Frère Michel de la Sainte Trinité The Whole Truth About Fatima*, Vol. II, p. 821.

2 *Cartas*, págs. 19-20. Infelizmente, o P.e Martins não indica a data desta carta. Cf. *Frère Michel de la Sainte Trinité, A magnífica promessa dos Cinco Primeiros Sábados*, págs. 27-28

3 Um belo e útil opúsculo colorido sobre a história e a devoção dos Cinco Primeiros Sábados foi publicado como o n.º 49 da ‘Cruzada de Fátima’: “A Magnífica Promessa dos Cinco Primeiros Sábados”. Está disponível em forma impressa no *The Fatima Center* ou online em <http://www.fatima.org/port/resources/5firstsat.asp>

Apêndice II:

A Consagração da Rússia não foi realizada

Há agora 60 anos que o Padre de Marchi escreveu este belo livro sobre Nossa Senhora de Fátima; no entanto, o pedido de Nossa Senhora da Consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria continua sem ser atendido.

O Papa João Paulo II consagrou o mundo a Nossa Senhora de Fátima em 1982, 1984, 1991, e 2000. Embora estas consagrações obtivessem para o mundo inúmeras graças, seja como for, não cumpriram aquilo que Nossa Senhora pediu.

A Irmã Lúcia era coerente no seu testemunho: a consagração que Nossa Senhora pediu foi intencionada de ser para a Rússia, não para o mundo.

Sem esta consagração, a Rússia não se converterá e o mundo não terá a paz. Este facto deve enfatizar-se nos nossos tempos contemporâneos, quando as guerras e rumores de guerras estão a crescer continuamente, e a desolação potencial que é causada pelas armas poderosas da guerra moderna excede de longe coisa alguma nunca experimentada na História.

Por isso é útil voltar a ver o testemunho coerente da Irmã Lúcia acerca do pedido de Nossa Senhora de que o Papa em união com todos os Bispos do mundo, consagrem a Rússia ao Seu Imaculado Coração. O pedido da Consagração da Rússia tem a sua origem ao próprio início das visitas de Nossa Senhora a Fátima.

Em 13 de Julho de 1917, em Fátima, no mesmo dia em que Ela mostrara aos Pastorinhos a visão do Inferno, Nossa Senhora prometeu voltar para pedir a Consagração da Rússia.

Fiel à sua palavra, a Santíssima Virgem voltou a visitar a Lúcia em 13 de Junho de 1929, em Tui (Espanha). A Lúcia, naquela altura uma freira de Santa Doroteia com o nome de Irmã Maria das Dores (só veio a ser carmelita em 1948), estava a rezar na capela conventual com ocasião de uma Hora Santa de Adoração e Reparação. O pedido da Consagração da Rússia foi acompanhado por uma visão muito singular da Santíssima Trindade. A Irmã Lúcia escreve:

“Eu tinha pedido e obtido licença das minhas Superiores e Confessor para fazer a Hora Santa das 11 à meia-noite, de quintas para sextas-feiras. Estando uma noite só, ajoelhei-me entre a balaustrada, no meio da capela, a rezar, prostrada, as Orações do Anjo. Sentindo-me cansada, ergui-me e continuei a rezá-las com os braços em cruz. A única luz era a da lâmpada.

“De repente iluminou-se toda a Capela com uma luz sobrenatural e sobre o Altar apareceu uma Cruz de luz que chegava até ao tecto. Em uma luz mais clara via-se, na parte superior da cruz, uma face de homem com corpo até à cinta, sobre o peito uma pomba também de luz e, pregado na cruz, o corpo de outro Homem.

“Um pouco abaixo da cinta, suspenso no ar, via-se um cálix e uma hóstia grande, sobre a qual caíam algumas gotas de sangue que corriam pelas faces do Crucificado e de uma ferida do peito. Escorregando pela Hóstia, essas gotas caíam dentro do Cálix. Sob o braço direito da cruz estava Nossa Senhora [era Nossa Senhora de Fátima com o Seu Imaculado Coração na mão esquerda]... Sob o braço esquerdo (da Cruz), umas letras grandes, como se fossem de água cristalina que corresse para cima do Altar, formavam estas palavras: *‘Graça e Misericórdia’*.

Tal como o Milagre do Sol, não há fenómeno algum semelhante que antes fosse alguma vez presenciado. É assim que o próprio Deus quis significar a suprema importância de que Nossa Senhora de Fátima estava pronta a dizer à Irmã Lúcia na presença milagrosa da Santíssima Trindade:

“É chegado o momento em que Deus pede para o Santo Padre fazer, em união com todos os Bispos do Mundo, a consagração da Rússia ao Meu Imaculado Coração, prometendo salvá-la por este meio.”

O Próprio Deus o pediu. A Irmã Lúcia recebeu este pedido dos lábios da Mãe de Deus, falando em Nome de Deus, na presença da Divindade, a Santíssima Trindade. A gravidade imensa do pedido está, com certeza, além da nossa compreensão.

A Irmã Lúcia imediatamente comunicou o pedido divino ao seu Confessor, o Padre José Bernardo Gonçalves, tal como está documentado na sua correspondência com ele já publicada.

Durante os setenta e cinco anos que se seguiram – a própria Irmã Lúcia que não negaria a verdade de Fátima ainda quando encarcerada e ameaçada pelo Administrador maçónico de Ourém com uma morte horripilante – deu o mesmo testemunho: Nossa Senhora, como Mensageira de Deus, pedira a Consagração solene e pública da Rússia ao Seu Imaculado Coração numa cerimónia que deve ser realizada pelo Papa em união com todos os Bispos do mundo.

Através da sua vida, a Irmã Lúcia permaneceu firme em asseverar que Nossa Senhora não tinha pedido ao Papa para consagrar o mundo, mas sim a Rússia.

Em 18 de Maio de 1936, a Irmã Lúcia escreveu ao seu confessor, o Padre Gonçalves, em resposta à sua pergunta: “Devo insistir ainda na consagração da Rússia?” Ela respondeu:

“Se é conveniente insistir? Não sei...Intimamente, tenho falado a Nosso Senhor do assunto; e há pouco perguntava-Lhe porque não convertia a Rússia sem que Sua Santidade fizesse essa consagração. ‘Porque quero que toda a Minha Igreja reconheça essa consagração como um triunfo do Coração Imaculado de Maria, para depois estender o Seu culto e pôr, ao lado da devoção do Meu Divino Coração, a devoção deste Imaculado Coração.’”

No 24 de Outubro de 1940 a Irmã Lúcia recebeu uma ordem de um dos seus directores espirituais, o Bispo de Gurza, para escrever ao Papa e pedir a consagração do mundo com “menção especial” da Rússia. A medida do Bispo era uma tentativa de conseguir que o Papa fizesse algo pelo menos em forma de uma consagração, porque durante os onze anos anteriores Pio XI e Pio XII ignoraram repetidas vezes os pedidos de consagrar a Rússia.

A correspondência da Irmã Lúcia revela que ela se perturbava por esta instrução, porque sabia que Nossa Senhora tinha pedido só a consagração da Rússia, não do Mundo. No entanto, porque estava sob santa obediência, a Irmã Lúcia recorreu ao Senhor na oração perante o Santíssimo Sacramento exposto, para lhe perguntar o que deveria fazer.

Nosso Senhor respondeu-lhe que, se o Papa fizesse o que o Bispo de Gurza lhe tinha pedido, recompensaria este acto abreviando os dias da 2ª Grande Guerra, mas que não acarretaria a paz no mundo inteiro, como teria logrado a consagração explícita da Rússia pelo Papa,+ juntamente com todos os Bispos. Por isso, em 2 de Dezembro de 1940, a Irmã Lúcia escreveu ao Papa pedindo a consagração do Mundo com menção especial da Rússia.

É claro que a consagração do Mundo como depois foi realizada por Pio XII não era o que Nossa Senhora pedira. A Irmã Lúcia confirmou-o numa carta que escreveu ao Padre Umberto Pasquale décadas depois, em 13 de Abril de 1980, em que ela explicou que fez este pedido em 1940 apenas sob obediência ao seu confessor, mas que a consagração do Mundo não é o que Nossa Senhora especificara como condição para a conversão da Rússia e a paz ser concedida a todo o Mundo.

Não obstante, em 31 de Outubro de 1942, e outra vez em 8 de Dezembro de 1942, o

Papa Pio XII consagrou o Mundo, com uma menção oblíqua da Rússia, e Nosso Senhor cumpriu por isso a sua promessa de abreviar a 2ª Grande Guerra. Testemunho indireto disto vem de Winston Churchill. Na sua obra em seis volumes sobre a 2ª Grande Guerra, Churchill escreveu que no início de 1943 (quase imediatamente depois da consagração realizada por Pio XII) “as dobradiças do destino” tornaram a favor dos Aliados e que depois disso, os Aliados ganharam quase todas as batalhas, enquanto antes disso, quase sempre as tinham perdido.

Nosso Senhor também confirmou a sua promessa durante a Quaresma de 1943, quando disse à Irmã Lúcia que embora “a aflição presente (isto é, a 2ª Grande Guerra) seria abreviada” por causa da consagração do Mundo feita pelo Papa Pio XII, a paz no Mundo inteiro não seria concedida sem a consagração explícita da Rússia feita pelo Papa juntamente com os Bispos.

Pouco tempo depois, em 15 de Julho de 1946, o eminente autor e historiador William Thomas Walsh entrevistou Irmã Lúcia, e conta isso na sua grande obra *Our Lady of Fatima* (um livro que se vendeu em mais de um milhão de exemplares). Durante a entrevista, que se encontra ao final do livro, o Senhor Walsh perguntou-lhe diretamente sobre o procedimento correto para a consagração:

“Chegámos finalmente ao assunto importante do segundo segredo de Julho, do qual têm sido publicadas tantas versões diferentes e contraditórias. Lúcia disse claramente que Nossa Senhora não pediu a Consagração do mundo ao Seu Imaculado Coração. O que Ela pediu expressamente foi a Consagração da Rússia. Não comentou, evidentemente, o facto de o Papa Pio XII ter consagrado o mundo, e não a Rússia, ao Imaculado Coração em 1942. Mas disse mais do que uma vez, e com ênfase deliberada:

‘O que Nossa Senhora quer é que o Papa e todos os Bispos do mundo consagrem a Rússia ao Seu Imaculado Coração num dia especial. Se isto se fizer, Ela converterá a Rússia e teremos paz. Se não se fizer, os erros da Rússia espalhar-se-ão por todos os países do mundo’.¹

A Irmã Lúcia é clara e franca. A consagração colegial pedida pelo Céu é a Consagração da Rússia, não do Mundo, e deve ser celebrada pelo Papa em união com os Bispos do Mundo no mesmo dia.

Há também a revelação pouco conhecida de Nossa Senhora comunicada à Irmã Lúcia no início dos anos 50, e que se publicou em “*Il Pellegrinaggio delle Meraviglie*”, um livro autorizado pelo Episcopado católico de Itália. A Santíssima Virgem Maria apareceu à Irmã Lúcia em Maio de 1952 e disse:

“Faz saber ao Santo Padre que *continuo à espera da Consagração da Rússia ao Meu Imaculado Coração. Sem a Consagração, a Rússia não poderá converter-se, nem o mundo terá paz*”²

Assim, 10 anos depois da consagração do Mundo de 1942 do Papa Pio XII, testemunhamos que Nossa Senhora recordou à Irmã Lúcia que a Rússia não se converterá nem haverá paz a menos que e até que a Rússia seja consagrada pelo seu nome.

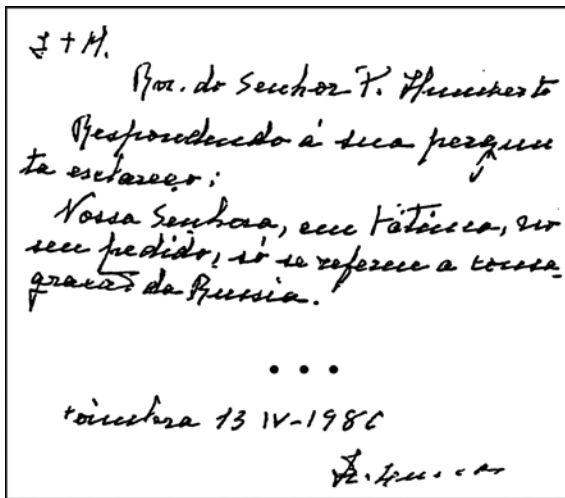
Trinta anos depois, em 1982, o testemunho da Irmã Lúcia permanece tenaz. Em 12 de Maio de 1982, o dia antes da tentativa de consagração de 1982, o jornal vaticano *L'Osservatore Romano* publicou uma entrevista da Irmã Lúcia feita pelo Padre Umberto

¹ William Thomas Walsh, *Our Lady of Fatima*, Image-Doubleday, Nova Iorque, *Imprimatur* 1947, p. 221.

² *Il Pellegrinaggio delle Meraviglie*, p. 440, Roma, 1960. Esta mesma obra, publicada com autorização do Episcopado italiano afirma que esta mensagem foi comunicada ao Papa Pio XII em Junho. Também, Cónego Barthas mencionou essa aparição na sua comunicação ao Congresso mariológico de Lisboa-Fátima em 1967; ver *De Primordiis cultus mariani, Acta congressi mariologici-mariani in Lusitania anno 1967 celebrati*, p. 517, Roma, 1970. Ver *Fatima: Tragedy and Triumph*, pp. 21 e 37.

Maria Pasquale, um padre salesiano, na que ela disse ao Padre Pasquale que Nossa Senhora nunca pedira a consagração do mundo, antes somente a da Rússia:

“Em certa altura, disse-lhe: ‘Irmã, gostava de lhe fazer uma pergunta. Se não poder responder-me, paciência! Mas se puder responder, ficava-lhe muito grato... Nossa Senhora alguma vez lhe falou da Consagração **do mundo** ao Seu Imaculado Coração?’



J + M.
Sr. do Senhor P. Pasquale
Responderdo a' sua pergunta
ta esclareço:
Nossa Senhora, eccu fátimica, vir
seu pedido, só se referece a concessão
da Rússia.
...
Coimbra 13 IV-1980
Lúcia

“**Não**, Senhor Padre Umberto! **Nunca!** Na Cova da Iria, em 1917, Nossa Senhora prometeu: **Virei pedir a Consagração da Rússia...** Em 1929, em Tui, tal como prometera, Nossa Senhora voltou para me dizer que tinha chegado o momento de pedir ao Santo Padre a Consagração **daquele país** (a Rússia).”

O testemunho foi confirmado pela Irmã Lúcia depois desta conversa numa carta escrita à mão ao Padre Pasquale, que o sacerdote também publicou (ver a reprodução fotográfica). A carta transcrita lê:

“Reverendo Padre Umberto, em resposta à sua pergunta, esclareço que Nossa Senhora de Fátima, no Seu pedido, referiu-se apenas à Consagração da Rússia... - Coimbra, 13 de Abril de 1980 (assinado) Irmã Lúcia”

Outra vez, no 19 de Março de 1983 ao pedido do Santo Padre, a Irmã Lúcia se encontrou com o Núncio Apostólico Portalupi, o Dr. Lacerda e o Padre Messias Coelho. Durante a reunião, a Irmã Lúcia confirmou que a consagração do Papa João Paulo de 1982 não cumpriu os pedidos de Nossa Senhora. A Irmã Lúcia disse:

“No ato de oferenda de 13 de Maio de 1982, a Rússia não aparecia como sendo o objeto da consagração. E os Bispos não organizaram, cada um na sua diocese, uma cerimónia pública e solene de reparação e de Consagração da Rússia. O Papa João Paulo II simplesmente renovou a Consagração do mundo, feita por Pio XII em 31 de Outubro de 1942. Podemos esperar alguns benefícios desta consagração, mas não a conversão da Rússia.”

E ela concluiu: “**A Consagração da Rússia não foi feita como Nossa Senhora a pediu.** Não pude dizer isso porque não tinha autorização da Santa Sé.”³

Um ano mais tarde, no 25 de Março de 1984, o Papa João Paulo II fez um Ato de Oferecimento no que mais uma vez consagrou “o mundo”, e não a Rússia. Tal como na consagração de 1982, “os Bispos não organizaram, cada um na sua diocese, uma cerimónia pública e solene de reparação e de Consagração da Rússia.”

Frère François, perito de Fátima, escreve: “Nos meses que se seguiram ao Ato de Oferecimento do 25 de Março de 1984, que era apenas uma renovação do ato de 1982, os peritos principais sobre a Mensagem de Fátima concordaram em afirmar que a Consagração da Rússia não foi feita como o Céu a quer.”

Tal era também a convicção do Padre António Maria Martins,⁴ e do Padre Messias Coelho quem, na véspera do 25 de Março de 1984 tinha anunciado no seu jornal

3 Relatado num artigo pelo Padre Pierre Caillon de Centre Saint-Jean, 61500 Sées, (Orne), França. Este artigo foi publicado no jornal mensal *Fidélité Catholique*, B.P. 217, 56402 Auray Cedex, França. Tradução inglesa em *The Fatima Crusader*, N° 13-14 (Outubro- Dezembro de 1983), p. 3

4 Ver *Fátima e o Coração de Maria*, pp. 101-102.

Mensagem de Fátima do qual era editor, “Consagração da Rússia: ainda não será esta vez”. Disse isto, embora reconheceu: “é certo que tem mais que menos.” Aparentemente, por isso, a ‘consagração do mundo’ talvez desse a impressão de ter o poder de tomar o lugar de uma consagração especificamente da Rússia.”⁵

Lembremos que ‘consagrar’ significa dedicar e pôr aparte uma pessoa (ou pessoas), um lugar ou uma coisa para um propósito santo. A Consagração da Rússia significa que a Rússia (a Nação da Rússia) é distinguida e posta aparte do resto do mundo e que será dedicada ao serviço do Imaculado Coração de Maria.

Por isso é claro que a Consagração da Rússia precisa de especificar e distinguir a Rússia do resto do mundo. Em resumo, uma Consagração da Rússia precisa de nomear a Rússia na Oração de Consagração. É um facto inegável e São Tomás de Aquino diz: “Contra um facto não há argumentos”. Além disso, temos também o testemunho da própria Irmã Lúcia.

Na quinta-feira, 22 de Março de 1984, dois dias antes do Ato de Oferecimento, o Carmelo de Coimbra estava a celebrar o 77º aniversário da própria Irmã Lúcia. Ela recebeu esse dia, como era o seu costume, a sua velha amiga a Senhora Eugénia Pestana. Depois de saudar calorosamente a sua amiga carmelita, a Senhora Pestana perguntou-lhe: “Então, Lúcia, Domingo será a Consagração”? A Irmã Lúcia, que já tinha recebido e lido o texto da fórmula da consagração do Papa, fez um gesto negativo e declarou: “Essa consagração não pode ter um carácter decisivo”.⁶

O “carácter decisivo”, que é a prova de uma consagração adequada, é a conversão milagrosa da Rússia.

Hoje, deve sublinhar-se porque muitos estão confundidos sobre esta questão pelo falso ecumenismo que a conversão da Rússia significa conversão ao Catolicismo. Isto não é apenas senso comum, mas também se encontra no testemunho do Padre Joaquín Maria Alonso, o perito de Fátima talvez o mais importante do século XX. O Padre Alonso, que entrevistou frequentemente à Irmã Lúcia, escreveu em 1976:

“...poderíamos dizer que a Lúcia pensou sempre que a ‘conversão’ da Rússia não se entende só como um retorno dos povos da Rússia à religião cristã-ortodoxa, rejeitando o ateísmo marxista e ateu dos soviéticos, mas que se refere pura e simplesmente à conversão total e integral de um retorno à única e verdadeira Igreja, a Católica-Romana.”⁷

Numa entrevista de 1985 ao *Sol de Fátima*, a Irmã Lúcia foi perguntada se o Papa tinha cumprido o pedido de Nossa Senhora quando consagrou o mundo em 1984. A Irmã Lúcia respondeu:

“*Não houve a participação de todos os Bispos nem se mencionou a Rússia.*” Ela foi perguntada então: “*De modo que não foi feita a consagração como a pediu a Virgem?* – ao que Ela respondeu, “*Não. Muitos Bispos não deram importância a este ato.*”⁸

Até o Padre René Laurentin, bem conhecido pelas suas opiniões progressistas, admitiu em 1986, “A Irmã Lúcia permanece insatisfeita⁹ ...A Lúcia parece pensar que a consagração ‘não foi feita’ como Nossa Senhora a quer.”¹⁰

5 *Fatima, Tragedy and Triumph*, pp. 172-173.

6 *Ibid* pp. 167-168

7 Dr Joaquín María Alonso C.M.F. *La verdad sobre el Secreto de Fátima, Fátima sin mitos*, 2ª edição, Ejército Azul, Madrid, 1988, p. 78

8 Do artigo “Con María a la Victoria”, *Sol de Fátima*, Nº 103, Setembro-Outubro de 1985, p. 8

9 *Chrétien-Magazine*, Março de 1987, Nº 8. Citado em *Fatima: Tragedy and Triumph*, p. 189.

10 Padre Laurentin, *Multiplication des apparitions de la Vierge aujourd’hui*, p. 45. Fayard, Setembro de 1988. Citado em *Fatima: Tragedy and Triumph*, p. 189.

Depois, em 20 de Julho de 1987, a Irmã Lúcia foi entrevistada rapidamente fora do seu convento, quando foi votar. Naquela altura ela disse ao jornalista Enrique Romero que a consagração da Rússia não foi feita como foi pedida.¹¹

Muitos mais testemunhos se poderiam dar sobre este ponto e o mais poderoso é que o mundo não foi abençoado com a paz ainda depois da consagração do mundo do Papa João Paulo II. Temos visto guerras em Kosovo, Somália, El Salvador, o ataque contra as Torres Gémeas nos EUA, as guerras no Iraque e Afeganistão, a guerra entre a Rússia e Geórgia (que provocou até jornalistas seculares em finais do verão de 2008 a admitirem que “a guerra fria nunca acabou”¹²), e há mais rumores de guerras vindouras.

Não vemos nenhuma indicação de conversão à Fé católica na Rússia. É um país onde a religião mais popular é a Ortodoxia, que é cismática. Eles rejeitam muitas verdades Católicas, incluindo aquelas do Papado e da Conceição Imaculada. A religião secundariamente mais popular é o Islão, a que se segue um conjunto de denominações protestantes. O Catolicismo é ainda uma religião minoritária na Rússia, igualando em número a seitas pequenas tais como as Testemunhas de Jeová, os Mórmones, os Quacres, os Hare Krishnas, os Moonies, a Igreja de Unificação e a Igreja das Cientistas Cristãos.¹³

A imoralidade está desenfreada na Rússia, incluso com uma taxa de divorcio que iguala a dos EUA. Em 1998, 14 anos depois da consagração do mundo de 1984, a Divisão de Investigação Federal da Biblioteca do Congresso Americano afirmou que a Rússia tinha a taxa de abortos mais alta do mundo – 3.5 milhões de abortos na Rússia cada ano.¹⁴

É por isso impossível concordar com aqueles que pretendem que “qualquer discussão e ulterior petição pela Consagração da Rússia não tem fundamento.”

“Ora muito pelo Santo Padre”, Jesus disse à Irmã Lúcia. Ele há-de fazê-la, mas será tarde!” Quão tarde será, e se será possível evitar as consequências terríveis da aniquilação das nações, depende de nossas orações e sacrifícios.

E tudo depende, afinal de contas, dos homens a quem Nosso Senhor se refere como “Meus ministros”. Isto é – o Papa e os Bispos da Igreja Católica – que têm o poder e o dever de atender aos pedidos de Nossa Senhora de consagrar a Rússia e assim evitar a aniquilação de “várias nações” como um castigo pelos pecados da humanidade, que é uma das últimas advertências incumpridas da profecia de Fátima.

Por isso é que a estes próprios ministros devemos pedir que cumpram o que o Papa João Paulo II insinuou ser o dever imposto sobre a Igreja por Nossa Senhora de Fátima.

Não deixemos esquecer-nos nunca da promessa profética de Nossa Senhora: “Por fim, o Meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-Me-á a Rússia, que se converterá, e será concedido ao mundo algum tempo de paz.”

A Mensagem de Fátima insta-nos a rezar pela Consagração da Rússia de tal modo que este triunfo venha depressa e a aniquilação das nações seja evitada. Nosso Senhor nos disse, “Nunca será tarde demais para recorrer a Jesus e a Maria.” Nossa Senhora de Fátima insta-nos a rezar, especialmente o Terço, porque nos disse em Fátima, “Só Nossa Senhora do Rosário lhes poderá valer.”

11 Este testemunho da Irmã Lúcia relatou-se na edição de Agosto de 1985 de *Para Ti* publicado em Argentina. Ver *Escravidão do Mundo o Paz...a Decisão é do Papa*, do Padre Nicholas Gruner (Immaculate Heart Publications, 1989), pp. 212-213.

12 Dr Ivan Eland, do Instituto Independente, que foi Diretor dos Estudos da Política de Defesa no Instituto Cato e que passou 15 anos trabalhando para o Congresso Americano em questões da segurança nacional, assinalou em 15 de Agosto, “...contrário à implicação da Secretária [Condoleezza] Rice, a Rússia não está voltando à Guerra Fria. *De fato, nunca acabou.*”. Ver “Crisis in the Caucasus”, *The Independent Institute*, 15 de Agosto de 2008

13 Mark Fellows, *Fatima in Twilight* (Niagara Falls: Marmion Publications, 2003), p. 288.

14 *Ibid*, p. 289.

Apêndice III

Compromisso para pedir a Paz

A Irmã Lúcia permaneceu na terra durante 87 anos depois da última aparição em Fátima a 13 de Outubro de 1917 – para explicar a Mensagem de Nossa Senhora de Fátima ao mundo; cumprindo assim as palavras proféticas que Nossa Senhora lhe dirigiu em 13 de Junho de 1917: “Jesus quer servir-Se de ti para Me fazer conhecer e amar.”

A Irmã Lúcia afirmou claramente que, se não atendermos aos pedidos de Nossa Senhora, o Comunismo escravizará o Mundo inteiro. Em resposta à pergunta: “O que deve fazer um Católico para que a Paz seja concedida ao Mundo, e para que o Comunismo seja derrotado e a aniquilação das nações evitada?” A Irmã Lúcia deu a seguinte Fórmula do Compromisso para pedir a Paz:

Querida Rainha e Mãe, que em Fátima prometestes converter a Rússia e trazer a Paz a toda a humanidade, em reparação ao Vosso Imaculado Coração pelos meus pecados e pelos do mundo inteiro, eu Vos prometo solenemente: 1) Oferecer todos os dias os sacrifícios exigidos pelos meus deveres quotidianos; 2) Rezar um Terço todos os dias enquanto medito nos mistérios; 3) Usar o Escapulário de Nossa Senhora do Carmo, como profissão deste Compromisso e como um acto de consagração a Vós. Renovarei este Compromisso frequentemente, em especial nos momentos de tentação.*

Assinatura.....

(Este Compromisso não é um voto e por isso não vincula sob pena de pecado. Não obstante, é um Compromisso – é a sua palavra dada à sua Mãe do Céu.)

*Nota: os Católicos baptizados podem ser oficialmente investidos no Escapulário para ganhar a Promessa do Escapulário. Qualquer não-católico pode usar o Escapulário de Nossa Senhora do Carmo, e receberá bênçãos por o ter feito.

São Pio de Pietrelcina dizia que, quando um número suficiente de pessoas cumprisse este Compromisso, Nossa Senhora de Fátima converteria a Rússia e traria a verdadeira Paz ao mundo. Querirá o Leitor dar a sua palavra a Nossa Senhora assinando s.f.f. este Compromisso e unindo-se assim a esta Cruzada de Fátima pela Paz no Mundo?

Palavras de Nossa Senhora de Fátima sobre o Santíssimo Rosário

+ Rezem o Terço todos os dias, para alcançarem a Paz para o mundo e o fim da guerra.
... 13 de Maio de 1917

+ Quero que venhais aqui no dia 13 do mês que vem, que rezeis o Terço todos os dias.
... 13 de Junho de 1917

+ Quero que venham aqui no dia 13 do mês que vem, que continuem a rezar o Terço todos os dias em honra de Nossa Senhora do Rosário, para obter a Paz do mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer... 13 de Julho de 1917

+ Quero que continueis a rezar o Terço todos os dias. ... 19 de Agosto de 1917

+ Continuem a rezar o Terço para alcançarem o fim da guerra. ... 13 de Setembro de 1917

+ Eu sou a Senhora do Rosário. Continuem sempre a rezar o Terço todos os dias. ... 13 de Outubro de 1917

+ Tu, ao menos, vê de Me consolar e diz que, a todos aqueles que durante cinco meses (seguidos) no primeiro Sábado, se confessarem, recebendo a Sagrada Comunhão,

rezarem um Terço e Me fizerem 15 minutos de companhia, meditando nos 15 Mistérios do Rosário com o fim de Me desagrar, Eu prometo assistir-lhes à hora da morte com todas as graças necessárias para a salvação destas almas. ... 10 de Dezembro de 1925.

Nossa Senhora à Irmã Lúcia, em Pontevedra

Acto de Consagração ao Imaculado Coração de Maria

Nossa Senhora de Fátima, Rainha do Céu e da terra, consagro-me ao Vosso Imaculado Coração. A Vós consagro o meu coração, a minha alma, a minha família e tudo o que tenho.

Renovo hoje os Compromissos do meu Baptismo; e prometo viver como um bom Cristão – fiel a Deus, acreditando e vivendo sempre a Fé Católica. Resolvo rezar o Terço todos os dias, receber a Sagrada Comunhão dignamente, praticar os Primeiros Sábados do mês, e oferecer sacrifícios pela conversão dos pecadores.

Ó Santíssima Virgem, eu rezo para que a devoção ao Vosso Imaculado Coração seja difundida de tal modo que todas as almas se consagrarem verdadeiramente a Vós, e que, pela Vossa própria intercessão, se apresse o advento do Reino de Nosso Senhor Jesus Cristo no mundo. Peço-Vos, querida Mãe, que aceiteis esta consagração e que me abençoeis a mim e à minha família. Amen.

A Irmã Lúcia fala sobre o Terço

“A Santíssima Virgem, nestes últimos tempos em que vivemos, deu uma nova eficácia à oração do Santo Rosário. De tal maneira que agora não há problema, por mais difícil que seja, seja temporal ou, sobretudo, espiritual – que se refira à vida pessoal de cada um de nós; ou à vida das nossas famílias, sejam as famílias do mundo sejam as Comunidades Religiosas; ou à vida dos povos e das nações –, não há problema, repito, por mais difícil que seja, que não possamos resolver agora com a oração do Santo Rosário.”

“Com o Santo Rosário nos salvaremos, nos santificaremos, consolaremos a Nosso Senhor e obteremos a salvação de muitas almas.”

As Sete Orações de Fátima

As Duas Orações Ensinadas pelo Anjo:

+ “Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam!”

+ “Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o Preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E, pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.”

As Três Orações Ensinadas por Nossa Senhora:

+ “Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento.”

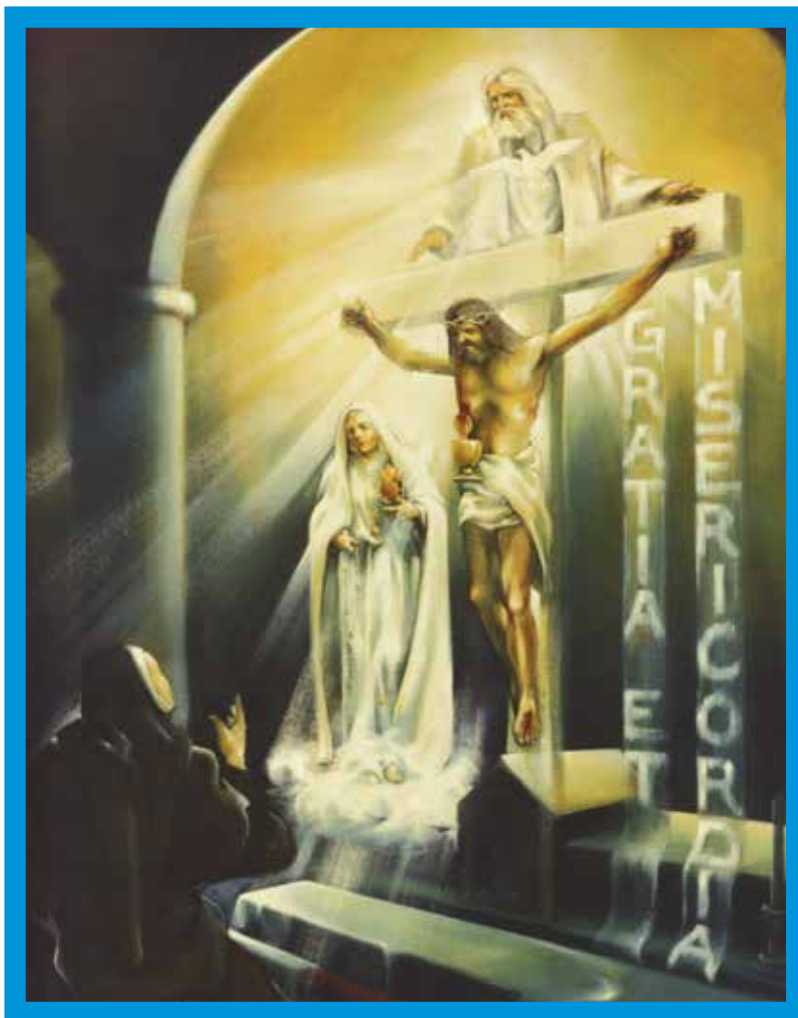
+ “Ó meu Jesus! Perdoai-nos e livrai-nos do fogo do Inferno, levai as alminhas todas para o Céu, principalmente as que mais precisarem.”

+ “Ó Jesus! É por Vosso amor, pela conversão dos pecadores, e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria, que Vos ofereço este sacrifício”

As Duas Orações Ensinadas por Nosso Senhor:

+ “Doce Coração de Maria, sede a salvação da Rússia, de Espanha, de Portugal, da Europa e do Mundo inteiro.”

+ “Pela Vossa pura e Imaculada Conceição, ó Maria, alcançai-me a conversão da Rússia, de Espanha, de Portugal, da Europa e do Mundo inteiro.”



A Santíssima Trindade e a Santíssima Virgem Maria aparecem à Irmã Lúcia na Capela do seu Convento em Tui, em 13 de junho de 1929.

A Irmã Lúcia descreve a visão como se segue:

“De repente iluminou-se toda a Capela com uma luz sobrenatural e sobre o Altar apareceu uma Cruz de luz que chegava até ao tecto. Em uma luz mais clara via-se, na parte superior da cruz, uma face de homem com corpo até à cinta, sobre o peito uma pomba também de luz e, pregado na cruz, o corpo de outro Homem.

“Um pouco abaixo da cinta, suspenso no ar, via-se um cálix e uma hóstia grande, sobre a qual caíam algumas gotas de sangue que corriam pelas faces do Crucificado e duma ferida do peito. Escorregando pela Hóstia, essas gotas caíam dentro do Cálix. Sob o braço direito da cruz estava Nossa Senhora [era Nossa Senhora de Fátima com o Seu Imaculado Coração na mão esquerda]... Sob o braço esquerdo, (da Cruz) umas letras grandes, como se fossem de água cristalina que corresse para cima do Altar, formavam estas palavras: ‘Graça e Misericórdia’.

“Depois Nossa Senhora disse-me:

(Veja-se o resto da descrição nas páginas 93 e 94.)



“A Virgem Santíssima está muito triste, por ninguém fazer caso da Sua Mensagem, nem os bons nem os maus.” ... *Irmã Lúcia de Fátima*

Caso queira efetuar qualquer donativo, o nº de conta para depósito ou transferência bancária é o seguinte na Caixa Geral de Depósitos: IBAN PT50 00350 2960000077043077

Para conseguir mais exemplares deste livro, do folheto *Reze o Terço*, do tratado *Uma Visão do Mundo Baseada em Fátima*, ou para mais informações sobre FÁTIMA escreva-nos para

**Cruzada Internacional do Rosário de Fátima
Apartado 4032, 3030-901 Coimbra, Portugal
The Fatima Center
Nos EUA – P.O. Box 1470, Buffalo, NY 14240
No Canadá – 452 Kraft Road, Fort Erie, ON L2A 4M7
www.fatima.org · E-mail: info@fatima.org
Telefone: 1-905-871-7607 | Fax: 1-905-994-7054**